

**FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO DOUTORADO**

MARINEZ DOMENEGHINI HILLEBRAND

**DANDO VOZ ÀS MULHERES PARTICIPANTES
DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO:
CONTRADIÇÕES E DESAFIOS PARA A
PRÁTICA ESPORTIVA**

**Porto Alegre
2007**

MARINEZ DOMENEGHINI HILLEBRAND

**DANDO VOZ AS MULHERES PARTICIPANTES DO
ESPORTE UNIVERSITÁRIO: CONTRADIÇÕES
E DESAFIOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA**

Tese de Doutorado apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em Serviço Social no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dr. Patrícia Krieger Grossi

Porto Alegre

2007

MARINEZ DOMENEGHINI HILLEBRAND

**DANDO VOZ AS MULHERES PARTICIPANTES DO
ESPORTE UNIVERSITÁRIO: CONTRADIÇÕES
E DESAFIOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Serviço Social no
Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em:.....de.....de 2007

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dr. Patrícia Krieger Grossi
PUC-RS

Profa. Dr. Stella Nazareth Meneghel
UNISINOS

Profa Dr. Marlene Neves Strey
PUC-RS

Profa. Dr. Gleny Terezinha Duro Guimarães
PUC-RS

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Patrícia Krieger Grossi, minha orientadora, pelas horas dedicadas à orientação desta pesquisa;

À Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, na pessoa de sua Coordenadora, Prof. Dra. Berenice Rojas Couto, pelo trabalho desenvolvido na condução do Curso;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, pela sua dedicação e pelos conhecimentos transmitidos;

Ao Centro Esportivo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na pessoa de sua Diretora, Profa. Dr. Sônia Beatriz da Silva Gomes, que permitiu o acesso às atletas participantes do estudo;

Aos Coordenadores das Equipes Universitárias e às atletas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela cooperação com o projeto de pesquisa;

Ao estatístico, Prof. Dr. João Feliz de Moraes, pelo importante trabalho de análise estatística dos dados coletados;

Aos membros da banca examinadora de meu trabalho, Profa. Dr. Stella Meneghel, Profa. Dr. Marlene Neves Strey e Profa. Dr. Gleny Guimarães, por seu exame criterioso do estudo realizado;

Aos meus colegas, que me acompanharam nessa jornada de criação e busca de conhecimento;

À minha família, que foi a inspiração para a realização deste trabalho;

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

“Cerca de 90% das coisas em nossas vidas estão certas e cerca de 10% estão erradas.
Se quisermos ser felizes, tudo o que temos a fazer é nos concentrarmos nas 90% que estão certas e ignorar as outras 10%. Se quisermos nos tornar amargos, tudo o que temos a fazer é nos concentrarmos na porcentagem de coisas erradas, ignorando as certas”.

Dale Carnegie

“Se o homem vive na ilusão de que pode fazer tudo o que lhe apetece sem que nunca venha a sofrer as conseqüências de seus atos, logo compreenderá que esses atos, quando não nobres nem puros, só poderão lhe acarretar sofrimentos”.

Buda

RESUMO

Este estudo pioneiro quanti-qualitativo, realizado no Parque Esportivo da PUC/RS entre abril e setembro de 2006, teve por objetivo compreender como a prática esportiva influenciou a qualidade de vida de 43 mulheres voluntárias e participantes do Esporte Universitário na PUC/RS. Desse total, 12 praticavam handebol; 11, futsal; 10, basquetebol; e 10, voleibol, com idades entre 17 e 26 anos. Na primeira fase do estudo, todas as participantes responderam a uma ficha de informações, a um Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL) e a uma ficha de dados complementares. Na segunda fase, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada com quatro perguntas. Os dados coletados foram submetidos a uma avaliação estatística e a uma análise de conteúdo. Os resultados encontrados mostraram que essas mulheres possuem uma boa percepção de sua qualidade de vida para os cinco domínios avaliados pelo questionário (físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e geral). Dados como melhora da auto-estima, saúde e organização, bem como a ampliação do leque de amigos e da capacidade de trabalhar em grupo, coletados por meio das entrevistas, reforçaram essa percepção positiva da qualidade de vida. Esses achados estão em concordância com os da literatura, tanto nacional como internacional, sobre a importância do esporte como um fator de promoção da saúde e de inclusão social, levando a uma melhoria da qualidade de vida da população em geral. Também demonstrou-se que a aplicação do questionário foi insuficiente para uma coleta abrangente dos dados. A entrevista semi-estruturada com análise de conteúdo possibilitou o encontro de contradições entre o discurso e a prática esportiva dentro da universidade. Esforços, visando a superação de obstáculos, como a falta de apoio técnico e financeiro e os preconceitos de gênero envolvidos com a prática de determinados esportes por parte das mulheres, devem ser prioritários e mobilizar toda a sociedade, reforçando a importância da criação de mais e melhores políticas públicas e privadas para o esporte.

Palavras-chave: Qualidade de Vida. Mulheres. Esporte Universitário.

ABSTRACT

The present pioneer quantitative and qualitative study, performed in the PUC/RS Sports Complex during the months from April to September 2006, aimed at understanding how the practice of sports has influenced the quality of life of 43 women who have volunteered to take part in the University Sports Teams of PUC/RS. From the total of volunteers, 12 were handball players, 11 were indoors football players, 10 were basketball players, and 19 were volleyball players. All the volunteers were aged between 17 and 26 years old. In the initial stage of the study, all the volunteers filled in an Information Form, and answered to a Quality of Life Assessment Questionnaire (in short, WHOQL) and to a data sheet for complementary information. During the second stage, the volunteers were submitted to a semi-structured interview containing four questions. The data was submitted to a statistical evaluation and an analysis of content. The findings have shown that these women are highly aware of their quality of life regarding the five dominions assessed through the questionnaire (physical, psychological, social relations, environment and general). Data such as the improvement of self-esteem, health and organizational skills, as well as the friendship network and the ability of team working, which was gathered during the interviews, have reinforced the positive perception of the quality of life. These findings are in accordance with the literature, both domestic and international, about the importance of sports as a factor that promotes health and social inclusion, leading to the enhancement of the quality of life of the general population. It has also been demonstrated that the questionnaire was insufficient for a comprehensive gathering of data. The semi-structured interview based on the analysis of contents has made it possible to confront the contradictions between the theory and the practice of sports inside the University. The efforts aiming at overcoming the obstacles, such as the lack of technical and financial support, as well as the gender biases related to the practice of specific sports by women, must become a priority in order to mobilize the society as a whole, thus reinforcing the creation of more and better public and private policies for the practice of sports.

Key-words: Quality of Life. Women. University Sports

LISTA DE SIGLAS

WHOQOL	-	Questionário de avaliação de qualidade de vida - Organização Mundial de Saúde
PUC/RS	-	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
OMS	-	Organização Mundial de Saúde
FUPE	-	Federação Universitária Paulista de Esportes
COB	-	Comitê Olímpico Brasileiro
CPB	-	Comitê Paraolímpico Brasileiro
ME	-	Ministério do Esporte
MEC	-	Ministério da Educação e Cultura
JUBS	-	Jogos Universitários Brasileiros
CBDU	-	Confederação Brasileira de Desportos Universitários
HD	-	Handebol
FS	-	Futsal
BQ	-	Basquetebol
VO	-	Voleibol

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição segundo o esporte praticado	58
Figura 2 - Distribuição das entrevistas segundo os esportes praticados.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Perfil demográfico nos grupos estudados	59
Tabela 02 - Dados sobre saúde em geral nos grupos estudados	61
Tabela 03 - Principais problemas de saúde nos grupos estudados	62
Tabela 04 - Medicamentos e terapias utilizados nos grupos estudados	62
Tabela 05 - Resultados da qualidade de vida nos grupos estudados para cada domínio (n=43)	66
Tabela 06 - Resultados da qualidade de vida entre os grupos de esportes e dentro do próprio grupo de esporte praticado para cada domínio (n=43).....	67
Tabela 07 - Qualidade de vida nos grupos estudados para cada esporte individualmente n=43)	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SAÚDE, QUALIDADE DE VIDA E PRÁTICA ESPORTIVA	15
2.1 SAÚDE	15
2.2 QUALIDADE DE VIDA	16
2.1.1 Instrumentos de avaliação de qualidade de vida	18
2.3 A PRÁTICA ESPORTIVA FEMININA: QUESTÕES DE GÊNERO.....	20
3 ESPORTE UNIVERSITÁRIO	31
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPORTE NA UNIVERSIDADE	31
3.2 ESPORTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL	32
3.3 ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA PUC/RS	36
3.3.1 Parque Esportivo da PUC/RS	36
3.3.2 O Esporte Universitário na PUC/RS	38
3.4 A IMPORTÂNCIA DAS OLIMPÍADAS UNIVERSITÁRIAS PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DO ESPORTE NACIONAL.....	39
4 A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE REDES SOCIAIS DE APOIO NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE	46
5 METODOLOGIA	51
5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	51
5.2 TAMANHO DA AMOSTRA.....	51
5.3 INFORMANTES-CHAVES.....	51
5.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NO ESTUDO	51
5.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	52
5.5.1 Gerais	52
5.5.2 Etapas de coleta de dados	52
5.6 DADOS SOBRE OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	53
5.6.1 Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida	53

5.6.2 Entrevista semi-estruturada	54
5.7 LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO	55
5.8 PERÍODO DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO	55
5.9 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	55
5.10 PLANILHA DE CUSTOS DO ESTUDO	57
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES	103
Apêndice A - Ficha de Avaliação Complementar	104
Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada.....	105
Apêndice C - Consentimento Livre e Esclarecido	106
Apêndice D - Declaração do Pesquisador Responsável	108
Apêndice E - Planilha de custos	109
ANEXOS	110
Anexo A - Autorização para realização do estudo.....	110
Anexo B - Ficha de informações sobre o respondente (WHOQOL).....	111
Anexo C - Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida	114
Anexo D - Categorização das falas das participantes	117
Anexo E - Política Nacional do Esporte.....	145

1 INTRODUÇÃO

A relação entre atividade física, saúde, qualidade de vida e envelhecimento vem sendo cada vez mais discutida e analisada cientificamente (PERRIG-CHIELLO *et al.*, 1996; *AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE POSITION STAND*, 1998; BERG *et al.*, 2004; HOLAHAN, SUZUKI, 2004; HUNTER, MCCARTHY, BAMMAN, 2004).

Estudos, tanto nacionais como internacionais, têm demonstrado que a prática de esportes é capaz de afastar os jovens da violência e das drogas, estimulando sua integração social e contribuindo para um processo de envelhecimento com melhor qualidade de vida e saúde (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003). Nessa perspectiva, o esporte contribui para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos e constitui-se em uma prática emancipatória, principalmente para sujeitos em condições de vulnerabilidade social. Assim sendo, as mulheres, pelas condições de trabalho que vêm sendo submetidas no mercado de trabalho contemporâneo, podem se beneficiar com o esporte, de maneira a romper barreiras de exclusão social e atingir novos padrões de qualidade de vida.

Dentro desse novo patamar de prática esportiva, encontram-se as mulheres participantes do Esporte Universitário, competindo em diversas modalidades esportivas e vindo de diferentes categorias sociais. Saber como vivem esses atletas, qual a sua relação com o esporte e o papel que o esporte representa e/ou representou em suas vidas, como uma forma de melhorar sua qualidade de vida e, provavelmente, aumentar o seu poder pessoal para atingir seus objetivos dentro de sua modalidade esportiva e na sua vida privada, é um objetivo relevante para todos os profissionais envolvidos com este projeto.

Baseado nessas considerações, o objetivo da pesquisa foi compreender como a prática esportiva tem influência sobre a qualidade de vida de mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS. Para tal, foi necessário dar voz a essas mulheres, para que, por meio de seus diálogos, se pudesse entender melhor a relação entre o esporte e a qualidade de vida. Para isso, o estudo usou, para a análise dos dados, os métodos quantitativo e qualitativo.

Outros objetivos, também relevantes e enriquecedores deste trabalho, foram levantados:

- a) verificar as condições de prática esportiva a que estão submetidas essas mulheres (tipo de treinamento, alimentação, uso de medicamentos, pressões externas, existência de redes de apoio primárias e secundárias);
- b) descrever os possíveis problemas advindos da prática inadequada de exercícios, como os de ordem física e psicológica e a influência destes problemas nas relações pessoais, interpessoais e comunitárias dessas mulheres; e
- c) identificar as contradições entre o discurso e a prática esportiva.

A meta desses objetivos foi buscar subsídios teórico-práticos que ajudassem a identificar propostas de trabalho e de intervenção a serem usadas pelos profissionais da área de saúde e pelos gestores de políticas públicas e privadas na implementação de programas de apoio ao esporte, para que mais mulheres o pratiquem e melhorem sua qualidade de vida como um todo.

Conceitos relevantes como saúde, qualidade de vida, prática esportiva e outras questões de gênero foram abordadas, mostrando como está incorporada a mulher praticante de esportes em nossa sociedade.

A história do Esporte Universitário no Brasil e a importância das Olimpíadas Universitárias para o desenvolvimento e a melhoria da qualidade das práticas esportivas em nosso país também foram detalhadas.

Outro tema que foi abordado é o papel das redes sociais, organizadas a partir de grupos de profissionais multidisciplinares, que por meio da construção e/ou participação em programas ligados às práticas esportivas, podem contribuir para a transformação de realidades desfavoráveis em realidades que melhorem a qualidade de vida das populações.

Os resultados do estudo referem-se às percepções das participantes do Esporte Universitário da PUC/RS em relação à sua qualidade de vida, reforçando a importância do esporte como fator de manutenção ou melhoria dessa qualidade de vida, não só para essas mulheres, mas também para a população em geral.

Contradições e desafios para a prática esportiva dentro da Universidade emergiram durante as entrevistas, contribuindo para a argumentação metodológica do estudo e mostrando que o uso apenas do método quantitativo, pela aplicação do questionário, foi insuficiente para uma coleta abrangente dos dados. A

complementação dessa coleta com o método qualitativo, usando a entrevista semi-estruturada com análise de conteúdo, foi fundamental e enriquecedora para a compreensão da importância da prática esportiva na qualidade de vida dessas mulheres.

Também cabe salientar que este estudo tem uma grande vinculação com a pesquisadora, que, além de ser mulher, médica cardiologista, é corredora de longas distâncias, fazendo seus treinamentos diários em um clube esportivo da cidade de Porto Alegre. Esse treinamento é feito junto com atletas das mais diversas camadas sociais e com um nível de integração excelente, confirmando mais uma vez a importância do esporte como fator de integração e de inclusão social. Por meio do diálogo com jovens economicamente menos favorecidos, estes relataram à pesquisadora que, por intermédio do esporte, passaram a ser estudantes mais responsáveis, filhos(as) com melhor relacionamento com os pais e que, mesmo não se tornando grandes atletas, aprenderam que são cidadãos(ãs) com direitos e deveres.

Em suma, o estudo demonstrou que esporte e qualidade de vida estão intimamente ligados, sendo que mais políticas públicas e privadas deverão ser implementadas, visando a reforçar a prática do Esporte Universitário como uma das formas de não só melhorar o desempenho esportivo em nosso país, mas, principalmente, diminuir as limitações que impedem muitos jovens de desenvolver todo o seu potencial como atletas.

2 SAÚDE, QUALIDADE DE VIDA E PRÁTICA ESPORTIVA

Saúde, qualidade de vida e prática esportiva, bem como outros conceitos importantes por suas implicações nas questões de gênero, serão aqui trabalhados, mostrando como está incorporada a mulher praticante de esportes em nossa sociedade.

2.1 SAÚDE

A abordagem predominante da saúde em congressos, livros e periódicos tem privilegiado uma visão que tem buscado/explorado muito mais aspectos fisiológicos relacionados a esse objeto, em detrimento de outros enfoques. A relação que predomina nessa tendência hegemônica é a da atividade física e saúde, a qual vem sendo incessantemente explorada como fenômeno de causa e efeito, ou seja, a saúde entendida como consequência quase exclusiva de uma atividade física regular, o que parece implicar a compreensão que não leva em conta outros fatores contextuais, aos quais as pessoas estão submetidas (distribuição de renda, grau de escolaridade, condições de moradia e alimentação, disponibilidade de tempo, interesse, prazer, acesso a serviços de saúde e de treinamento adequado, entre outros) (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003).

Pereira (1995, p. 61), cita a definição clássica da Organização Mundial de Saúde (OMS) para saúde, adotada na Constituição de 1948, é: “Um completo estado de bem-estar físico, social e mental e não meramente como a ausência de doença”.

Essa definição sempre foi considerada de difícil operacionalização, pois é colocada em termos utópicos, embora numerosas tentativas tenham sido feitas para quantificá-la (por intermédio de questionários, por exemplo). Os parâmetros resultantes dos esforços para definir saúde têm em comum o fato de englobarem múltiplas dimensões, incluindo, por exemplo, a saúde física, a capacidade de realizar as tarefas do cotidiano, o estado emocional e o ângulo social, resultando em diversos conceitos, como o de Dubos (*apud* PEREIRA, 1995, p. 30): “Saúde é o resultado do equilíbrio dinâmico entre o indivíduo e o seu meio ambiente”.

Um movimento de ruptura com os conceitos até então apresentados apareceu na concepção de saúde apresentada no relatório final da VIII Conferência Nacional de Saúde (MINAYO, 1992:10):

Saúde é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida

A saúde se constitui como um dos aspectos mais relevantes da vida humana e um dos fatores importantes na melhora da qualidade de vida das pessoas.

Este estudo busca mostrar como o esporte pode contribuir para a saúde dentro dessa visão mais ampla. Apesar de as mulheres participantes do estudo terem acesso à educação superior, estão sujeitas, em sua maioria, a dupla ou tripla jornada de trabalho para a conciliação dos estudos com prática esportiva, afazeres domésticos, trabalho e família. Essa realidade, em que estão inseridas, faz parte desta organização social que condiciona o seu modo de ser e a saúde como um todo.

2.2 QUALIDADE DE VIDA

A maioria das doenças e mortes prematuras nos Estados Unidos da América é associada a estilos de vida errados, o que também não é diferente no Brasil, apesar de as estatísticas não serem tão confiáveis. Por outro lado, estudos epidemiológicos correlacionaram certos tipos de estilo de vida com um aumento da longevidade, melhora da qualidade de vida ou ambos (NATIV, 1991).

Conceituar e avaliar qualidade de vida não é tarefa das mais fáceis, dada a quantidade e a complexidade das variáveis envolvidas. Há 50 anos o assunto começou a chamar a atenção, devido à importância do tema, envolvendo profissionais de todas as áreas humanas.

O conceito de qualidade de vida começou a ser esboçado quando dois economistas, Ordway, em 1953, e Osborn, em 1957, observaram que o crescimento econômico desmesurado colocaria em risco a qualidade interna da vida humana, ou

a excelência humana, e não apenas a qualidade das condições externas de se viver (MUSSCHENGA, 1997).

Bowling (1995) relatou que, após a II Guerra Mundial, o mundo ocidental incorporou a noção de que o sucesso das pessoas e dos países, bem como o seu bem-estar material (*welfare*), era determinado pelo progresso econômico, traduzido em melhoria nas condições materiais de subsistência, com ênfase na aquisição de bens.

O uso do termo qualidade de vida foi gradualmente se ampliando a partir de sua inclusão como noção importante no relatório da Comissão dos Objetivos Nacionais do presidente americano Eisenhower, em 1960, sendo seus valores relativos a educação, crescimento individual e econômico, saúde e bem-estar econômico associados a um padrão elevado de vida para o povo dos Estados Unidos da América. Durante os anos 60, surgiram nesse país movimentos sociais e iniciativas políticas para melhorar a vida de todos os cidadãos, minimizando a desigualdade social. Iniciou-se uma nova área de atuação, a da pesquisa da qualidade de vida, com o objetivo de fornecer aos políticos dados que os ajudassem a formular políticas sociais efetivas (FARQUHAR, 1995).

O conceito de qualidade de vida foi se ampliando, significando, além de crescimento econômico, desenvolvimento social expresso em boas condições de saúde, educação, moradia, transporte, lazer, trabalho e crescimento individual. Foram incluídos novos indicadores: mortalidade infantil, esperança de vida, taxa de evasão escolar, nível de escolaridade, taxa de violência (suicídios, homicídios, acidentes), saneamento básico, nível de poluição, condições de moradia e trabalho, qualidade do transporte e lazer, entre outros. A partir desse conceito e desses novos indicadores, muitos países estabeleceram políticas de bem-estar social (*Welfare State*) (BOWLING, 1995).

Apesar da importância da avaliação e comparação da qualidade de vida entre países, regiões e cidades (qualidade de vida objetiva), esses indicadores não eram suficientes para medir a qualidade de vida de indivíduos que se inseriam diferentemente naquela sociedade e que podiam distanciar-se, de forma importante, do índice médio da população como um todo. Foi sentida a necessidade de se avaliar a qualidade de vida percebida pelas pessoas e o quanto estavam satisfeitas ou insatisfeitas com a qualidade de suas vidas (qualidade de vida subjetiva) (FARQUHAR, 1995).

Ao mesmo tempo, cresceu o interesse pelo que a Medicina e o cuidado à saúde poderiam desempenhar na melhoria da qualidade de vida das pessoas (MUSSCHENGA, 1997; WOOD-DAUPHINEE, 1999). Também paralelamente, segundo Bowling (1995), o conceito estendeu-se para os campos das artes, do lazer, do emprego, dos transportes, da moradia, da conservação e preservação do meio ambiente e da educação.

De acordo com essas considerações, qualidade de vida é um conceito que está submetido a múltiplos pontos de vista e que tem variado de época para época, de país para país, de cultura para cultura, de classe social para classe social e, até mesmo, de indivíduo para indivíduo, conforme o decorrer do tempo e como função de estados emocionais e da ocorrência de eventos cotidianos, sócio-históricos e ecológicos (PASCHOAL, 2002). Por esses motivos, qualidade de vida não tem uma definição consensual entre os estudiosos do assunto. Assim, a definição de qualidade de vida, com um enfoque transcultural, apresentada pelo grupo de especialistas da *Oms* (*THE WHOQOL GROUP*, 1994, p. 41), é a seguinte:

Qualidade de vida é a percepção do indivíduo acerca de sua posição na vida, de acordo com o contexto cultural e sistema de valor com os quais convive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

Neste estudo, trabalhou-se com a percepção subjetiva de qualidade de vida por meio da aplicação de um instrumento descrito a seguir, validado no Brasil e reconhecido internacionalmente. Ele não conseguiu dar conta da complexidade da experiência social dos sujeitos, expressa em seu cotidiano, como modo de vida, atribuição de significados e valores, sentimentos, linguagem e representações, fazendo com que buscássemos a complementaridade dos métodos quantitativos e qualitativos.

2.1.1 Instrumentos de avaliação de qualidade de vida

Para avaliação correta dos dados coletados em estudos, os questionários de avaliação de qualidade de vida internacionalmente aceitos e validados são os

instrumentos mais adequados (JETTE, 1986).

Quando se investiga um objeto, a aplicação de diferentes métodos gera informações que poderão ser incorporadas ao conhecimento já existente. Contudo, o conjunto de dados produzidos deverá ser interpretado considerando-se o modo como foram produzidos, isto é, para que se aceitem as conclusões de uma investigação científica, é preciso examinar detalhadamente as questões metodológicas pertinentes: a validade interna e externa do estudo (PEREIRA, 1995). Segundo Rouquayrol (1999), a validade interna significa a ausência de erros sistemáticos (vícios) ou aleatórios de um estudo, sendo que os resultados na população em estudo representam a verdade na população-alvo. Já a validade externa, conforme o mesmo autor, representa a capacidade de generalização dos resultados de um estudo para a população de onde o estudo foi feito e para outras populações.

Houve na última década uma proliferação de instrumentos de avaliação de qualidade de vida e afins, na maioria das vezes desenvolvidos nos Estados Unidos da América, com um crescente interesse em traduzi-los para aplicação em outras culturas. A aplicação transcultural, realizada pela tradução de qualquer instrumento de avaliação, é um tema controverso. Alguns autores criticam a possibilidade de que o conceito de qualidade de vida possa ser não-ligado à cultura (FOX-RUSSBY; PARKER, 1995). Por outro lado, em um nível abstrato, alguns autores têm considerado que existe um universal cultural de qualidade de vida, isto é, que, independentemente de nação, cultura ou época, é importante que as pessoas se sintam bem psicologicamente, possuam boas condições físicas e sintam-se socialmente integradas e funcionalmente competentes (BULLINGER *et al.*, 1993).

A busca de um instrumento que avaliasse qualidade de vida dentro de uma perspectiva genuinamente internacional fez com que a OMS organizasse um projeto colaborativo multicêntrico. O resultado desse projeto foi a elaboração do (WHOQOL-100), um instrumento de avaliação de qualidade de vida composto por 100 itens e, posteriormente, o (WHOQOL, composto de 26 perguntas) e atualmente disponível em 20 idiomas (THE WHOQOL GROUP, 1998).

O desenvolvimento da versão em português, tanto para a versão com 100 perguntas como para a abreviada, com 26 perguntas, seguiu a metodologia proposta pela OMS e foi realizada por FLECK *et al.* (1999), do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, Porto Alegre, RS - Brasil, integrantes do Centro WHOQOL do Brasil. Foi realizado o teste de campo em 300 indivíduos para cada um dos dois instrumentos. As características psicométricas preencheram os critérios de desempenho exigidos: consistência interna, validade discriminante, validade convergente, validade de critério, fidedignidade de teste-reteste. Os dados referentes a esses testes de campo foram enviados para publicação em revistas de circulação nacional e internacional.

Embora não haja um consenso a respeito do conceito de qualidade de vida, três aspectos fundamentais referentes a esse conceito foram obtidos com o WHOQOL: (1) subjetividade; (2) multidimensionalidade; e (3) presença de dimensões positivas (p. ex., mobilidade) e negativas (p. ex., dor) (Fleck *et al.*, 1999). O reconhecimento da multidimensionalidade do construto refletiu-se na estrutura do instrumento (WHOQOL), baseada em cinco domínios: domínio físico, domínio psicológico, relações sociais, meio ambiente e qualidade de vida geral (FLECK *et al.*, 1999).

Apesar do reconhecimento da validade dos instrumentos quantitativos para avaliar qualidade de vida como o (WHOQOL), buscou-se usar a metodologia qualitativa por meio da aplicação de entrevistas, pela possibilidade de “escutar, ouvir, após reconhecer que conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social” (MARTINELLI, 1994:7). Somente assim pode-se compreender como ocorre a prática esportiva feminina, parte fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

2.3 A PRÁTICA ESPORTIVA FEMININA: QUESTÕES DE GÊNERO

As definições de esporte e gênero são importantes para a compreensão de como a prática esportiva se desenvolveu em relação às mulheres.

A longa história do esporte ajuda a entender como um fenômeno, surgido há milênios, se perpetuou no imaginário do homem, bem como as mulheres, desde o início, sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. De acordo com Tubino (2000), o esporte pode ser dividido em: o da Antigüidade e o Moderno.

Inicialmente, a prática esportiva estava ligada aos exércitos e às guerras. Aprimorar e desenvolver a força física do soldado, além de significar mais chances

de vitória nas batalhas, servia para demonstrar a superioridade de um povo. Foi na Grécia Antiga que o esporte passou a ocupar um lugar de destaque na sociedade. A Educação Física deixou o campo militar e se tornou motivo de distinção social (SANTOS, 1997).

O esporte na Grécia Antiga também apresentou características que mesclavam guerra e religião. O maior exemplo foi a Olimpíada, competição esportiva criada por volta de 2.500 a.C. e promovida para louvar Zeus, a maior divindade da mitologia grega. A realização das provas e dos jogos tinha o poder de paralisar guerras e reuniam a elite da sociedade. Já naquela época, as mulheres só competiam na corrida de cavalos, mesmo assim se fossem proprietárias dos animais. Com exceção das sacerdotisas de Dêmetra, apenas homens podiam assistir aos jogos (WERNECK, 1995).

Ainda de acordo com Santos (1997), com a conquista da Grécia Antiga pelos romanos, em 456 a.C., os jogos olímpicos entram em declínio. A proposta de integrar os cidadãos em competições marcadas pela cordialidade cedeu espaço a disputas cada vez mais violentas. A última Olimpíada da Era Antiga acontece em 393 d. C, quando o imperador romano Teodósio I proíbe a realização de festas para adoração de deuses.

Almeida (1979) refere que a partir do século IV, passando por toda a Idade Média, o esporte viveu um período de estagnação, principalmente no Ocidente. O cristianismo pregava a purificação da alma; o corpo, colocado em segundo plano, servia mais às penitências do que ao desenvolvimento de aptidões esportivas. Em consequência disso, a Educação Física desapareceu ou era praticada de forma isolada por pequenos grupos. A retomada do esporte se deu lentamente.

Só a partir dos séculos XVI e XVII, com o advento do Humanismo, é que se redescobriu a importância da atividade física. As bases dos conceitos modernos de esporte surgiram na Europa do século XVIII, quando a Educação Física voltou a ser sistematizada. No século seguinte, em Oxford (Inglaterra), a partir de Thomas Arnold, que se aproveitou do associacionismo inglês, ocorreu a reforma dos conceitos desportivos, com a definição das regras para os jogos e a criação de organizações responsáveis pelas suas direções e administrações. A padronização dos regulamentos das disputas favoreceu a internacionalização do esporte (TUBINO, 2000).

No fim do século XIX, na França, o barão Pierre de Coubertain restaurou a idéia e o ideal olímpico, recriando o Comitê Olímpico Internacional em 1892, levando à realização da primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, em Atenas (ALMEIDA, 1979).

A primeira metade do século passado foi marcada por um desenvolvimento lento do esporte. Devido a duas guerras mundiais (1914/1918 e 1939/1945), à revolução comunista de 1917, o *crack* da Bolsa de Nova York em 1929, as edições dos Jogos Olímpicos de 1916, 1940 e 1944 foram canceladas. Houve dificuldades em escala planetária para o treinamento de atletas e para a realização de competições e viagens das equipes (PEREIRA, 2006).

Já na segunda metade do século XX, o esporte enfrentou uma nova realidade, na qual a concepção do ideal olímpico foi substituída pelo uso ideológico do esporte. A simples prática esportiva deixava de ser relevante, pois o que importava era o rendimento, o resultado. Iniciou-se um rápido processo de profissionalização dos atletas, alçados à condição de estrelas da mídia e heróis nacionais. A corrida em busca de recordes e títulos fez com que organismos internacionais lançassem manifestos denunciando a exacerbação da competição e alertando os governos para as novas responsabilidades do Estado no que se refere às atividades físicas. Os textos destacavam a necessidade de garantir à população em geral e, não apenas aos atletas, as condições que levassem à democratização do esporte. A UNESCO emitiu, em 1970, a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, que assegurava a prática esportiva como um direito de todos (TUBINO, 2000).

As mudanças na prática esportiva, a partir do momento em que o esporte passou a ser considerado como direito de todos, levaram grupos até então pouco atendidos na questão da atividade física a ganhar mais atenção, como os da terceira idade, as mulheres e as pessoas portadoras de deficiência física. O conceito de esporte se ampliou, desmembrado em esporte-participação (lazer) e esporte de rendimento (competição). O papel do Estado também se alterou, deixando de apenas tutelar as atividades esportivas e passando a investir em recursos humanos e científicos. Além disso, no campo do alto rendimento, o Estado deu atenção especial às questões éticas, como o combate ao *doping* (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003).

Após esta breve história do esporte, deve-se destacar que o esporte tem papel relevante em melhorar a saúde das pessoas e, por conseqüência, a sua qualidade de vida. Estudos, tanto em nosso país como em nível internacional, têm mostrado a relação entre atividade física, saúde, qualidade de vida e envelhecimento (PERRIG-CHIELLO *et al.*, 1996; *AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE POSITION STAND*, 1998; BERG *et al.*, 2004; HOLAHAN, SUZUKI, 2004; HUNTER, MCCARTHY, BAMMAN, 2004).

Segundo Ehrman *et al.* (2003), o esporte é “um conjunto de exercícios físicos que podem ser realizados sob a forma de jogos individuais ou coletivos, e que podem dar lugar a competições praticadas sob regras preestabelecidas”.

No Brasil, o Decreto nº 2.574, de 29 de abril de 1998 (DECRETO nº 2.574, 1998), estabeleceu normas gerais para a natureza e as finalidades do esporte. O artigo 2º diz que o desporto pode ser reconhecido como desporto educacional, praticado em sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

Desta forma, para que se possa compreender a prática feminina do esporte, objeto deste estudo, deve-se ter a compreensão da categoria gênero, cujo surgimento foi fundamental para a rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual (GROSSI, 1994).

De acordo com Pujal (2005), o conceito de gênero surgiu no campo da medicina quando o pesquisador Stoller, no ano de 1965, estabeleceu a diferenciação entre sexo e gênero, baseado em suas investigações em crianças que, devido a problemas anatômicos congênitos, haviam sido educados em um sexo que não correspondia anatomicamente ao seu. Por essa razão, o pesquisador propôs o conceito de gênero para mostrar a força da educação social e familiar sobre as crianças na formação de sua identidade sexual conforme a anatomia biológica. Assim, os estudos de gênero, falando de forma ampla, são responsáveis pelo segmento que se ocupou de estudar as conseqüências sociais e familiares de ser homem ou mulher.

A partir dessas discussões iniciais, Scott (1988) descreve a categoria gênero como uma categoria de análise das relações sociais entre os sexos e não como uma mera categoria descritiva, trazendo uma contribuição fundamental para o

entendimento de gênero, que se baseia no meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana. Dessa forma, a construção de um conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, ajudando a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. Assim, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Ainda segundo a autora, quatro elementos estão inter-relacionados ao conceito de gênero: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas, os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos capazes de limitar e de conter as possibilidades metafóricas em que tomam a forma típica de uma oposição binária, a análise das instituições e da organização social e a identidade subjetiva.

Butler (1990) argumentou que a distinção entre sexo e gênero é problemática. Para ela, a performance do gênero, sexo e sexualidade não é uma escolha voluntária, mas uma escolha socialmente permitida para parecer coerente ou natural, imposta aos sujeitos por meio de técnicas disciplinares coercitivas repetidas através do tempo. Mais que um atributo fixo em uma pessoa, gênero era para essa autora uma variável que pode se alterar em diferentes contextos e em diferentes tempos, ou seja, o gênero é uma relação entre sujeitos constituídos socialmente em contextos específicos. É o que um sujeito faz em um determinado tempo, mais que aquilo que ele é considerado universalmente. Seria sua identidade cultural naquele momento e naquele espaço.

A OMS, em seu relatório “Perfil Epidemiológico de *La Salud de la Mujer en la Región de las Américas*” em “*Las Condiciones de la Salud de las Américas*”, OMS/OPS (1990) refere-se ao gênero como uma “construção social a partir dos sexos” e incorpora fatores de risco de enfermidade para as mulheres, como “a dupla jornada, as gestações precoces e repetidas e a violência familiar” (GROSSI, 1994, p. 11).

Autores da língua portuguesa também deram sua contribuição para o desenvolvimento de um conceito de gênero e a sua diferenciação do de sexo.

De acordo com diversos autores citados por Petersen (1999, p. 15), gênero é um conceito relacional, ficando evidente a sua vinculação a outro conceito, sexo. Assim, é necessário fazer uma diferenciação entre os dois conceitos.

Ao discutir a categoria gênero, Petersen (1999, p. 15) considera o sexo como um sistema multivariado e seqüencial, que inclui o sexo cromossômico, hormonal fetal, gonadal e morfológico.

Gênero, conforme o Dicionário do Pensamento Social do Século XX (PETERSEN, 1999, p. 15), pode ser entendido como:

Representando o aspecto social das relações entre os sexos, gênero é um conceito que se distingue do conceito biológico de sexo. O gênero se constrói e se expressa em muitas áreas da vida social. Inclui a cultura, a ideologia e as práticas discursivas, mas não se restringe a elas. A divisão do trabalho por gênero, no lar e no trabalho assalariado, a organização do estado, a sexualidade, a estruturação da violência e muitos outros aspectos contribuem para a construção das relações de gênero. A diferença de gênero se associa à desigualdade de gênero, com os homens exercendo poder sobre as mulheres.

Para Louro (*apud* LOPES; MEYER; WALDOW, 1996, p. 7-18), existe uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, na qual um processo social e histórico, sem dúvida, envolve os corpos dos sujeitos. Dessa forma, gênero é muito mais que uma identidade aprendida, sendo constituído e instituído pelas múltiplas instâncias e relações sociais, pelas instituições, pelos símbolos, pelas formas de organização social, pelos discursos e pelas doutrinas.

A partir dessas definições e considerações, as complexas relações entre gênero e a prática esportiva vão ser abordadas, tentando compreender como foi o desenvolvimento da prática esportiva das mulheres até os dias atuais.

O corpo é a base de nossa maneira de estar no mundo, de lidar com as diferenças e semelhanças, adotando comportamentos na organização da vida humana. É por meio dele que questionamos as estruturas políticas, econômicas e sociais, materializadas por intermédio dos poderes, saberes e prazeres que os corpos se permitem viver e transformar (LOURO, 2000).

Quando se relaciona as mulheres aos espaços sociais, percebe-se como elas foram limitadas às determinações do espaço privado através da história. Por meio das relações que envolvem seu corpo, vê-se o quanto a mulher foi discriminada e o quanto os seus direitos sociais se modificaram através dos tempos. Também na

construção de noções de corporalidade feminina, entrelaçam-se relações de classe, raça e gênero.

Na cultura vitoriana, segundo Bagrichevsky; Palma; Estevão (2003), a mulher considerada verdadeiramente feminina era gentil e fisicamente frágil, constituindo-se padrão hegemônico nas diversas sociedades ocidentais até o início do século XX. Essa imagem vinculava-se a um *status* social de elite, enquanto os diversos grupos de mulheres trabalhadoras careciam de qualquer oportunidade de proteção, ou de se poupar de trabalho físico duro. Mas, como modelo hegemônico da feminilidade, impunha-se com grande força, como uma norma que delimitava o campo das práticas femininas socialmente aceitas.

No Brasil, D’Incão (1997) refere que as formas mais diretas de controle sobre o corpo e a sexualidade feminina, que imperavam na época colonial, iam gradualmente cedendo lugar ao nascimento de uma sensibilidade e uma ideologia da família características da cultura burguesa. No final do século XIX, essas novas formas de controle social se encontravam firmemente arraigadas, internalizadas pelas próprias mulheres, especialmente as da classe média e da elite, que se dedicavam em tempo integral aos afazeres domésticos, como mães e esposas, sendo muito limitadas em termos de outras oportunidades. Profissionais das áreas da medicina e da educação se juntavam à imprensa no esforço para educar as mulheres como guardiãs do lar.

Para Rosemberg (1995), no contexto dessa cultura, a corporalidade feminina se definia em função da suposta missão das mulheres como reprodutoras. Se a elegância e a delicadeza eram atributos femininos altamente valorizados, as práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as idéias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. Havia um receio grande em relação ao exercício físico para as meninas, atitude que, no final do século XIX, começou a modificar-se timidamente, por intermédio da proposta de 1882 de Rui Barbosa, segundo a qual as escolas primárias deveriam abrir “uma seção especial de ginástica, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura”.

Ainda conforme Rosemberg (1995), no início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres já permitia que algumas formas de atividade esportiva e exercício físico leves pudessem ser considerados benéficos para a saúde das futuras mães e esposas. Mas, mesmo havendo uma clara

prescrição sobre quais os esportes que se consideravam adequados às mulheres, estes deviam ser praticados só por mulheres jovens e solteiras, como por exemplo a natação, que era considerada um esporte que não masculinizava as mulheres.

No entanto, apareceram desde essa época algumas contradições, à medida que a noção da nova mulher ativa, independente e autônoma (COTT, 1987), que ganhava terreno nos EUA e na Europa, começava a influenciar a elite urbana brasileira, que mantinha fortes laços étnicos e culturais com a Europa (RONCAGLIO, 1996). Segundo Castells (1999), essas idéias feministas se apresentavam em versões históricas específicas em cada sociedade.

Soihet (2000) descreve que artigos de jornais da primeira parte do século apresentavam relatos das aventuras de algumas mulheres esportistas que se distinguiam, entre outros aspectos, pela prática corporal diferente, que desafiava as normas da restrição e da delicadeza física femininas. Por outro lado, essas tentativas de participação na sociedade em condições igualitárias criaram opiniões por parte dos homens, apresentadas em cartas aos jornais, dizendo que só as muito feias queriam se emancipar, uma vez que, para as belas, não faltariam admiradores.

Nas décadas que se seguiram, as mulheres brasileiras foram, paulatinamente, conquistando uma presença no mundo público, como trabalhadoras, profissionais, participantes de movimentos sociais e da vida fora de casa em geral. Ao mesmo tempo, concepções normatizadas sobre a feminilidade continuaram exercendo influência muito grande, contribuindo para a limitação da prática esportiva das mulheres. Como sugere Bassanezi (1996), em sua análise de revistas femininas do período 1945-1964, até o início dos anos 70, as formas hegemônicas de representação da mulher (ADELMAN, 1988) enfatizavam ainda papéis tradicionais, ou seja, a identificação das mulheres com a família, o casamento e a domesticidade, indo contra a corrente da progressiva abertura do espaço público (principalmente por meio do trabalho assalariado) para um crescente contingente de mulheres que precisava de ou desejava acesso maior a esse espaço.

Em concordância com essa análise, no âmbito da prática corporal, Rosemberg (1995) cita que prevaleciam as restrições à prática esportiva feminina. De 1941 a 1975, vigorava o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que dizia que não se permitia às mulheres praticarem esportes incompatíveis com as condições da sua natureza. A grande força normatizadora desses conceitos, como uma estética da limitação

citada por Bordo (1997b), evidenciava como eram as grandes dificuldades que as mulheres tiveram na luta por um lugar no mundo esportivo.

Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos. A literatura internacional sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte assinalou os avanços e os pontos de conflitos antigos e novos. Lensklyj (1986), exemplifica que os esportes continuaram sendo avaliados em termos de gênero, incluindo os que se tornaram unissex e os que eram vistos como potencialmente masculinizantes para as mulheres. Segundo a historiadora norte-americana Mary Jo Festle, as mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social de dois tipos: primeiro, que suas diferenças físicas as faziam muito menos competentes para o esporte do que os homens; e, segundo, que a prática esportiva as masculinizava (FESTLE, 1996). Portanto, ela argumenta que mulheres atletas profissionais eram quase obrigadas a tomar o cuidado necessário de mostrar para o público que sua prática no esporte não comprometia sua feminilidade.

Isso não significa que os padrões ou a visão hegemônica sobre a corporalidade feminina não tenham se alterado. De fato, com a ruptura ou declínio da domesticidade feminina, o padrão da fragilidade começa a ceder terreno a um novo ideal, mais adequado à noção da mulher ativa que começa a construir-se nas primeiras décadas do século XX. Apesar desses progressos, mais evidentes nos países desenvolvidos, ainda em muitos outros países ocorrem problemas quando não há uma correspondência entre sexo e gênero, ou seja, quando uma mulher é considerada masculina, é chamada de machona, e um homem considerado feminino é chamado de efeminado. De acordo com Strey (2002), esses rótulos são carregados de simbolismos negativos, preconceitos estigmatizantes, como uma censura cultural por a pessoa não corresponder ao que se espera dela como homem ou como mulher, sendo ainda transmitidos de geração em geração, apesar de todas as conquistas tecnológicas da humanidade. Ainda segundo essa autora, a despeito da ação dos movimentos feministas, esses argumentos tradicionais demoram para serem abolidos, pois foram internalizados, ensinados, aprendidos e praticados como verdadeiros e imutáveis, tendo contribuído para a condição de inferioridade das mulheres em nossa sociedade.

Como muitos pesquisadores atuais da sociologia do esporte vêm argumentando, cada vez mais a forma e o tamanho do corpo do atleta são tão

importantes quanto seu desempenho esportivo, relacionados aos conceitos sociais sobre quais os tipos de corpos masculinos e femininos que nossa cultura valoriza ou despreza. Para Butler (1997), existe uma incorporação de mensagens conflitantes sobre gênero. Por um lado, afirma-se a capacidade da atleta e se representam corpos femininos fortes e fisicamente competentes como desejáveis, criando-se paralelamente formas estetizadas de representar o corpo de atletas homens muito parecidas com as formas correntes de exposição do corpo das atletas. Por outro, persiste a noção profundamente estereotipada e normatizadora do que uma atleta pode ou deve fazer, reflexos da profunda ansiedade humana para saber o que é ser uma mulher.

Também para Lupton (1995), a cultura de beleza feminina da sociedade, que se vale do atual poder das imagens, de uma forma sem precedentes históricos, atualizou-se a partir da incorporação dessa noção da mulher ativa, elaborando novos padrões estéticos. O corpo feminino ideal é magro e firme, embora não musculoso demais - e requer muitas horas de trabalho, de investimentos em tempo e dinheiro que, com certeza, não estão à disposição de uma boa parcela da população feminina. A ênfase que a atual cultura consumista dá à produção do corpo ideal faz duvidar de que o que se esteja promovendo seja um corpo feminino forte e livre. O que se estaria em realidade mostrando é a forma como os corpos das mulheres são sujeitos aos discursos dominantes, comprometendo-se com a tirania narcisista da magreza.

Portanto, torna-se interessante procurar entender exatamente o que está em jogo quando as mulheres se tornam atletas e, especificamente, atletas profissionais, identificadas com o esporte não só pelo prazer de praticá-lo, mas como forma de ganhar a vida e de participar de uma cultura, anteriormente masculina, que torna a atleta um símbolo do sucesso e da cultura nacional.

Isso implica entender o significado da prática esportiva para as mulheres, o que pode representar uma forma de fortalecimento, direcionada para a realização de metas e prazeres, mesmo que esses transgridam normas relativas à feminilidade, no sentido de postura, movimento, atitudes agressivas ou competitivas, etc. Existe, por outro lado, segundo Bordo (1997a), a possibilidade de a atividade esportiva feminina se adaptar à feminilidade normativa e à atual cultura do corpo, que subordina a capacidade à aparência e a autodeterminação à reprodução de padrões socialmente prezados.

Mas, apesar de ter ampliado sua inserção no espaço público de trabalho, depois de muita luta, conseguindo ganhar a confiança e o conhecimento de seu valor pelo homem, que a vê como concorrente, a mulher ainda tem que provar sua competência a cada dia, constituindo-se um dos fatores de estresse (MÀXIMO, 1996).

Assim, pensar o campo da saúde da mulher trabalhadora no século XXI é investigar as singularidades determinantes dos aspectos envolvidos na (re)construção do espaço público na perspectiva da sociedade em que esta mulher está inserida. Devemos também lembrar que esta mulher sofre o estresse pelo excesso de trabalho a que está submetida, a famosa dupla jornada, como qualquer outra mulher profissional.

Em relação ao Brasil, constatou-se que a vida da mulher brasileira também sofreu profundas alterações através dos séculos, passando de mulheres enclausuradas do século XIX a militantes e combatentes que se articularam para enfrentar um cotidiano ainda opressivo e fechado no século XXI. Berliquer (1980) diz que elas estão se lançando no espaço público conquistando cada vez mais o mercado de trabalho nas mais diferentes áreas.

Dentro dessas discussões, é importante salientar o direito que a mulher tem sobre as questões relativas à sua saúde, que se refletirão sobre sua qualidade de vida. Os cientistas e profissionais do campo da saúde sustentam que há uma relação causal positiva entre exercício físico e saúde, dentro de certas condições de frequência, volume e intensidade (BOUCHARD, 1990).

Também é importante destacar que sujeitos submetidos a situações de opressão, como as mulheres da atual sociedade, têm sua qualidade de vida comprometida e que o trabalho para fortalecer esses sujeitos e torná-los cidadãos cientes de seus direitos e deveres pode contribuir para a melhoria do seu padrão de vida. Para isso, faz-se necessário que elas desenvolvam noções de autonomia e as suas dimensões: física, econômica, política e sociocultural, aumentando o seu poder pessoal e o da coletividade em que vivem, o que contribuiria para uma melhoria nas suas relações interpessoais e institucionais (JENKINS, 1991; MULLALY, 1997; VASCONCELOS, 2001).

Esses aspectos levantados através desta revisão da literatura contribuíram de maneira relevante para a compreensão das narrativas das participantes do Esporte Universitário, sendo incorporados na discussão deste trabalho.

3 ESPORTE UNIVERSITÁRIO

3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPORTE NA UNIVERSIDADE

A prática da atividade física confunde-se com a história do próprio ser humano. Desde o Egito dinástico (40 séculos a.C.), os exercícios físicos eram cultivados sob forma de danças realizadas por pares ou grupos, perpetuando-se durante séculos (RIBEIRO, 1984). Ao longo do tempo, correntes filosóficas e pedagógicas tiveram influência sobre o desenvolvimento da educação física e da prática esportiva.

Numa sociedade capitalista em que a relação de dominação passa pela exploração do homem pelo homem, na venda de sua força de trabalho e os valores culturais individuais se sobrepõem aos valores sociais, o esporte e a educação física são atividades de poucos privilegiados, uma vez que, no âmbito social, estas são consideradas lazer e estão associadas ao tempo livre do indivíduo, que a cada dia é mais escasso (CARMO, 1988).

Ainda hoje, a universidade brasileira continua sendo uma instituição em que a grande maioria de seus estudantes pertence às classes privilegiadas da sociedade e o processo ensino-aprendizagem desenvolvido por seus cursos é uma mera repetição verbalística, livresca e desvinculada da realidade concreta em que está inserida.

O desconhecimento das condições objetivas da sociedade atual e o desprezo à história do ser humano, vistos como a história das tentativas e iniciativas ideológicas de uma classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar a concepção do mundo existente, têm contribuído para a desarticulação e, ao mesmo tempo, para a ausência de posições críticas face aos problemas emergentes no interior da universidade e da educação física e do esporte. Se esses problemas precisam ser solucionados, somente a atuação do processo pedagógico dentro da estrutura social em conjunto trará as modificações necessárias. Ou seja, modificações em nossa estrutura social, dentro do ponto de vista econômico e político, se fazem como condição predominante para que o esporte seja um dos muitos beneficiários.

Segundo Kosik (2002), o homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta, antes de tudo, como um ser prático. Dentro dessa linha de pensamento, o que hoje encontramos dentro da universidade brasileira é a fragmentação do conhecimento com a especialização do saber dificultando a discussão em torno do que realmente é essencial: a educação dos brasileiros e o desenvolvimento do país enquanto sociedade capitalista.

Diante dessas considerações, ver no esporte um fator de inclusão social para milhares de estudantes oriundos das camadas mais desfavorecidas da população brasileira, por mais esforços que venham sendo feitos por parte da classe política do Brasil, principalmente com as novas leis de incentivo ao esporte, ainda parece ser muito pouco, pelas enormes demandas sociais que a cada dia aumentam mais. Milhares de jovens entram no mercado de trabalho a cada mês e não são absorvidos. A inclusão desses jovens, principalmente das jovens mulheres, por meio do esporte, parece ser um caminho promissor, e as universidades devem estar preparadas para dar sua contribuição.

3.2 ESPORTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

Segundo Coelho (1984), o Esporte Universitário surgiu no Brasil no fim do século XIX, quase 70 anos após seu início na Inglaterra. Foi uma iniciativa dos próprios universitários do College Mackenzie de São Paulo, da Faculdade de Medicina e Cirurgia e da Escola Politécnica, ambas no Rio de Janeiro, ocorrendo as primeiras disputas interestaduais em 1916.

Ainda de acordo com Coelho (1984), em 1933, fundou-se a FAE (Federação Atlética dos Estudantes - Rio), em 1934, a FUPE - Federação Universitária Paulista de Esportes e, em 1935, iniciou-se uma das mais tradicionais competições entre universidades, a MAC-MED, sendo realizados os primeiros Jogos Universitários - JUBs, na cidade de São Paulo. Em 1941, ocorreu a primeira regulamentação do desporto universitário nacional, com o Decreto-lei nº 3.617, que instituía oficialmente a CUBE - Confederação Brasileira de Desportos Universitários, criando-se as Associações Atléticas Acadêmicas - AAA, ligadas aos centros acadêmicos e obrigando as universidades a construir centros desportivos para poderem funcionar.

Castro (1988) refere que, após esse período áureo, o Esporte Universitário foi relegado a um segundo plano, com pouca divulgação, devido, principalmente, à profissionalização da maioria das modalidades esportivas. Só a partir do decreto nº 69.450, 1, quando se regulamentaram o artigo 22, da Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961 e a alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, é que houve mudanças importantes, tornando a prática de educação física obrigatória em todos os níveis e graus de escolaridade. O dispositivo legal vigente a partir desse decreto expressava que a prática da educação física na universidade devia caracterizar-se por atividades com predominância esportiva, pressupondo que o estudante, ao chegar à universidade, já tivesse adquirido habilidades esportivas. Entretanto, tal pressuposto não retratava a realidade, uma vez que a ênfase dada aos aspectos biológicos e tecnicistas do movimento, na maioria das vezes, não permitia que o universitário anteriormente desenvolvesse as habilidades básicas que são fundamentais para a aquisição de habilidades específicas ou complexas, dentre as quais se incluem as esportivas. Percebe-se que a questão de gênero não estava presente nesses primeiros decretos.

A partir de 1970, Toledo (2006) refere que o modelo das Associações Atléticas Acadêmicas - AAA se desvinculou das universidades, passando as AAA a serem responsáveis pela organização do desporto universitário. Após, muitas instituições passaram elas mesmas a assumir a gestão de seus departamentos esportivos, criando-se a figura do gerente de esportes ou diretor esportivo, muitas vezes um professor de Educação Física.

Desde aquele primeiro decreto de 1961, vários outros foram sendo implementados e modificados até os dias atuais. Os mais importantes serão destacados a seguir, para mostrar como a prática esportiva em nível universitário tem evoluído no Brasil por meio do incentivo, embora ainda insuficiente, ao esporte em geral.

Cabe salientar que, embora o Esporte Universitário seja pouco estudado em nosso país, ele tem uma dimensão significativa para o mercado de trabalho, tanto para os universitários como para os inúmeros profissionais do esporte.

Só a partir dos anos 90 surgiram ações tímidas de divulgação dos campeonatos universitários por meio do marketing esportivo. Em 2005, ocorreu a primeira Olimpíada Universitária, os antigos Jogos Universitários Brasileiros - JUBs,

proporcionando, com a ajuda de recursos financeiros, uma visibilidade dos jogos pela cobertura feita pela imprensa.

Os parágrafos a seguir, considerados importantes para o desenvolvimento e entendimento deste trabalho, mostram o que vem sendo feito pelo esporte nacional através do Ministério do Esporte (ME) e como essas ações são importantes para o Esporte Universitário. Os dados utilizados foram retirados dos *sites* oficiais do ME e do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), sendo de livre acesso a todas as pessoas que tenham interesse em conhecer mais detalhes sobre as políticas desenvolvidas e em desenvolvimento para o esporte nacional.

A Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva (Lei Agnelo/Piva, 2001) sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 16 de julho de 2001, destinou ao COB e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) 2% do prêmio das loterias federais do país. Desse montante, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB. Dos 85% que recebe, o COB deve aplicar 10% no esporte estudantil e 5% no Esporte Universitário. Desta forma, as Confederações podem realizar um planejamento de suas ações e saber com quanto poderão contar ao longo do ano.

O ME definiu a forma de utilização de parte da verba oriunda da Lei Agnelo/Piva, acima citada, que tem que ser obrigatoriamente aplicada no esporte escolar e universitário. Cinquenta por cento dessa verba é utilizada em competições do Ministério, como os Jogos da Juventude e os Jogos Estudantis Brasileiros, as antigas Olimpíadas Colegiais. Os outros 50% são utilizados pelo COB na criação e manutenção do Instituto Olímpico, no Rio de Janeiro, órgão que tem como objetivo formar e capacitar profissionais para o esporte no Brasil e que tem como base as experiências de países altamente desenvolvidos no esporte. Estão sendo feitos cursos de especialização em diversas áreas: capacitação técnica em determinadas modalidades, jornalismo esportivo, psicologia do esporte, medicina esportiva, marketing esportivo, gestão administrativa, MBA esportivo, entre outros (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2006).

Essas informações são pertinentes ao estudo, pois trazem subsídios importantes para a qualificação das práticas esportivas na universidade. Nos primeiros contatos com a direção do Centro Esportivo da PUC/RS, foi destacada a importância da formação especializada do profissional, inclusive o interesse de trazer experiências de sucesso realizadas no exterior (MBA) para o contexto

brasileiro. Esse intercâmbio com experiências internacionais está previsto no decreto, descrito a seguir.

O Decreto nº 4.668 ((Decreto 4.668, 2003), sancionado em 2003, pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e pelos ministros Guido Mantega, do Planejamento e Agnelo Queiroz, do Esporte, referendou como competência do ME, por intermédio de seu artigo 1º, a política nacional de desenvolvimento da prática dos esportes, ressaltando a importância do intercâmbio com organismos públicos e privados, nacionais, internacionais e estrangeiros, voltados à promoção do esporte; o estímulo às iniciativas públicas e privadas de incentivo às atividades esportivas; e o planejamento, a coordenação, a supervisão e a avaliação dos planos e programas de incentivo aos esportes e ações de democratização da prática esportiva e inclusão social por intermédio do esporte.

Só para se ter um exemplo do que vem sendo investido, em 2005, a Lei Agnelo/Piva gerou um total de R\$ 70.500.266,51. Desse montante, para exemplificar como são aplicados os recursos conforme prevê essa lei, 10% foi destinado ao esporte escolar (R\$ 7.055,026,65) e 5% ao Esporte Universitário (R\$ 3.527.513,33). Dos 85% restantes, o COB utilizou R\$ 24.970.170,64 em programas e projetos de fomento, desenvolvimento e manutenção do desporto e participação em eventos esportivos. Os recursos da Lei Agnelo/Piva devem ser aplicados em programas e projetos de fomento; desenvolvimento e manutenção do desporto; formação de recursos humanos; preparação técnica; manutenção e locomoção de atletas; e participação em eventos desportivos (NOTÍCIAS, 2005).

As informações técnicas apresentadas pelo COB têm refletido a melhoria da estrutura oferecida aos atletas e profissionais das comissões técnicas desde janeiro de 2002, quando os recursos começaram a ser aplicados e têm-se traduzido em bons resultados obtidos nas competições internacionais e no crescimento técnico qualitativo, comprovando o quão imprescindível é para o esporte olímpico brasileiro contar com recursos permanentes e contínuos para o seu desenvolvimento.

A evolução não foi apenas sentida no esporte de alto rendimento. O esporte de base também deu passos importantes desde 2005: ampliação do trabalho de base em conjunto com o ME e confederações brasileiras; melhoria do acompanhamento e do desenvolvimento dos atletas na base em várias modalidades e categorias; aumento do número de atletas praticantes em diversas modalidades

em todas as regiões do país, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Apesar de fundamental para o desenvolvimento do esporte brasileiro, a Lei Agnelo/Piva não contempla a totalidade dos recursos necessários ao esporte estudantil, universitário e olímpico brasileiro. A verba, disponibilizada por essa lei, corresponde a um terço das necessidades do esporte nacional. Desde 1983 um alerta sobre a necessidade da criação de uma Lei de Incentivo Fiscal para as empresas que investirem no esporte vem sendo feito (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2003).

O que se pode depreender é que essas políticas para o esporte no Brasil são limitadas frente às necessidades das universidades tanto públicas como privadas, já que não dão conta nem das necessidades básicas do esporte. Isso vai ser confirmado posteriormente neste trabalho, através das narrativas das participantes do Esporte Universitário, em que deixaram bem claro sobre as dificuldades financeiras que enfrentam para continuar praticando o esporte na universidade.

3.3 ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA PUC/RS

3.3.1 Parque Esportivo da PUC/RS

Os dados sobre o Parque Esportivo da PUC/RS, inaugurado em 2004, encontram-se no *site* da universidade e podem ser acessados livremente por qualquer pessoa interessada (PARQUE ESPORTIVO, 2006).

Esses dados foram inseridos na revisão bibliográfica porque são importantes para a compreensão das falas das mulheres participantes do Esporte Universitário, uma vez que o Parque Esportivo da PUC/RS foi bastante citado por elas, reforçando a dimensão que ele representa para estas mulheres.

A conclusão desse complexo esportivo reafirmou as linhas de gestão da administração da universidade, baseadas na qualidade, na inovação, no empreendedorismo e no relacionamento com a sociedade.

O Parque Esportivo PUC/RS é um moderno complexo para a prática de esporte, edificado com base em padrões internacionais de qualidade, destinando-se à prática de diversas modalidades e contando com duas edificações principais: o prédio poliesportivo e o estádio universitário.

O prédio poliesportivo, núcleo central do Parque, conta com nove andares. No primeiro bloco estão o Laboratório de Avaliação e Pesquisa em Atividades Físicas, salas de psicomotricidade teórica e prática, auditório para 210 lugares com salas de apoio, salas de aula, laboratório de informática e quadras de *squash*. No segundo bloco, estão as áreas esportivas, distribuídas em quatro pisos. No primeiro piso, estão a piscina térmica olímpica e arquibancada; no segundo, há três quadras poliesportivas próprias para futsal, voleibol, basquetebol e handebol. O terceiro piso conta com as áreas para ginástica olímpica, rítmica e para lutas marciais e, na última grande área, há três quadras de tênis.

As mulheres participantes do Esporte Universitário fazem seus treinos no segundo piso, onde estão as quadras poliesportivas. O local é de fácil acesso e de ótimo padrão técnico.

O estádio universitário conta com um campo de futebol de dimensões oficiais e uma pista de atletismo. O campo de futebol possui grama especial, com grande resistência e capacidade de recuperação, sendo que a água para irrigação, assim como das demais áreas gramadas do Parque Esportivo, vem de poço artesiano existente, com irrigação que reutiliza a água consumida. Sob o estádio, há um estacionamento coberto. Ambos foram construídos justapostos, de modo que a laje de cobertura deste último é também piso da pista de atletismo e do campo de futebol.

O Parque dispõe, ainda, de uma pista de caminhada de 750 metros de comprimento e de áreas de lazer e contemplação distribuídas ao longo de 4 mil metros de caminhos para pedestres em áreas verdes com grama, mudas de árvores e um lago artificial.

3.3.2 O Esporte Universitário na PUC/RS

As informações a serem apresentadas abaixo foram obtidas mediante entrevista oral realizada com estudante da PUC, que pediu para não ter seu nome identificado, em 20 de novembro de 2006.

Segundo ele, o Esporte Universitário da PUC/RS iniciou-se no ano de 1994, pelo sonho de um acadêmico, recém-ingressado no curso de Engenharia Civil, que conseguiu organizar uma equipe de futebol de campo.

Posteriormente, em 1999, o Diretório do Centro Estudantil da PUC/RS resolveu formar uma equipe universitária de futsal semi-profissional que disputou a Série Bronze do Campeonato Estadual de Futsal e o Metropolitano de Porto Alegre, tendo recebido apoio da PRAC para a formação de equipes em outras modalidades esportivas: basquetebol, voleibol, handebol, futsal, atletismo, tênis, tênis de mesa, vôlei de praia, judô e natação.

Em 2000, conforme seu relato, mais um passo importante foi dado em favor das equipes esportivas. O curso de Educação Física passou a trabalhar junto na formação das equipes, integrando a Comissão Esportiva da PUC/RS (PRAC, DCE, ACAPUCRS, FEFID), realizando a parte prática (treinamento, acompanhamento técnico das equipes e liberação do espaço físico), por meio de seus professores e alunos.

Em 2004, com a construção do Parque Esportivo, que passou a fazer parte da Comissão Esportiva, houve a liberação dos espaços para treinamentos das equipes e o gerenciamento do material para as equipes. A comissão esportiva vem realizando reuniões quinzenais com os responsáveis por FEFID, PRAC, Parque Esportivo, DCE/ACAPUCRS e um irmão marista, para continuar com o andamento e a qualificação das equipes esportivas.

Em 2005, a coordenação geral do Esporte Universitário passou para a coordenação da PROEX.

O Esporte Universitário conta hoje com oito equipes universitárias, formadas por alunos dos cursos de graduação, pós-graduação e cursos oferecidos pela PUC/RS, pelos quais o aluno mantém vínculo com a entidade. As equipes oferecidas são de esportes coletivos (basquetebol masculino/feminino, futebol de campo masculino, futsal masculino/feminino, voleibol masculino/feminino, *handebol*

masculino/feminino). Atualmente, está se estudando e analisando a formação de equipes individuais de tênis, tênis de mesa, atletismo, judô e natação.

Os universitários participantes do Esporte Universitário na PUC/RS têm à sua disposição: quadra para a prática do esporte escolhido, duas a três vezes por semana; treinador; uniforme para os treinos; e sala de musculação liberada, entre outros. Os treinamentos são de acordo com os horários e espaços disponíveis, orientados por seus professores/técnicos e auxiliados por alunos monitores da Faculdade de Educação Física.

Os treinamentos para as modalidades esportivas acima citadas basicamente se compõem dos seguintes fundamentos:

- a) físico: reforço muscular e obtenção de força e explosão; aquisição de resistência aeróbia e anaeróbia; alongamentos precedidos por período de aquecimento;
- b) manutenção do treinamento físico;
- c) tática e técnica;
- d) jogos.

Com esse treinamento, os praticantes estão se preparando para futuras competições, além de melhorar o seu preparo físico.

3.4 A IMPORTÂNCIA DAS OLIMPÍADAS UNIVERSITÁRIAS PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DO ESPORTE NACIONAL

Em encontro promovido em Brasília, no ano de 2001, com a participação do ministro dos Esportes e outras autoridades, a importância do esporte como um dos fatores capazes de implementar políticas públicas para os jovens foi destaque (UNIVERSIDADE NACIONAL DE BRASÍLIA, 2001). Nesse encontro, reforçou-se o fato de que o esporte promove a saúde e representa um lado oposto ao da droga para a juventude e de que o atleta não só pode, mas deve concluir a graduação, mostrando a importância de aliar o esporte à vida acadêmica.

Cada vez mais se torna necessário procurar valorizar ao máximo as competições universitárias regionais e nacionais que servem para a formação da seleção de representantes brasileiros que participam de eventos como a

Universidade (Olimpíada Mundial Universitária) e mundiais universitários, que são de grande valia em termos de experiência para os atletas olímpicos, principalmente os praticantes dos esportes individuais.

As Olimpíadas Universitárias, anteriormente conhecidas como Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) até 2004, são realizadas pelo COB, pelo ME e Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU), em parceria com as Organizações Globo e com apoio do governo do estado onde são realizadas. Seu novo modelo vem se consolidando e seu nível técnico, a cada ano, aumenta, com as disputas cada vez mais equilibradas. Hoje, esse evento funciona como uma ferramenta para consolidar o Esporte Universitário no esporte nacional, o que acaba desenvolvendo o esporte nacional de uma forma geral (NUZMAN, 2006).

Para que essa ferramenta consolide o Esporte Universitário, é necessário que os dirigentes esportivos universitários procurem aumentar o apoio das direções das faculdades e universidades no sentido de incrementar competições internas, bem como realçar a importância de os alunos representarem suas escolas em competições regionais e nacionais.

Aqui no Rio Grande do Sul, os Primeiros Jogos da UFRGS, realizados em outubro de 2006, foram uma iniciativa pioneira do DCE e do programa de extensão “Esporte Universitário no âmbito da UFRGS”, que visou integrar os alunos da universidade em atividades esportivas, recreativas e culturais. Foram programadas atividades de basquete, voleibol, natação e futsal e manifestações culturais e artísticas, além de jogos como truco, sinuca, pingue-pongue, etc. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2006).

De acordo com o COB (2003), o que se celebra nas Olimpíadas Universitárias é a possibilidade de o jovem atleta não precisar abandonar os estudos para se dedicar à carreira esportiva. Com a continuidade desse projeto, acredita-se que cada vez mais instituições de ensino Superior irão aderir a esta idéia, que é desenvolver a prática esportiva sem esquecer o lado acadêmico e a formação do atleta como cidadão.

Os dados a seguir encontram-se disponíveis no *site* oficial do COB (2006) e podem ser acessados livremente por qualquer interessado. Esses dados estão aqui para mostrar que é possível e importante conciliar a prática esportiva com a vida acadêmica.

O estímulo à formação acadêmica dos atletas é um dos pilares que sustentam a base da reformulação das competições estudantis no Brasil, iniciada em 2005 pelo COB, em parceria com o ME e a CBDU, contemplando as Olimpíadas Universitárias e as Olimpíadas Escolares.

A importância desses dois eventos está no fato de que os atletas têm a possibilidade de requisitar a adesão ao Programa Bolsa-Atleta, do Ministério do Esporte, em conformidade com a Lei 10.891 de 09/07/04 (Ministério do Esporte, 2006). Durante as Olimpíadas Universitárias 2006, foram selecionados, por técnicos e árbitros, 24 atletas dos esportes coletivos (três homens e três mulheres em cada modalidade) e os três primeiros colocados nas provas individuais, totalizando cerca de 200 atletas com possibilidades de entrar no Programa Bolsa-Atleta. Preenchidos os pré-requisitos exigidos pelo Ministério, esses atletas vão receber recursos no valor de R\$ 300,00 mensais, no ano de 2007, constituindo-se um incentivo fundamental para quem pretende conciliar o esporte com os estudos (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2006).

No campo esportivo, as Olimpíadas Universitárias revelaram e confirmaram diversos talentos brasileiros para a disputa dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Os exemplos citados abaixo, nas mais diversas modalidades esportivas e mais detalhes, podem ser encontrados no *site* oficial do COB (2006).

Na natação, atletas das universidades paulistas (UNIP), baianas (Faculdade de Teologia da Bahia) e mato-grossenses (UNIVAG), pelos resultados que vêm tendo, são uma promessa de medalhas para os Jogos Pan-americanos. Em todas elas, o apoio fornecido para esses jovens talentos foi fundamental para a obtenção desses resultados.

No atletismo, destaca-se um atleta gaúcho, da Universidade de Santa Cruz do Sul (RS), medalhista de bronze nos 800m nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003) e que conquistou o ouro nos 800m e 1.500m rasos nas últimas Olimpíadas Universitárias. Graças ao apoio da universidade, este atleta conseguiu superar uma lesão grave e voltar a competir, sem abandonar os estudos.

Também foi o apoio incondicional da universidade ao esporte o fator decisivo nos resultados das Olimpíadas Universitárias conseguidos pelos atletas do judô da UNIDF. Todos os atletas são bolsistas, contam com o apoio de uma academia para o treinamento físico, têm estágio técnico fora de Brasília e recebem material de treinamento e visitas de profissionais de fora custeadas pela universidade. Tanto

apoio resultou na conquista de 14 medalhas nas disputas individuais e duas nas disputas por equipe, durante as últimas Olimpíadas Universitárias.

Mas o maior exemplo de perseverança foi dado por uma atleta de 42 anos, veterana de quatro Jogos Olímpicos e muitos títulos, que venceu os 800m rasos, no atletismo, e ganhou o reconhecimento de algumas adversárias com idade para serem suas filhas. Estudante de pós-graduação em Docência do Ensino Superior na Universidade Potiguar (RN), ela foi inscrita com base no regulamento das Olimpíadas Universitárias, que permite às federações estaduais a escalação de até três atletas com idade acima dos 28 anos. Mostrando estar completamente de acordo com os objetivos das Olimpíadas Universitárias, a atleta se disse mais entusiasmada com o projeto educacional e esportivo do que com a conquista da medalha de ouro, pois acredita muito na educação como um agente transformador. Segundo ela, é preciso mudar o pensamento existente no país e que faz muitos atletas largarem os estudos quando começam a se destacar. Eles podem ser bons no esporte, mas também podem ter uma boa formação educacional. A realização das Olimpíadas Universitárias é um grande passo nessa direção.

Apesar de serem uma das mais importantes competições poliesportivas universitárias da América do Sul, as Olimpíadas Universitárias, antigos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS), têm enfrentado diversas dificuldades.

Um dos problemas mais importantes diz respeito ao fato de que as seleções e os campeonatos universitários são escassos no Brasil, diferente de países como os Estados Unidos da América, onde são a base para a formação de atletas profissionais. Como exemplo desse problema, das 64 instituições de ensino superior que existem em Brasília, apenas sete investem no Esporte Universitário, de acordo com o cadastro na Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal, fundada em 1991. Esse é o primeiro desafio dos ministros da Educação e do Esporte, que devem fortalecer as atividades desportivas não só nas universidades como também nas escolas. A meta é o fortalecimento dos esportes nos projetos pedagógicos. No ensino superior, o objetivo será investir nos atletas; já nas escolas públicas, será a construção de, pelo menos, uma quadra desportiva (ARRAES, 2006).

Outro problema se refere a sua divulgação, que tem sido muito pequena perto de sua grandiosidade e importância como gerador de empregos. Rajzman (2000) diz que o esporte, dentro da indústria do entretenimento, e junto com o turismo, é a maior fonte geradora de empregos e riquezas para um país. Apesar dessas

dificuldades, Araújo (2002) aponta que o setor esportivo no Brasil vem tendo uma crescente participação na mídia, nos negócios e na economia e, principalmente, no lazer das pessoas, já sendo o país o quinto maior mercado esportivo do mundo.

Dentre as principais vantagens do *marketing* esportivo aplicado ao Esporte Universitário, o retorno da imagem deve ser um dos objetivos mais importantes da estratégia mercadológica de gestão do departamento de esporte de cada instituição de ensino superior, pois a maior beneficiária dessa estratégia é a própria universidade. Melo Neto (2000) aponta que o talento do atleta, conhecido por todos através da mídia, é entendido pela mente do consumidor como de alta qualidade e com sucesso garantido. Essas qualidades são as identificações que as universidades deveriam buscar para vincular a sua imagem e a sua marca.

Cabe salientar que, com as disputas das competições sendo feitas entre universidades, os jogos adquirem um aspecto bastante positivo, traduzido por um aumento da sua representatividade junto à mídia, o que é um fortíssimo benefício, que com o tempo fará com que as falhas citadas na divulgação tendam a diminuir bastante.

Também sua organização tem muito a ser melhorada, especialmente na parte técnica. Profissionais ligados ao esporte devem ter um maior preparo para atender às demandas do esporte em um mercado altamente competitivo em todos os níveis.

Por outro lado, de cinco anos para cá, a motivação do atleta universitário em participar dessas competições aumentou, uma vez que elas servem como base para a formação das equipes brasileiras que participam de universíades em anos ímpares e de mundiais universitários de futsal, handebol, judô e tênis de mesa em anos pares e que os patrocínios, tanto governamentais como de empresas particulares, têm começado a aumentar progressivamente.

Apesar da forte resistência de investimento na área esportiva e da pouca atenção para a gama de possibilidades que podem ser extraídas com a gestão competente do Esporte Universitário, Toledo (2006) acredita que as universidades, ao perceberem os benefícios de viabilizar uma gestão adequada e supervisionada por elas mesmas, comecem a utilizar o esporte como uma ferramenta diferencial no processo de divulgação na mídia.

Vieira (2000) relata que cada vez mais a sociedade exige que a cidadania das empresas seja traduzida em uma relação de proteção ao meio ambiente, em pagar bem aos empregados e em ser um bom patrão. Ao patrocinar a cultura e o esporte,

as empresas também estarão dando uma prova de cidadania, sendo que o dinheiro gasto em publicidade significa uma contribuição importante para a melhoria da qualidade de vida da população.

Em um estudo exploratório qualitativo por meio de entrevistas, realizado por Toledo (2006), em 2005, com as dez instituições universitárias mais bem classificadas nas Olimpíadas Universitárias realizadas em Recife, Pernambuco mostrou que todas elas participam regularmente dos campeonatos universitários estaduais com mais de cem alunos, distribuídos em diversas modalidades esportivas. Oito delas têm seu departamento esportivo vinculado à instituição universitária e duas não.

Em termos de investimentos na área esportiva, dados interessantes foram encontrados com esse trabalho e podem explicar o sucesso destas universidades em relação a outras, que muitas vezes têm mais condições financeiras e de estrutura do parque esportivo, mas não têm uma gestão do esporte universitário profissional adequada. Seis arcaram com todos os custos relativos à inscrição e transporte para as Olimpíadas, três arcaram parcialmente e, em uma delas, os atletas arcaram com os próprios custos. Nove concedem bolsas de estudo que variam de 20% a 100% e uma delas não, pois é pública e gratuita. Oito delas, além do responsável pela gestão do esporte, têm técnicos esportivos registrados pelas universidades. Quatro universidades têm custos diretos com locação de instalações esportivas, uma tem custos indiretos pagos pela própria universidade, uma tem as locações pagas pelos próprios atletas, uma utiliza outras instalações, por meio de convênios firmados, e três, utilizam todas as instalações no próprio *campus*. Nove delas costumam realizar campeonatos internos, com destaque para o futsal e um grande número de competições internas, com diversas equipes participantes, sendo que apenas uma não os faz por não ter espaço para a realização desses eventos. Quatro universidades têm projetos paralelos com relação ao investimento em equipes profissionais, que participam de campeonatos não-universitários. Em cinco centros universitários existem estratégias de marketing para a divulgação do nome da instituição na mídia. Das dez participantes das Olimpíadas Universitárias, sete acreditam que a exposição na mídia com sua participação no evento superou o investimento, duas não acreditam e uma não investiu em divulgação.

Os dados levantados pela pesquisa anteriormente citados são um referencial para a comparação do que tem sido feito em termos de investimento no Esporte

Universitário pela PUC/RS.

No Anexo E desse trabalho, encontram-se trechos da Política Nacional do Esporte, de 27/04/05, e do Plano de Ação para 2005/2006, organizados pelo ME e localizados no *site* oficial deste Ministério, sendo de livre acesso a qualquer pessoa que tenha interesse em conhecer o trabalho desenvolvido por este órgão governamental (POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE, 2006). Foram selecionados os trechos em concordância com a sua importância para o enriquecimento e a compreensão deste trabalho, mostrando os esforços que vêm sendo feitos pelo ME para implementar o esporte em nosso país.

4 A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE REDES SOCIAIS DE APOIO NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE

Muitos estudos, de acordo com Christmas (2000), mostram a importância dos profissionais de saúde como agentes facilitadores para a prática regular da atividade física, por meio de estratégias específicas de abordagem, que levem em conta todos os aspectos da vida da pessoa. Esses profissionais também são importantes para a construção de redes sociais de apoio.

Talvez caiba aos profissionais de saúde repensar seus conceitos sobre saúde e qualidade de vida relacionados ao esporte, principalmente quando se trata de mulheres e da importância das redes de saúde na criação de políticas públicas de saúde.

Para isso, é necessário que alguns conceitos sejam mais bem entendidos pelos profissionais de saúde: promoção da saúde, prevenção da doença e educação em saúde, bem como o conceito de redes de saúde.

Segundo Powell *et al.* (1991), promoção da saúde é a combinação de assistência educacional e ambiental, que encorajem comportamentos ou ações, que conduzem à saúde. Ela executa sua meta utilizando-se da combinação de atividades planejadas para formar um comportamento normal de indivíduos e populações, segundo critérios internacionalmente aceitos.

Czeresnia (1999) define prevenção da doença como uma ação baseada no conhecimento da história natural da doença, a fim de evitar o progresso desta. As ações de prevenção são definidas como uma intervenção direta contra a emergência de doenças específicas para, assim, reduzir sua incidência e prevalência.

O conceito de educação em saúde referido por Coelho (2002), por sua vez, é mais limitado e concerne às informações sobre saúde; à recepção e compreensão das mensagens dos programas; à compreensão da saúde como um direito; à valorização de conhecimentos, práticas ou comportamentos saudáveis ou não; à problematização e facilitação de discussões; ao desenvolvimento da autonomia do pensamento; à reelaboração dos conhecimentos de modo a conformar valores, habilidades e práticas consideradas saudáveis.

Embora nas literaturas que abordam redes seja freqüente encontrar termos diversos que significam aspectos semelhantes, esses nem sempre são usados na

forma mais adequada. Dentre esses termos podemos citar: rede social, rede de suporte formal ou informal, rede natural de ajuda e serviços de suportes.

As redes sociais implicam o processo de construção permanente, tanto individual como coletivo (DABAS, 1995). Dessa forma, Giongo (2001) define redes sociais como grupos de pessoas, significativas umas para as outras, que, ao realizarem intercâmbios entre si e com outros grupos significativos, podem potencializar os recursos que possuem, havendo uma articulação entre relação, solidariedade e autonomia.

Para Elkaim (1995), rede social é definida como um grupo de indivíduos, membros da família, vizinhos, amigos e outras pessoas capaz de oferecer ajuda e apoio real e duradouro a um indivíduo ou uma família.

A rede social refere-se às relações sociais e às características transacionais e morfológicas. A forma como as relações sociais estruturam os comportamentos cotidianos e são mobilizadas em cada circunstância específica caracteriza a integração social da pessoa. A rede de suporte, ou apoio, refere-se a uma ajuda concreta às pessoas e divide-se em rede de apoio informal, ou primária, e rede de apoio formal, ou secundária, (PAÛL, 1991; GIONGO, 2001).

Sanicola (1994) define a rede primária ou informal como aquela formada por laços de família e também pela vizinhança, por amizade e pelo trabalho, conforme a condição social e as circunstâncias marcadas pelas relações afetivas e de reciprocidade entre os membros, não se fundamentando em pagamentos monetários.

Já a rede secundária ou formal, ainda segundo Sanicola (1994), inclui serviços estatais de segurança social e os organizados pelo poder local (lares para terceira idade, serviços de apoio domiciliar, centros dia e outros), formada para desenvolver funções específicas e comuns, como em sindicatos, clubes sociais e cooperativas, onde seus integrantes cumprem papéis determinados e suas relações se dão a partir do direito ou do dinheiro.

Dessa forma, a formação de redes sociais assume uma qualificação específica na articulação dos recursos disponíveis para atender às demandas sociais, que facilitam a inclusão social, no caso deste trabalho, mediante a prática esportiva. Seu objetivo é a construção de uma práxis interdisciplinar no atendimento a situações individuais e/ou coletivas que emergem em um determinado contexto social, visando à geração de soluções para os problemas que

emergem em uma determinada comunidade (GIONGO, 2001). Então podemos dizer que as redes sociais são ligações humanas que se estruturam como sistemas de apoio para manutenção e promoção da saúde das pessoas, tendo os recursos partilhados entre os membros desse sistema. Cabe ressaltar (Kern, 2003) que o conhecimento da comunidade é essencial para o sucesso na construção dessas redes de apoio, principalmente no campo da saúde.

As redes sociais de apoio possuem uma importância crucial na vida de todos os cidadãos, pois permitem que estes participem de grupos de apoio que os ajudam a se integrar no seu meio social.

Na opinião de Thoits (1995) e Matos & Ferreira (2000), o apoio social não deve ser simplesmente uma construção teórica, mas antes um processo dinâmico e complexo, que envolve transações entre indivíduos e as suas redes sociais, no sentido de satisfazer necessidades sociais, promovendo e completando os recursos pessoais que possuem no enfrentamento das exigências para atingirem novos objetivos. Dessa forma, podemos dizer que apoio refere-se às atividades dos domínios expressivo e instrumental, enquanto o social condiz com o vínculo da pessoa ao meio social, que pode ser comunitário, de relacionamento íntimo e de rede social.

No caso das mulheres participantes do Esporte Universitário da PUC/RS, a obtenção desse apoio social, traduzido por ajuda institucional financeira e técnica, via construção de uma rede social que objetivará ajudar essas atletas, poderá ter um efeito direto sobre o seu bem-estar, favorecendo a sua saúde e o seu convívio social.

Assim sendo, todo o processo de formação de uma rede social, como aquelas com vistas à intervenção na área de saúde, implica lutas de interesses, com processos contraditórios de enfrentamento, nas quais forças se constituem nas mediações de poder existente nas relações. No caso do estudo, encontramos contradições entre o discurso e a prática esportiva, de acordo com as entrevistas realizadas com as mulheres participantes do Esporte Universitário.

Essas forças são eminentemente co-relacionais, relativas a uma determinada conjuntura, a um momento, a um campo de limites e possibilidades, no movimento do geral/particular e do particular/geral. Da mesma forma que são contraditórias, Faleiros (1999) refere que essas mediações realizadas por profissionais da área de saúde são importantes no processo de

fragilização/fortalecimento, no caso do estudo, das atletas e das praticantes de esporte, definindo o trabalho desse profissional. A institucionalização do atendimento traz a possibilidade de uma articulação entre as ações de rotina (prestação de serviços), o envolvimento e a participação da população e sua organização estratégica perante a instituição e a própria sociedade.

Ainda conforme o mesmo autor, as mediações, por serem também contraditórias, ampliam o campo de possibilidades para intervenção dos profissionais de saúde, como intermediação estratégica de ação. A mediação profissional é considerada como um trabalho de ligação entre os grupos de exclusão, as instituições e a sociedade local, operando ele mesmo transações e arranjando pontos de passagem, graças aos quais as transações podem se multiplicar. Apesar de não eliminar as tensões, as mediações dão resultados quando a relação sai da dualidade para se tornar múltipla, construindo-se o vínculo social no cotidiano e no âmbito local. Em relação a este estudo, as mediações seriam importantes para que os profissionais de saúde pudessem levar as reivindicações das atletas às instâncias superiores da universidade, criando canais de comunicação mais eficazes entre os diversos setores envolvidos nesse processo de construção de uma nova realidade.

A rede não pode ter uma estrutura piramidal, tem que proporcionar a ruptura dessa estrutura, para dar espaço ao sujeito e, conseqüentemente, recuperar o contato com os outros. Os elementos normativos rígidos e o abuso do poder não podem existir porque impossibilitariam a sua capacidade geradora, destruindo a criatividade e a capacidade de recuperação do tecido social (LAFIN, GUIMAMELON; HILLEBRAND, 2007).

Após todas essas considerações, a formação e a qualificação de redes de apoio primárias e secundárias pelos diversos profissionais de saúde possibilitaria a implementação de ações concretas em termos de prevenção, promoção e educação para a saúde, por intermédio de políticas públicas.

No caso deste trabalho, constatou-se ser urgente a construção de uma rede de apoio para essas mulheres esportistas, tendo em vista à falta de ajuda em diversos aspectos. Essa construção poderia levar essas mulheres participantes do Esporte Universitário a melhorar sua qualidade de vida, o que implicaria um maior apoio familiar e institucional.

Para concluir, Faleiros (1999) enfatiza que são as redes sociais, juntamente com a perspectiva relacional da estrutura e os processos, que permitem o fortalecimento dos vínculos, auxiliando a mudar trajetórias na dinâmica do trabalho com recursos e redes, no trabalho das mediações, o que se transforma em estratégia de ação profissional, combinada às estratégias de vida dos indivíduos e dos grupos. Ao mudar-se a trajetória do Esporte Universitário, apoiando essas atletas, esses benefícios atingiriam não só as participantes, mas também a universidade, que começaria a colher os frutos do seu investimento nesse capital humano tão importante.

5 METODOLOGIA

5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa sobre “Qualidade de vida em mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS” foi delineada como quanti-qualitativa (MARCÍLIO, 1995).

5.2 TAMANHO DA AMOSTRA

Participaram da primeira etapa do estudo todas as mulheres participantes das equipes de futsal, voleibol, basquetebol e *handebol* do Esporte Universitário na PUC/RS, num total de 43 participantes.

5.3 INFORMANTES-CHAVES

Foram incluídos como informantes-chaves todos os técnicos das modalidades esportivas avaliadas (*handebol*, basquetebol, voleibol e futsal) e um estudante da PUC que contribuiu para a implementação do Esporte Universitário da PUC/RS, com o objetivo de obter informações sobre a forma de treinamento das atletas.

5.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NO ESTUDO

Foram incluídas no estudo todas as mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS e que estavam praticando esportes regularmente, independentemente de sua idade.

5.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

5.5.1 Gerais

O Projeto de Pesquisa foi primeiramente apresentado à Comissão Científica pela Coordenação do Serviço Social, quando foram sugeridas modificações.

Após as modificações serem realizadas, o Projeto de Pesquisa foi aprovado pela Direção do Parque Esportivo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), no qual novas sugestões foram feitas, visando à qualificação do projeto.

E, finalmente, o Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, no qual as últimas modificações foram implementadas, para possibilitar a sua operacionalização. A autorização para a realização do estudo encontra-se no Anexo A.

5.5.2 Etapas de coleta de dados

Os dados foram coletados nas seguintes etapas:

- a) Primeira etapa - para todas as participantes:
 - Ficha de informações sobre o respondente (WHOQOL) (ver Anexo B);
 - Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL) - (ver Anexo C);
 - Ficha de Avaliação Complementar para coleta de dados complementares e não constantes do (WHOQOL) ver Apêndice A.
- b) Segunda etapa: foram selecionadas para a entrevista as participantes do Esporte Universitário que se ofereceram espontaneamente:
 - Roteiro de Entrevista semi-estruturada (com duração média de 20 a 30 minutos) que foi gravada, transcrita e cujos dados coletados foram usados posteriormente para fins de apresentação em seminários,

congressos e outros eventos e também para a publicação de artigos científicos (ver Apêndice B).

Todos os participantes do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se encontra no Apêndice C.

A Declaração do Termo de responsabilidade de pesquisador responsável encontra-se no Apêndice D.

5.6 DADOS SOBRE OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

5.6.1 Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida

O desenvolvimento de um conceito de qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (*THE WHOQOL GROUP*, 1994) levou ao desenvolvimento do (WHOQOL), cujo reconhecimento da multidimensionalidade do construto refletiu-se na estrutura do instrumento.

No Brasil, esse instrumento foi validado com uma estrutura adequada à nossa compreensão. Consta de 26 perguntas, com cinco alternativas cada uma, em ordem crescente do nível de satisfação: 1 - Nada; 2 - Muito pouco; 3 - Médio; 4 - Muito; 5 - Completamente.

Os cinco domínios se situam entre os limites de 4 a 20 pontos, em que quanto maior o número de pontos, melhor a percepção de uma boa qualidade de vida. São eles: I - Físico (dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso); II - Psicológico (sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, auto-estima, imagem corporal e aparência e sentimentos negativos); III - Relações sociais (relações pessoais, suporte-apoio social e atividade sexual); IV - Meio ambiente (segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, participação em e oportunidades de recreação/lazer,

ambiente físico: poluição/ruído/trânsito/clima e transporte; e V - Qualidade de vida geral.

5.6.2 Entrevista semi-estruturada

Segundo Martinelli (1994), para produzir práticas sociais que tenham a dimensão do coletivo, é necessário dialogar com os saberes múltiplos e pesquisar com qualidade. Também é preciso buscar significados e interpretações para os sujeitos e suas histórias. Isso se consegue com o contato direto com os sujeitos pesquisados, privilegiando instrumentos que superam o questionário e os formulários e que incidem mais na narrativa oral. Também é importante, como outro recurso metodológico, a concepção do sujeito coletivo, no sentido de que a pessoa que está sendo convidada para participar da pesquisa tem uma referência grupal, expressando de forma típica o conjunto de vivências de seu grupo. O significado que esses sujeitos têm, em função do que se busca com a pesquisa, é mais importante que o número de pessoas que vai prestar a informação. Conforme a autora, os instrumentos usados na pesquisa qualitativa são diferenciados em relação às pesquisas quantitativas, porém não excludentes.

Minayo (1999) destaca que, frente à problemática da quantidade e da qualidade, a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações são suas prioridades inerentes e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, assinalando, assim, a dissolução das dicotomias quantitativo/qualitativo, macro/micro, interioridade e exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas. Apesar dessa inseparabilidade, para a autora, a abordagem qualitativa é superior precisamente por sua capacidade de incorporar as verdades parciais das outras correntes, criticando e negando suas limitações, e por perceber a relação inseparável entre mundo natural e social; entre pensamento e base material; entre objeto e suas questões; entre a ação do homem como sujeito histórico e as determinações que a condicionam. Na pesquisa qualitativa, campo é o recorte especial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação. No campo, o objeto de estudo faz parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social

com o pesquisador. Portanto, a interação entre pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial.

Para a entrevista semi-estruturada foi elaborado um roteiro com perguntas norteadoras, que se encontram no Apêndice B. As participantes falarem livremente durante a gravação. As falas foram posteriormente transcritas e analisadas (ver Anexo D). Isso permitiu uma complementaridade dos dados obtidos com o questionário, valorizando a experiência social dos sujeitos.

5.7 LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

O estudo foi realizado no Centro Esportivo da PUC/RS - Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto. O local foi escolhido por sua proximidade geográfica e pelo pioneirismo do trabalho e para subsidiar futuras equipes esportivas para melhor qualificação de suas práticas.

5.8 PERÍODO DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

A coleta dos dados se desenvolveu no período de abril de 2006 a setembro de 2006.

As entrevistas e a aplicação do Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL), nas atletas ocorreram durante os períodos de treinamento destas, nos horários específicos para cada modalidade esportiva.

5.9 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados quantitativos coletados foram analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas: frequência, média e desvio padrão (LEVIN, 1987).

Para as variáveis categóricas, utilizou-se para a avaliação a porcentagem (LEVIN, 1987).

Na comparação dos escores dos domínios do Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL) e para as diferentes modalidades esportivas, utilizou-se o ANOVA (análise de variância) (LEVIN, 1987).

O nível de significância adotado no estudo foi de $\alpha = 0,05$ (LEVIN, 1987).

Os dados foram processados e analisados com o auxílio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package of Social Sciences*) for Windows, versão 12.0 y Epi-Info 2002.

As informações qualitativas foram submetidas à análise de conteúdo, por aplicar-se em uma grande diversidade de materiais, abordando atitudes, valores, representações, mentalidades, ideologias. Foram seguidos os procedimentos apontados por Bardin (1988), que se organizam em três momentos:

- a) Na pré-análise, organiza-se o material, que constitui o *corpus* da pesquisa. O primeiro contato com os documentos é a leitura flutuante, na qual surgem as hipóteses ou questões norteadoras e os objetivos, que ajudarão a elaborar indicadores que fundamentem a interpretação final. A hipótese é uma explicação antecipada do fenômeno observado, uma afirmação provisória, que a autora se propõe a verificar, que também pode surgir no decorrer de outras fases da pesquisa, juntamente com as questões norteadoras. O objetivo geral da pesquisa é sua finalidade maior, de acordo com o quadro teórico que embasa o conhecimento;
- b) Na exploração do material, ocorre a realização das decisões tomadas na pré-análise. Há três etapas:
 - a escolha das unidades de contagem;
 - a seleção das regras de contagem; e
 - a escolha de categorias. É o momento da *codificação* - em que os dados brutos são transformados de forma organizada e agregadas em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo. A codificação compreende a escolha de unidades de registro, a seleção de regras de contagem e a escolha de categorias. A categorização permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar

classes de acontecimentos para ordená-los. A categorização representa a passagem dos dados brutos a dados organizados;

- c) O tratamento dos resultados compreende a inferência e a interpretação. A inferência se orienta por diversos pólos de atenção, que são os pólos de atração da comunicação. Numa comunicação, há sempre o emissor e o receptor, os pólos de inferência propriamente ditos, além da mensagem e o seu suporte, ou canal. As interpretações a que levam as inferências serão sempre no sentido de buscar o não-aparente na realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais.

O objetivo do uso da análise de conteúdo é a obtenção de uma visão mais completa do contexto social em que estão inseridas as mulheres participantes do Esporte Universitário, bem como poder comparar os dados coletados através das entrevistas com os resultados obtidos com a aplicação do (WHOQOL) e avaliados estatisticamente. Isso possibilitou a emergência de contradições entre o discurso e a prática esportiva e também evidenciou o quanto a percepção do conceito de qualidade de vida é subjetivo, reforçando ainda mais a importância do uso de um instrumento qualitativo de análise de dados.

5.10 PLANILHA DE CUSTOS DO ESTUDO

A planilha de custos do estudo detalhada com os valores referentes se encontra no Apêndice E.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 43 mulheres elegíveis entrevistadas inicialmente, dentro dos critérios anteriormente propostos para o estudo, nenhuma foi excluída deste. Todas responderam a Ficha de Informações sobre o respondente (WHOQOL) ver Anexo B; o Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL) ver Anexo C e a Ficha de Avaliação Complementar para coleta de dados complementares e não constantes do (WHOQOL) ver Apêndice A.

Das 43 mulheres elegíveis para este estudo, 12 (27,9%) praticam *handebol*; 11 (25,6%), futsal; 10 (23,3%), vôlei; e 10 (23,3%), basquetebol (ver figura 1)

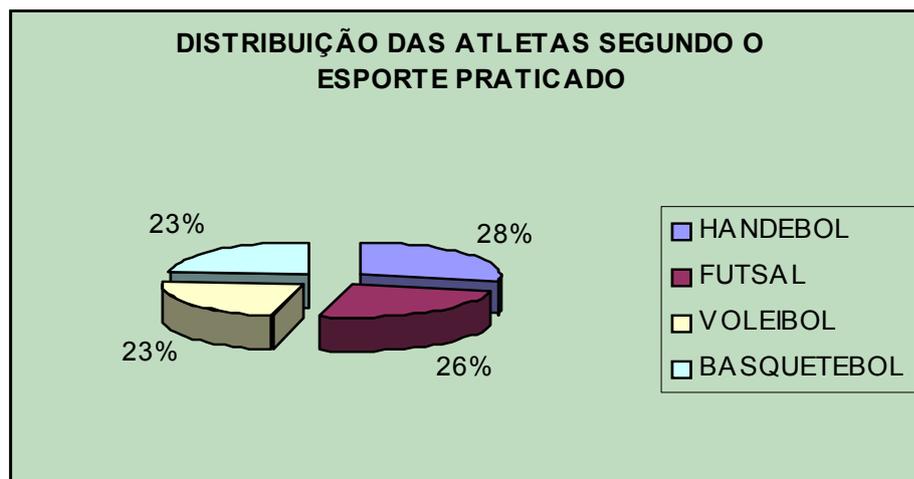


Figura 1 - Distribuição segundo o esporte praticado

Foram entrevistadas mediante gravação por se oferecerem espontaneamente (ver figura 2):

- a) no grupo das praticantes de handebol, n = 4 (33,3% do grupo);
- b) no grupo das praticantes de futsal, n = 4 (36,4% do grupo);
- c) no grupo das praticantes de vôlei, n = 4 (40,0% do grupo); e
- d) no grupo das praticantes de basquetebol, n = 5 (50,0% do grupo).

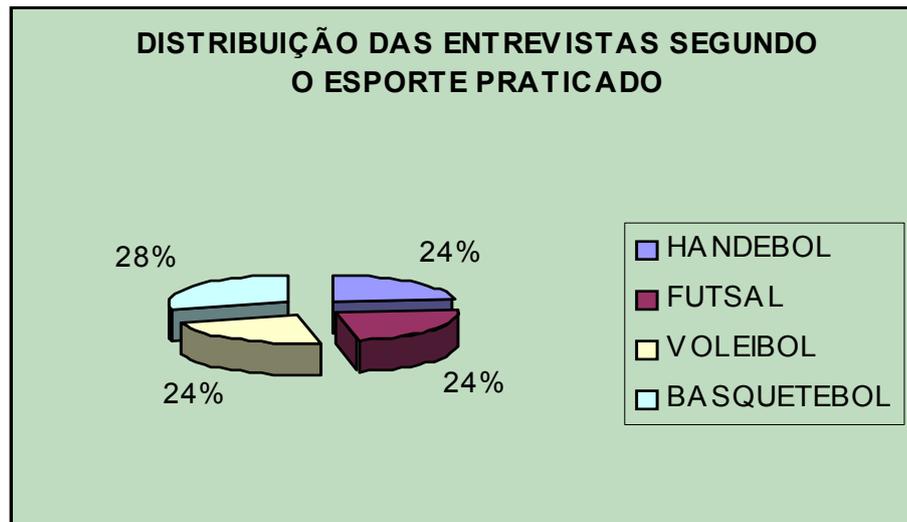


Figura 2 - Distribuição das entrevistas segundo os esportes praticados

O perfil demográfico das 43 mulheres participantes do Esporte Universitário encontra-se descrito na Tabela 1.

Tabela 1 - Perfil demográfico nos grupos estudados

Variáveis		N = número	%
Raça/etnia	Branca	41	95,3
	Amarela	1	2,3
	Outros	1	2,3
Religião	Católica	26	65,1
	Protestante	3	7,0
	Espírita	1	2,3
	Outras	13	25,6
Escolaridade*	III Grau incompleto	38	88,4
	III Grau completo	3	7,0
	Pós-Graduação incompleta	1	2,3
	Pós-Graduação completa	1	2,3
Renda familiar**	1-2 salários mínimos	3	7,0
	4-10 salários mínimos	26	60,5
	> 10 salários mínimos	14	32,6
Composição familiar	Pais e irmãos	30	69,8
	Pai e irmãos	1	2,3
	Mãe e irmãos	6	14,0
	Outros familiares e/ou pessoas	6	14,0

* = Classificação constante do (WHOQOL)

** = Salário mínimo regional vigente no Rio Grande do Sul em março de 2007
= R\$ 405,95

O grupo total de mulheres (100%) era constituído de solteiras.

Em relação à idade, a mínima foi de 17 anos e a máxima, foi de 26 anos, com média de $21,1 \pm 2,4$.

Em relação à raça/etnia, 41 mulheres (95,3%) eram brancas, 1 (2,3%) era amarela e 1 (2,3%) era negra (ver Tabela 1).

Quanto à religião, 26 mulheres (65,1%) eram católicas; 3 (7,0%), protestantes; 1 (2,3%); espírita; e 13 (25,6%) pertenciam a outras religiões (ver Tabela 1).

Quanto à escolaridade, 38 (88,4%) das mulheres estão cursando o Terceiro Grau (Curso Superior); 3 (7,0%) já concluíram o III Grau; 1 (2,3%) está cursando o Curso de Pós-Graduação; e 1 (2,3%) já concluiu o Curso de Pós-Graduação (ver Tabela 1).

Três mulheres (7,0%) tinham renda familiar de até três salários mínimos; 26 (60,5%) de 4 a 10 salários mínimos; e 14 (32,6%), superior a 10 salários mínimos (ver Tabela 1).

Com relação à composição familiar, 30 (69,8%) moravam com os pais e os irmãos; 1 (2,3%) mora com o pai e os irmãos; 6 (14,0%) moram com a mãe e os irmãos; e 6 (14,0%) mora com outros familiares e/ou outras pessoas (Ver Tabela 1).

Em relação à comparação entre os grupos de mulheres participantes do Esporte Universitário, as variáveis demográficas (idade, sexo, cor, estado civil e grau de instrução) foram homogêneas, não tendo havido diferenças significativas entre elas ($P < 0,05$).

Esses dados demográficos coletados e complementares ao questionário de avaliação de qualidade de vida podem de alguma maneira ter influenciado nos resultados, embora estatisticamente não sejam significativos. Pode-se destacar que as mulheres do estudo eram, na maioria, brancas (95,3%), com renda familiar de 4-10 salários mínimos para 60,5% e maior de 10 salários mínimos para 32,6%, sendo que 69,8% moravam com os pais. Esses dados, apesar de não terem sido estatisticamente significativos, podem estar apontando para uma tendência e estar correlacionados com a maior facilidade de acesso à universidade pelos brancos, que têm melhor renda familiar. Segundo dados do IBGE (2000), o acesso de brancos aos cursos superiores é quase quatro vezes maior que o de negros (16,6% contra 4,4%). Também podem estar correlacionados ao fato de que os brancos têm uma percepção positiva em relação à sua qualidade de vida, devido aos maiores recursos em todas as áreas que estão disponíveis para essas mulheres (IBGE, 2000). Segundo Sen (2000), a renda tem enorme influência sobre o que podemos ou não

podemos fazer, sendo ela a principal causa de privações normalmente associadas à pobreza.

Outros dados sobre essas mulheres participantes do Esporte Universitário foram coletados para servir como complemento ao questionário de avaliação de qualidade de vida e às entrevistas realizadas, visando a uma maior abrangência.

Com relação aos dados sobre saúde em geral, constantes na ficha de informações sobre o respondente, eles se encontram na Tabela 2.

Tabela 2 - Dados sobre saúde em geral nos grupos estudados

Variáveis		N = número	%
Problemas de saúde	Sim	28	65,1
	Não	15	34,8
Qualidade da saúde	Fraca	1	2,3
	Nem ruim, nem boa	3	7,0
	Boa	18	41,9
	Muito boa	21	48,8
Tratamento medicamentoso	Sim	18	41,0
	Não	25	58,1
Plano de saúde privado	Sim	33	76,7
	Não	10	23,3

Fonte: Classificação constante do (WHOQOL)

Das 43 mulheres participantes do estudo, 28 delas (65,1%) apresentaram problemas de saúde, que são comuns na população em geral e sem grandes repercussões sobre o seu cotidiano, enquanto 15 delas (34,8%) não referiram nenhum problema com a sua saúde.

Em relação à percepção da qualidade de sua saúde, uma mulher (2,3%) referiu ter saúde fraca; 3 (7,0%) consideraram sua saúde nem ruim nem boa; 18 (41,9%) disseram que sua saúde é boa; e 21 (48,8%) consideraram sua saúde muito boa.

Apesar de 18 referirem sua saúde como boa, conforme a Tabela 2, 16 apresentaram problemas comuns de saúde e, das 21 que disseram ter sua saúde muito boa, 9 apresentaram esses problemas de saúde.

Os principais problemas percebidos como problemas de saúde e apontados pelas mulheres estudadas foram (ver Tabela 3):

Tabela 3 - Principais problemas de saúde nos grupos estudados

Problemas de saúde	N= número de atletas	CID-10	%
Rinite alérgica	7	J00	25,0
Enxaqueca	1	G43.9	3,6
Anemia	2	D50.D53	7,1
Gastrite	3	K29	10,7
Sinusite	2	J01	7,1
Cálculo renal	1	N20	3,6
Asma brônquica	3	J45	10,7
Déficit de atenção	1	F90.0	3,6
Pólipo adenomatoso	1	D14.0	3,6
Psoríase	1	L40	3,6
Lombalgia	1	M54.5	3,6
Cifose e escoliose	1	M40	3,6
Alergia medicamentosa	1	L27.0	3,6
Dermatite de contato	1	L23	3,6
Candidíase vaginal	1	N73	3,6
Esteatose hepática	1	K70.0	3,6
Total	28		

Dezoito mulheres (41,0%) não faziam tratamento com medicamentos e/ou outras terapias no período da entrevista, contra 25 (58,1%) que faziam uso de algum tipo de medicamento e/ou outra terapia. O uso de anticoncepcional, em realidade, é rotineiro e comum, sendo usado para a prevenção de uma gravidez indesejada, mas foi referido de forma espontânea pelas participantes do estudo como medicamento.

Os medicamentos e/ou as terapias utilizados pelas 25 participantes do estudo se encontram na tabela abaixo (ver Tabela 4).

Tabela 4 - Medicamentos e terapias utilizados nos grupos estudados

Medicamentos e/ou terapias	N = número de atletas	%
Anticoncepcional oral	19	57,5
Analgésicos para cefaléia	1	3,0
Antiácidos para gastrite	1	3,0
Sulfato ferroso para anemia	1	3,0
Ritalina para déficit de atenção	1	3,0
Antibiótico (amoxicilina)	2	6,0
Antidepressivo (Tolrest)	1	3,0
Broncodilatador para asma brônquica (Serevent spray)	2	6,0
Creme vaginal para candidíase	1	3,0
Glucoformin	1	3,0
Homeopatia	2	6,0
Litotripsia	1	3,0
Total	33	

Trinta e três mulheres (76,7%) possuem plano de saúde privado e 10 (23,3%) não possuem um plano de saúde.

Esses dados mostraram que uma boa parte delas referiu problemas de saúde (65,1%), apesar de serem corriqueiros, e o uso de medicamentos para seu controle (41,0%), conforme os resultados apresentados anteriormente, o que em alguns casos pode ser incompatível com um treinamento adequado (FEIGENBAURN & POLLOCK, 1999; MATSUDO; MATSUDO; BARROS, 2001).

Apesar do relato desses problemas de saúde, 41,9% consideraram sua saúde como boa e 48,8%, como muito boa, o que pode ser um indicativo de que o esporte ajuda essas mulheres a relativizar seus problemas de saúde, ou seja, eles não se tornam tão importantes para elas, uma vez que os benefícios obtidos com a prática esportiva são muito maiores do que eles, o que pode ser evidenciado pelo depoimento de uma delas: *“Sim, melhorou também bastante a minha saúde, apesar da asma, né. Mas melhorou, assim, diminuiu peso. Comecei a me alimentar melhor”* (suj. 2, VO).

Os dados sobre a prática esportiva reforçaram a importância da escola e da família como agentes que auxiliaram, na maioria dos casos, no desenvolvimento das habilidades esportivas e facilitaram o acesso dessas mulheres a treinamentos em locais mais adequados de acordo com o esporte escolhido.

O tempo de prática esportiva mínimo das participantes do esporte universitário foi de 4 anos e o máximo de 18 anos (média de 9,7 anos e desvio padrão de 3,563).

Em relação ao local de início da prática esportiva, 33 (76,7%) iniciaram na escola; 5 (11,6%), pelo clube esportivo; 3 (6,9%) em uma escolinha de esportes; e 2 (4,6%) no local onde moram.

A escolha do esporte praticado foi motivada pelos seguintes fatores:

- a) 18 (41,8%) devido às aulas de Educação Física, campeonatos e/ou incentivo do professor de Educação Física;
- b) 10 (23,3%) por habilidade e/ou afinidade com o esporte escolhido;
- c) 8 (18,6%) por influência de algum familiar (pai, mãe, avós, etc.);
- d) 3 (6,9%) por influência dos amigos;
- e) 3 por preferirem esportes coletivos e de movimento;
- f) 1 (2,3%) por timidez;
- g) 2 (4,6%) por andarem só na companhia de meninos e para não ficarem sós; e
- h) 1 por influência da Copa do Mundo.

Trinta e três (76,7%) das participantes do esporte universitário tiveram incentivo da escola, enquanto 10 (23,3%) não o receberam.

O incentivo da escola deu-se pelos treinamentos e pela participação em campeonatos entre escolas. As demais praticantes do esporte que não receberam incentivo da escola, o receberam de clubes e/ou escolinhas onde praticavam o esporte escolhido.

Em relação à prática esportiva, a escola teve papel fundamental para o início da atividade esportiva em 76,7% dos casos, sendo que as aulas de Educação Física ministradas na escola foram responsáveis em 41,8% pela escolha do esporte a ser praticado. Esses achados estão em concordância com as novas diretrizes do ME citadas no Anexo E deste trabalho, onde é referida a necessidade da universalização do esporte, que é um direito de todos e que ajuda na promoção da melhoria da saúde e do bem-estar, sendo a implementação do esporte nas escolas públicas em todos os estados brasileiros umas das principais metas desse ministério. Também é na escola onde a prática esportiva pode ser iniciada como um meio de educação, com o objetivo de levar aos seus participantes a inclusão social e a formação como cidadãos.

O acesso ao Esporte Universitário da PUC/RS pelas mulheres participantes deu-se por:

- a) 14 (32,5%) através de seleção pelo Peneirão da universidade, que foi divulgado em pequenos cartazes espalhados pelos murais da Universidade;
- b) 10 (23,3%) foram avisadas por colegas e/ou amigos;
- c) 9 (21,0%) foram indicadas por treinadores de outros locais;
- d) 7 (16,2%) procuraram pelos times ao entrarem para a Universidade; e
- e) 3 (6,9%) iniciaram a prática esportiva por outros motivos.

Em relação à chegada ao Esporte Universitário da PUC/RS, parece que houve uma certa dificuldade de acesso a ele por parte de algumas participantes, haja visto as diversas maneiras referidas para entrarem nele, sendo que algumas tiveram que procurar como poderiam participar, conforme os depoimentos a seguir: *“As vezes eu comento com os professores mesmo e eles nem sabem que existe a equipe”* (suj.1, VO).

Eu acho que falta um pouco mais de divulgação. Até eu mesma fiquei sabendo agora há pouco que tinha esta oportunidade de jogar basquete e algumas colegas minhas já se manifestaram, dizendo que gostariam de vir, mas aí acaba que falta aquela pessoa em cima dizendo :”- Vamos lá, vamos jogar” (suj. 3 BQ).

Quanto à ajuda de custo, 34 (79,1%) têm ajuda da família para financiar os gastos com a prática do esporte e 9 (20,9%) não têm ajuda financeira, tendo que trabalhar para poder arcar com os custos da prática esportiva.

Também o apoio financeiro da família foi fundamental para a grande maioria das participantes custear os seus gastos, sendo que muitas delas trabalham para poder ajudar no seu sustento, o que mostra a insuficiência de incentivo e apoio ao esporte

Estes resultados possibilitaram a compreensão de como a prática esportiva pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida em mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS, propiciando a demonstração da importância do uso de métodos quantitativos (questionários) e qualitativos (entrevistas) como recursos complementares para a análise dos dados coletados.

Com relação à avaliação da qualidade de vida das 43 mulheres participantes do Esporte Universitário, 100% das praticantes do esporte universitário foram assistidas pelo pesquisador para o preenchimento do questionário de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL).

As principais dificuldades encontradas para a realização deste estudo foram a falta de um local adequado, de horários compatíveis entre a entrevistadora e as participantes para a realização das entrevistas e a falta de literatura especializada sobre o assunto. A falta de recursos financeiros para a pesquisa impossibilitou a realização de um trabalho mais abrangente, conforme o projeto inicial. O número pequeno de participantes (43), apesar de ser estatisticamente significativo para o grupo total, foi pequeno para cada esporte individualmente.

As 43 mulheres praticantes do Esporte Universitário na PUC/RS apresentam uma boa percepção de sua qualidade de vida, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre as atletas das diferentes modalidades de esporte (Ver Tabela 5).

Para todos os domínios físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e global, a percepção da qualidade de vida foi satisfatória, para os limites de uma

escala entre 4-20 propostos para avaliação dos resultados obtidos pelo (WHOQOL) (ver Tabela 5).

Tabela 5 - Resultados da qualidade de vida nos grupos estudados para cada domínio (n=43)

	N = número	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Físico	43	8,6	16,6	13,7	1,6
Psicológico	43	11,3	18,0	14,7	1,5
Relações sociais	43	8,0	20,0	16,4	2,5
Meio ambiente	43	11,0	19,0	15,0	1,8
Global	43	12,0	20,0	16,3	2,2
N válidos	43				

Estatística descritiva

Freqüência, média, desvio padrão

Valores mínimos e máximos

A prática esportiva também trouxe benefícios para as praticantes. Foram observadas satisfação com o treinamento e vontade de continuar praticando, não só durante a faculdade para melhorar o rendimento, mas também após a conclusão do curso, conforme o depoimento abaixo:

Olha, eu gostaria de continuar jogando. Não sei se será possível, mas gostaria de tentar jogar. Não talvez para competir, porque talvez também eu já não tenha mais aquele treinamento todo, o tempo para treinar, mas continuar jogando, nem que seja para só por diversão (suj. 1, HD).

Em relação à comparação entre as modalidades esportivas (voleibol, handebol, basquetebol e futsal), o estudo também não mostrou diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos domínios avaliados, tanto dentro do grupo de esporte praticado individualmente como entre os grupos de esportes entre si (ver Tabela 6).

Tabela 6 - Resultados da qualidade de vida entre os grupos de esportes e dentro do próprio grupo de esporte praticado para cada domínio (n=43)

Domínio		Soma dos quadrados	.df	Média dos quadrados	.F	Significância
Físico	Entre grupos	17,5	3	5,8	2,5	0,08
	Dentro dos grupos	91,6	39	2,3		
	Total	109,1	42			
Psicológico	Entre grupos	0,3	3	0,1	0,04	1,0
	Dentro dos grupos	95,0	39	2,4		
	Total	95,3	42			
Relações sociais	Entre grupos	32,5	3	10,7	1,9	0,2
	Dentro dos grupos	223,0	39	5,7		
	Total	255,0	42			
Meio ambiente	Entre grupos	19,5	2	6,5	2,3	0,1
	Dentro dos grupos	113,7	39	3,0		
	Total	133,2	42			
Global	Entre grupos	22,3	2		1,6	0,2
	Dentro dos grupos	182,3	39	7,5		
	Total	204,7	42	4,7		

Fonte: Análise de variância (ANOVA)
P > 0,05

Em relação ao domínio físico, encontrou-se um $P = 0,075$. Dentre os esportes praticados, as mulheres praticantes de handebol foram as que apresentaram a pior percepção em relação à sua qualidade de vida relacionada a esse domínio. Porém, essas diferenças não foram significativas, pois ocorreram ao acaso entre os quatro grupos de diferentes esportes praticados (ver Tabela 6). O depoimento abaixo ilustra algumas dificuldades em relação aos treinamentos, o que poderia ter afetado seu rendimento físico:

Bom, as assessorias, aquelas de academia fisioterapia, nutricionista, atendimento médico, todas essas coisas são muito importantes, que a gente se lesiona bastante jogando, né, então isso é extremamente importante. Assim, a preparação física também é uns 50% do jogo e tu tem que ter fôlego para conseguir jogar todo o tempo bem, né (suj. 3, HD).

Para o domínio psicológico, encontrou-se $P = 0,991$. Dentre os esportes praticados, as mulheres praticantes de futsal e basquetebol foram as que apresentaram a pior percepção em relação à qualidade de vida relacionada ao domínio psicológico. Para esses achados não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, uma vez que as diferenças ocorreram ao acaso (ver

Tabela 6). O depoimento a seguir evidencia o estresse a que a equipe de basquetebol foi submetida:

Bem, esse ano a gente ia para os Jogos Brasileiros Universitários, [...] ia ser agora no final de julho. Então tava todo mundo ansioso com isso. Todo o mundo cancelou as férias. Eu ia para Recife e para Montevidéu nessas férias. Cancelei minha passagem a semana passada e ontem eu descobri que não vou mais para Brasília jogar. Então não tô muito contente. Estamos muito decepcionadas, especialmente porque, aparentemente, não há mais nada para fazer em relação a isso. E a gente não pode tentar nenhuma outra alternativa. Simplesmente, a PUC não vai mais pagar, mas não deram uma opção de a gente, talvez, tentar pagar (suj. 3, BQ).

No domínio relações sociais, encontrou-se um $P = 0,151$ (ver Tabela 6). Dentre os esportes praticados, as mulheres praticantes de voleibol foram as que apresentaram a pior percepção em relação à qualidade de vida relacionada ao domínio relações sociais, achado este sem relevância estatística, uma vez que as diferenças ocorreram ao acaso. O depoimento abaixo elucida a dificuldade de relacionamento entre as jogadoras de vôlei e a universidade:

Eu acho que eles deveriam levar mais a sério, dar incentivo para os atletas, se eles realmente quisessem construir um time de ponta [...]. Eu tô há quatro anos aqui e a gente continua porque gosta de jogar, pela amizade, pelas gurias. Tanto é que a gente fez um time, exatamente todas as gurias da PUC, um time com outro nome para poder se inscrever no campeonato. Nós somos 12 e a gente não pode vir treinar sempre por causa do horário, mas somos 12 neste time paralelo [...]. A gente chegou até a fase final do campeonato contra o União, e a gente tá jogando sem técnico. A gente fez o uniforme com nossos nomes, tanto que chegamos à final (suj. 4, VO).

Para o domínio meio ambiente, encontrou-se um $P = 0,207$ (ver Tabela 6). Dentre os esportes praticados, as mulheres praticantes de handebol, seguidas pelas de futsal, foram as que apresentaram a pior percepção em relação à qualidade de vida relacionada ao domínio meio ambiente. Essas diferenças não foram significativas, uma vez que ocorreram ao acaso. Não houve depoimento por parte das atletas que pudesse exemplificar esse achado.

Para o domínio qualidade de vida global, encontrou-se um $P = 0,207$ (ver Tabela 6). Dentre os esportes praticados, as mulheres praticantes de futsal foram as que apresentaram a pior percepção em relação à qualidade de vida relacionada ao domínio global, ou seja, geral. Esses achados não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, uma vez que ocorreram ao acaso. Essa pior

percepção global da qualidade de vida pode estar relacionada ao preconceito que sofrem por serem mulheres jogadoras de um esporte ainda hoje considerado masculinizante pela nossa sociedade, conforme exemplificado com o seguinte depoimento:

A principal dificuldade enfrentada por algumas gurias é também o preconceito. Tem muito ainda a questão de que “há, porque joga tem que ser machona”. Muita guria ainda pensa isso também porque joga futebol (subj. 2, FS).

Para cada esporte individualmente, a percepção da qualidade de vida para os cinco domínios avaliados também foi boa (ver Tabela 7).

Tabela 7 - Qualidade de vida nos grupos estudados para cada esporte individualmente (n=43)

Esporte		N = número	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Handebol	Físico	12	8,6	15,4	12,8	2,0
	Psicológico	12	12,0	18,8	14,8	1,7
	Relações sociais	12	16,0	20,0	17,1	1,5
	Meio ambiente	12	11,0	19,0	14,2	2,0
	Global	12	14,0	20,0	16,5	2,3
	N válidos	12				
Futsal	Físico	11	11,4	16,0	14,2	1,5
	Psicológico	11	12,0	16,7	14,7	1,2
	Relações sociais	11	13,3	18,7	16,5	1,8
	Meio ambiente	11	11,5	17,0	14,7	1,6
	Global	11	14,0	18,0	15,1	1,4
	N válidos	11				
Basquetebol	Físico	10	12,0	14,9	13,7	1,1
	Psicológico	10	11,3	17,3	14,7	1,7
	Relações sociais	10	13,3	20,0	17,1	2,6
	Meio ambiente	10	13,5	18,5	16,0	1,5
	Global	10	12,0	20,0	16,6	3,0
	N válidos	10				
Voleibol	Físico	10	12,0	16,6	14,4	1,2
	Psicológico	10	11,3	16,6	14,8	1,6
	Relações sociais	10	8,0	20,0	15,0	3,4
	Meio ambiente	10	12,5	17,5	15,3	1,4
	Global	10	14,0	20,0	17,0	1,7
	N válidos	10				

Estadística descritiva

Medidas descritivas por modalidade de esporte

P < 0,05

Os dados avaliados pelo método quantitativo com o uso do Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL) permitiram sua comparação com os dados encontrados tanto na literatura nacional como na internacional.

Segundo a *American College of Sports Medicina Position Stand* (1988), é praticamente um consenso entre profissionais da área de saúde que a atividade física é um fator determinante no sucesso do processo de envelhecimento e na melhora da qualidade de vida. Há uma relação estreita entre atividade física, saúde, qualidade de vida e envelhecimento (ANDERSON, 1976; FARQUHAR, 1995; HOLAHAN; SUZUKI, 2004; HUNTER; MCCARTHY; BAMMAN, 2004; PASCHOAL; 2002; PERRIG-CHIELO *et al.*, 1996; CHRISTMAS; ANDERSON, 2000).

Além disso, demonstrou-se a importância dos exercícios físicos para o bem-estar mental e a melhoria psicológica de seus praticantes (BECKER, 2001; BECKER; SAMULSKI, 2002; CRUZ, 1996; WEINBERG; GOULD, 1996), bem como a sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, e se constitui em uma prática emancipatória, principalmente para os sujeitos em condições de vulnerabilidade social (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003; BERG *et al.*, 2004).

As entrevistas realizadas com as mulheres participantes do Esporte Universitário confirmaram esses achados da literatura, e alguns depoimentos reforçam as contribuições do esporte para a melhoria da qualidade de vida:

A questão de doenças, assim, é muito difícil de eu pegar alguma coisa. Pego uma gripe, uma dor de garganta. Mas eu acho que isso tem influência do esporte. A gente trabalha tudo e tem mais resistência para fazer coisas do dia-a-dia. Tem que caminhar até um lugar, subir escadas, não sei quantas vezes, e ajuda nas outras atividades também (suj. 1, HD).

Saúde, bem-estar comigo mesma. Acho que toda uma qualidade de vida que levo. Eu me sinto muito melhor. Eu acho que tu, praticando esporte, tua vida fica mais ativa, melhor, né, resultados em tudo: psicologicamente e fisicamente [...]. E acho que eu sou uma pessoa muito estressada, tenho tendência ao mau humor, uma facilidade... E acho que todo esporte ajuda, tu tira um pouco a cabeça das coisas, tu relaxa, tá brincando, mas tá treinando. É uma coisa que tu gosta, tá correndo, fazendo um exercício que te estimula. Dá uma aliviada. Dá uma sensação muito boa [...]. Acho que me ajuda a ter um equilíbrio melhor da minha pessoa. Tenho um geniozinho complicado [...]. (suj. 4, HD).

Também o que cada vez mais está se vendo é a prática de esportes ganhando importância crescente, tanto nos meios de comunicação como na área médica, com estudos científicos sempre mais avançados, que têm permitido um desenvolvimento e uma melhoria constante na *performance* das diversas modalidades esportivas. Segundo Feigenbaur, Pollock (1999) e Nahas (2001), os benefícios são mais positivos quando os programas de treinamento são adequados.

Assim, por todas essas razões apontadas, a avaliação global das mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS com instrumentos adequados foi fundamental para que no futuro se possa melhorar não só o desempenho físico, mas também todos os demais aspectos de suas vidas, prevenindo lesões e danos psicológicos e colaborando para a melhoria de sua qualidade de vida.

Em relação à aplicação de um questionário de avaliação da qualidade de vida, as medidas subjetivas de saúde (como as obtidas por questionários) são vistas como um importante complemento às medidas objetivas (como as obtidas por exame físico e testes diagnósticos), porque elas fornecem uma percepção mais ampla do estado de saúde do indivíduo para os profissionais da área de saúde, complementando as informações básicas (sexo, idade, raça/etnia, profissão, etc.) necessárias para determinar as metas dos cuidados de saúde que devem ser dispensados à população (STEWART; HAYS; WARE; 1988; STEWART *et al.*, 1989; TAVLOV *et al.*, 1989; JETTE *et al.*, 1986; KIRSHNER; GUYATT, 1985; MURRAY; COLE, 2000).

O questionário de avaliação da qualidade de vida aplicado no estudo, mostrou-se um instrumento adequado e confiável quanto a tempo de aplicação, número, simplicidade e abrangência das perguntas formuladas, requerendo pouco julgamento subjetivo das respondentes, conforme os parâmetros de avaliação internacionalmente aceitos (TAVLOV, 1989).

Pelos dados acima avaliados pelo presente estudo, a pesquisa quantitativa usando o (WHOQOL) foi importante para dimensionar os problemas trabalhados, para trazer grandes retratos da realidade (sua qualidade de vida é boa). Por outro lado, foi insuficiente para trazer as concepções dos sujeitos: como pensam a sua problemática (dificuldades encontradas para a prática esportiva); que significados atribuem às suas experiências; como vivem a sua vida; quais suas experiências sociais e que significado atribuem a isso. Também foi insuficiente por si só para trazer a possibilidade de construção coletiva. O dado numérico em si

instrumentaliza, mas não equipa para trabalhar com o real em movimento, na plenitude buscada, como no caso dessas mulheres avaliadas, em que sua prática esportiva está condicionada por uma teia de relações familiares, sociais, econômicas e institucionais mediatizadas pelas questões de gênero. Essa teia de relações é complexa e contraditória, pois pode ora fortalecer as mulheres, ora limitá-las no exercício de sua prática esportiva.

Assim, o uso da pesquisa qualitativa foi fundamental e superior para a captação da complexidade dessa teia de relações e para obtenção dos dados necessários para uma avaliação mais profunda do trabalho.

A análise de conteúdo descrita por Bardin (1988) foi usada com o propósito de possibilitar uma avaliação qualitativa dos dados coletados nas entrevistas. Por meio dessa técnica, procurou-se o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Para uma melhor apreciação dessa análise de conteúdo feita a partir das entrevistas, no Anexo D deste trabalho se encontra a categorização das falas das mulheres participantes do Esporte Universitário da PUC/RS de acordo com cada modalidade esportiva praticada e com as perguntas da entrevista semi-estruturada.

Graças à complementaridade dos dois métodos, quantitativo e qualitativo, foi possível fazer uma melhor avaliação, tanto do objetivo geral (avaliar as contribuições do esporte para a melhoria da qualidade de vida) como dos específicos (verificar as mudanças da qualidade de vida por meio da prática esportiva, verificar as condições de prática esportiva a que estão submetidas as participantes do estudo, descrever os possíveis problemas advindos da prática inadequada de exercícios e buscar subsídios teórico-práticos que possam ajudar a identificar propostas de trabalho e intervenção para que políticas públicas possam implementar programas de apoio para essas mulheres).

A categorização das falas das participantes propiciou também algumas inferências importantes sobre como essas mulheres estão inseridas dentro do Esporte Universitário num contexto de uma cultura que ainda não propicia espaços suficientes para elas mostrarem todas as suas potencialidades e na qual muitos esportes praticados por mulheres são vistos como masculinizantes, numa clara demonstração de preconceito social, o que de alguma forma pode interferir com o rendimento do esporte praticado, até pela perda de talentos esportivos e talvez, por uma piora da percepção da qualidade de vida.

As entrevistas foram bastante elucidativas sob diversos aspectos em relação à importância da prática esportiva como fator importante para a boa percepção da qualidade de vida das participantes, como já foi demonstrado com a avaliação feita pelo Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL).

Sobre as modificações da vida pessoal após o início da prática esportiva, do ponto de vista pessoal, as principais alterações referidas por todos os quatro grupos de esportes praticados foram o aumento da auto-estima pessoal, a ampliação do leque de amizades com o aprendizado do trabalho em grupo e a melhora da convivência social, um aumento da disciplina e da organização e uma melhora do bem-estar físico e mental, traduzidos por melhora no desempenho estudantil e no trabalho, refletindo-se em uma melhora da qualidade de vida. Alguns depoimentos deixaram bem claros esses aspectos positivos em relação à prática esportiva: *“Eu aprendi a conviver mais com as pessoas, lidar melhor com conflitos dentro do grupo, trabalhar melhor em equipe, respeitar as pessoas com quem eu convivo e outros grupos de amizade”* (suj. 2, HD).

“Eu acho que aprender a lidar com, te ver dentro de um grupo [...]” (suj. 4, FS).

“Isso me ajudou, tanto em relação aos estudos, me relacionar com pessoas e [...] no convívio com as pessoas [...]” (suj. 5, BQ).

“O vôlei, como é em grupo, tu consegue aceitar a diferença do outro, saber lidar com vários tipos de pessoas” (suj. 1, VO).

Em relação à família, as participantes de voleibol, handebol e basquetebol referiram uma melhor convivência familiar, com apoio por parte dos pais referidos nos seguintes trechos dos depoimentos: *“Eu tive mais diplomacia também com eles, o respeito em família é tudo. Consegui segurar a barra dos problemas”* (suj. 2, HD).

“Eles sempre incentivaram bastante o esporte, desde criança. Então, só continuou o incentivo. Meu pai levava para tudo que é lugar” (suj. 1, BQ).

“Na verdade, minha mãe tem preocupação, porque eu já torci meu tornozelo, já rompeu os ligamentos. Então, a questão familiar é mais pra mim ter cuidado redobrado” (suj. 3, VO).

Já para o grupo do futsal, algumas atletas referiram a falta de apoio familiar, pelo preconceito dos pais em relação à prática de um esporte considerado masculinizante, o que ficou bastante caracterizado pelas falas das participantes.

Aqui, o preconceito é de gênero, pois existe uma opinião formada na sociedade em geral (um estereótipo), reforçado pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”. Tal conceito é destituído de uma análise mais profunda e reflexiva sobre as mulheres que jogam futsal, uma vez que cada uma das entrevistas do estudo apresenta características pessoais diferentes.

A família também tem essa dificuldade por causa do preconceito, porque quem joga futebol é homem, são tudo machão. É de bastante dificuldades em relação à minha mãe. Às vezes impedir de eu fazer o esporte por competição, sair de casa [...] (suj. 1, FS).

“Tem gurias que jogam e a família não gosta. Tem uma que joga de vez em quando, que, quando ela vem pra participar dos campeonatos, o pai dela quase tem um ‘treco’ na casa. É tem muito, preconceito” (suj. 3, FS).

Quanto à parte financeira, todos os grupos referiram custos para a prática esportiva, sem apoio financeiro por parte da universidade. Boa parte das mulheres tem ajuda familiar, enquanto outras têm que trabalhar para poder ajudar nos estudos e financiar o esporte. O relato de uma participante deixou bem clara as dificuldades enfrentadas por todas as demais participantes do Esporte Universitário:

É, digamos que tem certos esportes que não é para qualquer um [...]. Tem que ter condições financeiras [...]. Quando tem competições, se tu não tem condições, não existe muito patrocínio [...]. Então, muito tu depende dos teus pais, do que eles pensam e da quantia que eles ganham. Então tu fica muito nessa dependência do dinheiro, por não ter patrocínio por fora (suj. 5, B Q).

Na parte afetiva, novamente foi reforçado o fortalecimento do vínculo da amizade e da convivência grupal com a prática esportiva para todos os grupos avaliados, reforçando ainda mais a importância do esporte como fator de integração social, conforme as novas metas do ME para o desenvolvimento do esporte em nosso país constantes do Anexo E. Vários depoimentos comprovaram esse fortalecimento do vínculo de amizades:

Melhorei a relação com as pessoas. Eu era muito fechada [...]. Eu chegava nos lugares e não falava com ninguém. Ficava num canto esperando que alguém falasse comigo. Hoje eu já sou mais aberta: converso logo, me sinto mais à vontade pra falar com as pessoas (suj. 1, FS).

“Um dos pontos muito positivos que tu sempre tem uma relação de amizade, de companheirismo, de união, de garra, de incentivo, tanto com amigos, com treinador, parceiro, essas coisas assim” (suj. 4, BQ).

Ah, com certeza, principalmente amigos. Tu começa a aprender a lidar com a diferença do outro [...]. Eu acho que tu começa a se mudar como ser humano. Tu começa a não ser tão agressivo... Tu tem que ter uma organização. É aquela coisa bem do grupo: cada um tem seu tempo ali jogando. Tu aprende a confiar no outro [...] (suj.1, VO).

Do ponto de vista da saúde, grande número das participantes referiu uma melhora do condicionamento físico e da saúde em geral, o que corrobora os achados da literatura internacional, anteriormente citados: *“Eu acho que o esporte ajuda muito a manter níveis de colesterol. Inclusive eu faço exames” (suj. 4, HB).*

“Como eu tenho uma tendência maravilhosa a engordar (risos), eu acho que, se eu não estivesse praticando um esporte hoje, eu não taria com apenas 69kg. Deveria já ter ultrapassado 90kg” (suj. 2, FS)

“Eu comecei a fazer esporte porque quando eu era muito pequenininha, diz a minha mãe, que eu sempre ficava gripada [...] e fez com que eu nunca mais ficasse gripada” (suj. 5, BQ).

Por outro lado, algumas referiram problemas físicos advindos da prática esportiva, o que pode estar relacionado com um treinamento realizado fora dos padrões recomendados para cada esporte, já que as jogadoras de voleibol, por exemplo, referiram a falta de treinamento adequado e que o técnico não tem envolvimento com o time, o que também corrobora os achados da literatura internacional. O relato abaixo confirma esses achados: *“Eu tenho problema na lombar. Essa parte acabou me prejudicando. Mas não pelo fato do esporte em si, mas pelo fato de eu não ter tido um acompanhamento durante os treinamentos” (suj. 1, VO).*

Em relação aos planos imediatos, a maioria das participantes gostaria de ter mais apoio da PUC para a participação em campeonatos, como o JUBS, hoje Olimpíadas Universitárias. Essa maior participação e o incentivo da universidade poderiam levar a possibilidade da prática esportiva aliada à vida acadêmica. O ME vem lutando para implementar metas que possam atingir este objetivo, visando a uma maior inclusão social das participantes do Esporte Universitário, ver Anexo E.

Os relatos a seguir apontam para a importância do incentivo da universidade: “*Eu tenho vontade de jogar o JUBS. Nunca joguei e, como eu vou me formar Ano final do ano, eu queria fechar com chave de ouro esse ano. Se tiver oportunidade de jogar em outros lugares, tenho vontade*” (suj. 2, HD).

A gente teria o campeonato em Brasília, só que a PUC, por falta de dinheiro e patrocínio, nós não vamos poder ir. E acarretou que a gente ficou bem chateada. A gente não tá treinando mais como tava antes, né. O nosso time foi tido como representante do Rio Grande do Sul pra jogar nos Jogos Universitários Brasileiros (suj. 1, BQ).

Bem, esse ano a gente ia para os JUBS, mas [...]. Todo o mundo cancelou as férias [...] e ontem eu descobri que não vou mais para Brasília jogar [...]. Estamos muito decepcionadas, porque não há mais nada para fazer em relação a isso [...]. Simplesmente a PUC não vai mais pagar, mas não deram uma opção de a gente talvez tentar pagar (suj. 3, BQ).

Seria mais vencer o Campeonato Municipal de POA, o antigo Viva Vôlei, que a gente tá participando [...]. A gente montou um time por fora da PUC, porque a PUC não quis nos inscrever, segundo o nosso técnico [...]. Conseguimos camiseta, as coisas e fomos à luta [...] (suj. 1, VO).

Sobre os planos a longo prazo, com certeza as alunas de Educação Física da PUC estão mais preocupadas em seguir a carreira esportiva, algumas como jogadoras e outras como técnicas, tanto no Brasil como no exterior, conforme comprovam os relatos abaixo:

Eu pretendo, quando terminar a faculdade, fazer um pós e viajar pra ver se eu consigo alguma coisa lá fora, tipo trabalhar como treinadora auxiliar ou como atleta. O mercado lá fora é bem melhor. O futebol feminino nos EUA é um dos melhores que existe. Nas escolas, nas universidades, eles dão mais chances pras melhores do que aqui. E o futsal feminino, se não me engano, na Espanha é onde tem o melhor mercado (suj. 1, FS).

Ah, com certeza. Acho que nessa área aí, quem entra, o sonho é se realizar pegando uma seleção, gaúcha que seja. É o ponto mais alto que a gente pode chegar. Com certeza, ser reconhecida também. É um mercado bastante competitivo, mas é muito legal (suj. 2, VO).

Para as demais participantes, a prática esportiva é vista como uma forma de lazer, recreação e convívio prazeroso com as colegas e, que pretendem continuar praticando pelo resto de suas vidas:

Eu pretendo continuar jogando, mas não visio como profissão. Já passei por uma época que eu queria muito levar a sério. Treinava todos os dias em clube [...]. A gente ia para os campeonatos: brasileiro, Mercosul. Eu queria crescer no handebol. Mesmo que eu levasse muito a sério naquela época, eu nunca pretendi seguir como uma profissional atleta de handebol. Eu sempre tive outros enfoques (suj. 3, HD).

“Participar de mais campeonatos e conhecer mais pessoas, conhecer mais lugares e juntar mais gente para o basquete” (suj. 3, BQ)

Com respeito às principais dificuldades encontradas para a prática do esporte, houve quase unanimidade sobre a falta de apoio da PUC, tanto técnico (treinamento adequado, suporte profissional, material, horários compatíveis) como financeiro (fornecimento de bolsas de estudo, participação em campeonatos) para com as participantes, ficando claro o conflito de interesses e a comparação com outras universidades, onde o apoio é maior. Também foi relatada a falta de treinamento adequado e de um técnico mais presente, principalmente pelas participantes do voleibol. As falas abaixo deixam bem claras essas dificuldades:

A gente vindo treinar na garra, suando a camiseta, no peito e na raça, a gente até consegue, mas chega uma hora do jogo que a gente pega outros times superbem mais estruturados na questão física, psicológica, motora, emocional [...]. Se nós tivéssemos tudo isso englobado [...] nós estaríamos quase num nível de poder jogar até Campeonato Brasileiro e Liga Nacional [...]. Eu só queria agradecer de tu conseguir fazer essa entrevista com a gente e de tu ter a sensibilidade de saber o que tá passando com a gente [...]. O nosso esporte aqui tá, tirando o futebol, passando por muitas necessidades financeiras e de estrutura e mesmo assim as pessoas passam por cima disso e continuam fazendo, não esperam as entidades ou instituições governamentais pra tentar nos ajudar (suj. 2, BQ).

No caso na PUC, eu acho que a falta de assistência que a universidade dá aos atletas. Acho que a universidade não tem ainda uma mentalidade voltada para o esporte [...]. Já aconteceu fatos de até a universidade dizer pra gente: “- Se inscreve no campeonato só pra ter o nome da PUC no meio, mas não precisa nem ganhar”. Pô, qual é o estímulo que um atleta vai ter, sabendo que a PUC, a universidade, não tá nem aí? [...] Em junho teve os JUBS e a gente poderia ter ido, mas a gente não ficou sabendo. A gente não sabe se isso foi o nosso técnico que não quis nos levar ou se foi a própria PUC. A gente sente que, da parte dele, não tem um grande envolvimento com o time. Acho que eles não têm essa mentalidade de pô: “- A PUC vai tar lá representada, a Universidade”. Eles não ligam muito [...]. É uma diferença brusca com a ULBRA, que dá um suporte bem maior para os atletas (suj. 1, VO).

O técnico nunca aparece. Então, isso é que desmotiva. Falta muito incentivo da universidade. Porque eles construíram um parque esportivo e dizem que incentivam o esporte, mas na verdade não. (risos). Aqui, para nós, o efeito que surtiu na gente não refletiu em nada do investimento deles em esporte. Daí, isso que deixa a gente meio chateada (subj. 4, VO).

Eu sou estudante de Medicina e uma das minhas motivações era conseguir uma bolsa pra poder me dedicar às duas coisas bem. Mas tá difícil, e, então eu tô bem desmotivada. Acho que tá faltando comprometimento da equipe inteira e, provavelmente não sei se vou continuar muito tempo. A gente tem dificuldade de vir treinar, pelos horários da faculdade. Então é difícil estabelecer vínculo [...]. A parte técnica é boa, mas a integração é ruim (subj. 3, HD).

Os depoimentos acima, de acordo com Minayo *et al.* (2003), reforçam a presença de violência institucional sofrida por essas mulheres, entendida como constrangimento (elas se comparam às equipes mais bem estruturadas de outras universidades, com técnicos atuantes e apoio financeiro presente) e despersonalização sobre elas (sentem-se impotentes e sem voz para fazer alguma coisa sobre o que acham importante para elas). Em realidade, o que está ocorrendo é uma falta de visibilidade dessas atletas pela universidade (são consideradas meras participantes do Esporte Universitário, desconsiderando sua trajetória de vida no esporte), o que é prejudicial ao seu crescimento pessoal e ao desenvolvimento de seu equilíbrio físico e emocional (existe uma ambivalência em sua prática esportiva: o esporte é importante para elas, mas ao mesmo tempo, sentem-se desmotivadas pela falta de apoio em todos os sentidos).

Para as participantes do futsal, uma das principais dificuldades enfrentadas é o preconceito, tanto familiar como da sociedade em geral, pelo fato de as mulheres praticarem um esporte considerado masculino, sendo que a ausência de apoio financeiro e de campeonatos é tido como fator limitante de melhores resultados.

A dificuldade, principalmente no futsal, é o preconceito [...]. Os patrocinadores, olheiros, eles não tão querendo saber daquilo, eles tão querendo ver uma qualidade [...]. Até própria de algumas gurias, que têm esse preconceito. E financeiro também, tipo se tu é homem, qualquer time de esquina consegue patrocínio. Já o feminino, não. Tu tem que mostrar que tu tem condições, tem que jogar, gastar do teu dinheiro pra poder demonstrar alguma coisa, pra que aquilo, alguma vez na vida, alguma pessoa vá te dar alguma ajuda. Mesmo assim, é bem pouquinho [...]. Eles tentaram colocar campeonato brasileiro de mulheres, mas não tem [...]. Eles tentam incentivar, mas ao mesmo tempo não fazem por querer isso, sabe? Não tem força de vontade nenhuma. Mulher não serve para sabe... Vai fazer uma faculdade que ganha mais (subj.1, FS).

Esses depoimentos reforçam os achados publicados na literatura sobre preconceito e discriminação em vários âmbitos sofridos pelas mulheres, aqui apresentados sob a forma de dificuldade de obtenção de patrocínio e discriminação pelo fato de serem mulheres jogando futebol. Conforme Minayo (2003), no âmbito do trabalho, a dominação masculina manifesta-se em diferenciações de salário, discriminações, ameaças e assédio sexual. Esses achados também servem para reforçar a importância da dimensão histórica da submissão feminina e do movimento feminista do ponto de vista do direito, da justiça e da saúde pública.

Dessa maneira, a falta de uma boa divulgação do Esporte Universitário dentro da própria universidade e fora dela e a falta de uma mentalidade voltada para a importância do esporte como fator de integração universitária parecem ser fatores limitantes do desempenho das equipes avaliadas, o que, por sua vez, limitaria as chances de obtenção de patrocínio para elas.

Quando as mulheres participantes do Esporte Universitário foram perguntadas sobre as estratégias de superação das dificuldades apresentadas, ficou evidente a importância de um apoio institucional por parte da PUC, tanto do ponto de vista financeiro como do técnico, com ênfase a um planejamento de longo prazo que pudesse organizar melhor os times para que tivessem uma maior participação em campeonatos, bem como uma divulgação da universidade e um melhor aproveitamento do Parque Esportivo. Para isso é necessário o estabelecimento de metas e um comprometimento maior por parte das atletas, dos técnicos e da universidade, buscando a implementação de uma gestão do esporte profissional que traga resultados positivos para os investimentos financeiros e humanos necessários para alcançar esses objetivos. Os seguintes depoimentos ressaltam a importância desse apoio institucional:

Eu acho que seria necessário uma espécie de contrato entre as jogadoras, o treinador, aquela coisa de presença. E uma remuneração para que a gente possa encarar isso como uma espécie de trabalho e poder abdicar de outros estágios [...]. Bom, as assessorias, aquelas de academia: fisioterapia, nutricionista, atendimento médico. Todas essas coisas são muito importantes porque agente se lesiona bastante jogando. A preparação física também é uns 50% do jogo, e tu tem que ter fôlego para conseguir jogar todo o tempo bem. Acho que um atendimento psicológico, para trabalhar mais essa parte de integração, também seria bem interessante [...] (suj. 3, HB).

A PUC poderia dar uma bolsa, meia bolsa para as atletas [...]. A gente vai procurar trabalho. No semestre passado eu só treinava [...]. Só que eu fui procurar trabalho porque eu não podia ficar só em função do handebol e parar tudo ao redor (suj. 4, HB).

“Eu acho que tanto as atletas se incentivando umas com as outras e o incentivo superior da PUC. Por exemplo, se eu quero praticar basquete, eu teria um desconto na minha matrícula ou em algum semestre” (suj.4, BQ).

Para reforçar o quão importantes são esses depoimentos, Toledo (2006) cita o exemplo de diversas instituições brasileiras que estão começando a seguir o exemplo das instituições norte-americanas, fornecendo bolsas para importantes atletas do Brasil. Essas universidades obtêm retorno de imagem quando seus alunos conquistam outros títulos dentro e fora do esporte universitário.

Também é importante destacar que, no caso de um atleta famoso que disponibiliza sua imagem em troca de uma bolsa universitária, o benefício para a própria instituição é imediato, endossando a qualidade da instituição não só em termos de prática esportiva, mas como um centro de estudos da mais alta qualificação. Dois depoimentos a seguir reforçam a importância da divulgação do Esporte Universitário dentro e fora da universidade:

Eles tinham que divulgar pra todas as faculdades, pra mostrar que tem esporte de graça, que eles até podiam ter um time efetivo da PUC, pra poder participar de campeonatos. E começar a fazer mais tipo faculdade Americana: o esporte sendo uma prática intensiva na faculdade (suj. 1, BQ).

Eu acho que tem que ter muito isso de incentivo, tanto na televisão, na mídia. Como por exemplo, esse campeonato no Rio de Janeiro, que era das favelas, a CUFA, Comissão Única das Favelas, que patrocinou. Isso foi uma coisa muito importante [...]. O fato de ocupar as pessoas com menos condições financeiras, isso é muito importante, porque eles não tem condições de ficar todo o tempo na escola ou têm dinheiro para ir para uma creche ou coisa assim (suj. 5, BQ).

Ainda de acordo com Toledo (2006), ao investir recursos em equipes esportivas ou atletas da própria instituição de Ensino Superior ou patrociná-los, a universidade estará divulgando a sua marca, visando à captação de novos alunos e de reter os que já estão estudando nela, evitando que eles desistam do curso ou troquem de instituição. Ele cita como exemplo a Universidade Luterana do Brasil, a ULBRA, que investe em equipes profissionais de competição em diversos esportes,

como o vôlei, o basquete e o futsal, focando o seu marketing institucional na divulgação de seu nome por meio de suas conquistas esportivas.

Cobra & Braga (2004) salientam que as instituições de ensino superior sofreram importantes transformações no novo cenário da realidade educacional brasileira, propiciando aos seus gestores diversas maneiras de consolidar a sua imagem. Uma delas seria por meio das atividades desportivas universitárias, que podem propiciar uma grande visibilidade delas no cenário nacional e internacional.

Alguns depoimentos mostram como as próprias atletas, a partir de seus depoimentos, têm consciência da importância da universidade investir no esporte:

Eu acho que mudar a mentalidade da universidade, principalmente se a universidade começasse a dar, nem que fosse 10% de bolsa pros atletas virem treinar [...]. Porque a gente sabe de muita gente que joga vôlei e não vem, por que vai vir se não tem um treino decente? O técnico quase não aparece. A gente tem que tirar do nosso bolso pra pagar passagem pra vir. A universidade é que tinha que dar um transporte pra gente (suj.1, VO).

Eu acho que o esporte é o que faz as pessoas mudarem o modo de pensar. Querendo ou não, tira muitas pessoas do meio de drogas. E eu acho que a PUC tinha que investir nisso, sabe? Pra que ter um megaespaço desses aqui do lado, com esse baita campo gigantesco, essa grama que não pode usar duas vezes no mesmo dia, porque estraga de tão perfeita que é, sabe? Pra que fazer tudo isso se não tem incentivo para o esporte? A impressão que a gente tem é que eles querem só tirar dinheiro. Eu queria que melhorasse. Não vou mais jogar pela PUC, mas gostaria de um dia ver a PUC realmente com mentalidade esportiva, ter equipe, atletas (suj.1, VO).

Ver o esporte como uma forma de divulgar a universidade, como por exemplo a UCS de Caxias. Eles vieram para cá, no JUBS, com uma equipe superorganizada. A imagem da universidade para todo o mundo fica positiva. Se eles conseguissem ver o esporte como uma forma de marketing para a Universidade, talvez conseguissem nos incentivar. Daí, dariam o mínimo incentivo; nos inscrever em campeonatos, uniformes [...] e um técnico presente, um preparo físico, que nos incentivassem a investir no vôlei, porque desse jeito a gente não vai, daqui a um ano não vai mais ter time. Eu tô há quatro anos aqui e a gente continua porque gosta de jogar, pela amizade, pelas gurias (suj. 4, VO).

Para as praticantes de futsal, ficou claro que querem lutar contra os preconceitos e a discriminação a que vêm sendo submetidas, buscando mais respeito por sua escolha pela prática de um esporte considerado masculinizante:

Eu gostaria de mostrar muito o lado do futebol feminino, o lado da qualidade do futebol. Sabe mostrar que também tem que ter respeito, que não é só porque mulher joga futebol [...]. A gente trabalha com seriedade. Isso também muitas vezes não é levado a sério. Mostrar que nós também temos condições. Respeito, qualidade de jogo e garra, vontade, sabe (suj. 1, FS).

Mobilização pra que haja mais espaço, que já tá se abrindo pra atividade física do futsal feminino, no caso né. Que existe ainda muito preconceito. É um esporte de muito contato físico, que seria uma coisa mais masculina, que as atletas teriam gostos masculinos, o que na verdade não é. Aqui no time da PUC tu vê que não é bem assim. Tem as duas coisas, tem gente que gosta de mulher, tem gente que gosta de homem. E a gente se dá muito bem. Não tenho problema de relacionamento com isso. Ao contrário, a gente aprende a lidar com as diferenças dentro do grupo. Isso que eu acho bem válido (suj. 4, FS).

É interessante observar que todos os problemas levantados e as soluções apontadas pelas participantes estão inseridos nas metas e diretrizes do ME para os anos de 2006/2007, encontradas no Anexo E, deste trabalho, onde se dá ênfase sobre a importância do esporte como fator de promoção da saúde e de inclusão social, levando a uma melhoria na formação de atletas e da qualidade de vida da população como um todo. A princípio, isso demonstra a maturidade de nossas universitárias e de como a universidade deveria escutá-las mais, dando-lhes voz, visando a uma melhoria da comunicação entre ambas, conforme elas mesmas sugeriram. O que se pode concluir, pelos seus depoimentos, é que elas querem que o esporte do qual participam melhore sua qualidade para que melhores resultados possam ser alcançados pela universidade e para que as futuras praticantes possam usufruir dessas conquistas.

Com esses dados qualitativos anteriormente descritos, conseguiu-se ter uma idéia de como se desenvolve o Esporte Universitário na PUC/RS e que aspectos precisam ser melhorados como forma de a universidade se adequar às novas metas do ME. Esses depoimentos também mostraram a contradição entre o discurso e a realidade da prática esportiva desenvolvida na universidade.

A contradição é uma categoria que trabalha com os opostos em conflito. Segundo Prates (2003), isso não ocorre numa relação de exclusão e sim, numa negação inclusiva. A reflexão não é suficiente para seu desvendamento, sendo que só a partir de uma análise dialética, pode-se ultrapassar a reflexão crítica e

estabelecer mediações com a totalidade. A autora reforça que precisa-se conhecer profundamente o que se quer modificar.

Minayo (1999) considera que para trabalhar com esses opostos em conflito é necessário que ao mesmo tempo em que se vê a realidade objetiva como um todo coerente, deve-se compreender e analisar as partes do todo, formando conexões. Ou seja, é importante confrontar o que dizem as mulheres com o que diz a universidade em relação ao projeto do esporte Universitário, para que a partir daí se possa fazer as mediações que levarão a um planejamento estratégico mais eficiente, atendendo as necessidades de ambos os lados.

Cury (2000) relata que modelos organizacionais e administrativos são adotados ou adaptados sem análise suficiente de sua compatibilidade econômica, política, e cultural. Conseqüentemente, esses modelos da organização e da administração são rejeitados freqüentemente na vida real, mesmo que sejam aceitos formalmente (segundo a universidade, existe um plano para o Esporte Universitário, só que na prática, conforme as entrevistas, seu funcionamento é precário). Um dos resultados dessa situação é a emergência da ambigüidade e outras características funcionais que afetam o desenvolvimento humano e a qualidade de educação. Por esta razão, o autor sugere a necessidade de desenvolver uma teoria crítica e construtiva de administração da educação que seja capaz de explicar compreensivamente os fenômenos administrativos no sistema educacional como um todo. Para ele a passagem da avaliação crítica da realidade organizacional e administrativa na educação para propostas concretas de ação humana coletiva é um grande desafio para a gestão da educação como processo mediador, impondo-se a necessidade de construir perspectivas democráticas de gestão da educação. A escola e a universidade são instâncias poderosas para a construção da democracia como caminho político para alcançar elevados níveis de qualidade de vida humana coletiva.

Dessa forma, cabe ressaltar que a PUC/RS necessita de um modelo de gestão do Esporte Universitário profissional, que atenda às necessidades levantadas pelas mulheres deste estudo e se adapte ao orçamento da mesma, buscando, pelo *marketing* esportivo, parcerias que contribuam para a organização de times competitivos.

Do ponto vista social, este trabalho procurou levantar a importância do esporte como um fator de inserção na comunidade em que cada atleta vive, o que, conseqüentemente, ajuda na melhoria da qualidade de vida de seus praticantes.

O esporte e a atividade física propiciam também uma das formas mais efetivas de medicina preventiva, com potencial para reduzir drasticamente os custos com a saúde. Estudos recentes da Organização Mundial da Saúde (EDITORIAL, 2004, p: 80-82) mostram que, para cada U\$ 1 investido em esporte, economiza-se U\$ 3,2 em saúde. Por si só, esse dado já é um indicador da importância do investimento no esporte no país por meio da elaboração de uma política esportiva que possa reduzir os gastos públicos com saúde.

Apesar dos preceitos constitucionais vigentes no Brasil e de os documentos de importantes organismos internacionais tratarem o esporte como direito, este é freqüentemente negado, principalmente às camadas sociais de baixa renda. A garantia de acesso ao esporte, prioritariamente à essa população e aos marginalizados, com certeza será um poderoso instrumento de inclusão social, considerando sua importância no desenvolvimento integral do indivíduo e na formação da cidadania, favorecendo sua inserção na sociedade e ampliando sobremaneira suas possibilidades futuras.

Dentro desta perspectiva, o direito ao esporte também é relevante para o Serviço Social, pois busca em seu projeto ético-político uma sociedade mais justa e igualitária, através do acesso a direitos sociais e a inclusão social.

De acordo com Martins (2002), a inclusão social estaria relacionada com a distribuição eqüitativa dos benefícios sociais, culturais e políticos que a sociedade brasileira tem sido capaz de produzir, mas que não tem sido capaz de repartir. Seria um esforço conjunto de toda a sociedade para reverter a monstruosidade de desenraizamentos, desigualdades e pobreza agravadas e acumuladas ao longo dos anos, por falta de uma consciência social em uma sociedade que se diz moderna.

A Lei 9.615, de 24/03/98, conhecida como Lei Pelé (Política Nacional do Esporte, 2006), preconiza o desporto como direito social, caracterizado pelo dever do Estado de fomentar práticas desportivas formais e não formais, aliadas à realidade social que possibilitaria ao governo, por intermédio desse programa, atuar na área social do esporte e do lazer, traçando ações de inclusão e de reintegração na sociedade.

O Brasil tem buscado investir no esporte, mas precisa-se ir além, e nesse sentido, aproveitando o fato de que em 2007 o país sediará os Jogos Pan-Americanos, um novo tipo de ação foi proposto: destinar recursos para o financiamento de programas e projetos destinados especificamente para desenvolver o Esporte de Base e a Formação Esportiva, incluindo aí verbas destinadas ao Esporte Universitário. Apesar de as verbas destinadas ao Esporte Universitário serem de apenas 5% dos 10% destinados pela Lei Agnelo/Piva, essa verba é importante para estruturar o Esporte Universitário mais aos moldes dos países desenvolvidos, como já está começando a acontecer em algumas universidades brasileiras.

Um passo importante dado pelo governo na direção de incentivar o esporte em nosso país foi a aprovação recente de uma lei de incentivos fiscais, como existe na Cultura (POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE, 2006).

Toledo (2006) sugere que o modelo americano poderia servir de base para a criação de uma nova estrutura esportiva no Brasil. Lá, o esporte tem uma grande importância na educação infantil, no ensino médio e no ensino superior. Isso se reflete no grande número de campeões olímpicos que o país tem, sendo que a base de suas equipes olímpicas vem do Esporte Universitário.

Com relação ao estudo ter sido realizado com mulheres, trabalhando gênero, algumas considerações devem ser tecidas. Em primeiro lugar é difícil a compreensão das complexas interações entre as imensas desigualdades sociais e a atividade física laboral humana, principalmente em relação às mulheres brasileiras. Segundo Castel (1977), a mulher tem uma situação desfavorável em nossa sociedade, sendo o movimento feminista um dos responsáveis pela luta e pela conquista de leis favoráveis à sua condição no trabalho e proteção geral. Essas desigualdades ocorrem na constituição de qualquer sociedade e dependem de fatores biológicos, ambientais e comportamentais.

Existem outras desigualdades a serem salientadas e que interferem na qualidade de vida dessas mulheres, como a desigualdade de renda no trabalho; na saúde; e nas condições sanitárias gerais, relacionadas à educação e ao analfabetismo funcional (Waissmann, 1993). D' Oliveira & Schraiber (1999) salienta que essas desigualdades se traduzem em violência sofrida pela mulher, compreendida como uma violência de gênero. Ainda conforme Meneghel *et al.* (2000), essa violência é estruturada por um padrão de relações sexuais hierárquico,

exemplificado claramente no texto com as falas das participantes do futsal, que enfatizam a preferência que os homens jogadores de futsal têm na obtenção de patrocínio.

Por essa razão, o esporte pode ser um fator importante de melhoria de qualidade de vida dessas mulheres, já que está diretamente ligado à promoção da saúde e ao seu maior acesso aos benefícios sociais, culturais e políticos.

Assim, pode-se imaginar o estímulo ao esporte como parte de políticas de saúde pública direcionadas à melhoria da qualidade de vida das mulheres, em que ocorra a participação de toda a sociedade. Destaca-se aí o papel de todos os profissionais de saúde ligados à prática esportiva e das universidades, que podem vir a funcionar como uma das articuladoras de programas que ajudem os jovens a se inserirem em nossa sociedade, utilizando-se das leis de incentivo ao esporte que estão sendo implementadas pelo ME.

Coelho (1999) lembra que é um consenso que, enquanto as mulheres não tiverem a oportunidade de participar das cúpulas governamentais, o Estado não desenvolverá políticas sociais que atendam aos seus interesses, bem como permanecerão inalteradas as leis que reforçam as desigualdades entre os sexos.

Só por meio de modificações em nossa estrutura social, dentro do ponto de vista econômico e político, é que o esporte poderá se beneficiar e desempenhar seu papel social.

Dessa forma, políticas públicas voltadas para o esporte, em que profissionais das áreas de saúde e educação trabalhem em conjunto com o ME e demais setores da sociedade civil que possam ser mobilizados e conscientizados da importância do esporte, devem ser implementadas.

Por políticas públicas podem-se entender as ações coletivas que visam a concretizar direitos sociais demandados pela sociedade e previstos por lei. Os direitos garantidos por leis só têm aplicabilidade por meio de políticas públicas correspondentes que se tornam possíveis por meio de programas, projetos e serviços, sendo regulados pelo Estado e com a participação e o controle da sociedade (PEREIRA, 2001).

Vários autores como Cardoso (1996), Suárez *et al.* (1999), Cabral (1999), Schraiber & D'Oliveira (1999), Jong (2000) e Moreira (1999), citados em Gomes (2003, p. 216), têm levantado propostas no campo da saúde da mulher para ajudar na implementação destas medidas, propondo articulações entre setores afins, para

que sejam promovidas ações voltadas para a compreensão das raízes socioculturais do jogo de poder que cerca as relações de gênero para o combate às causas dos conflitos e a solução para os problemas, assegurando a qualidade de vida das pessoas no sentido de melhorar as relações interpessoais e o desenvolvimento de uma rede social de apoio e de serviços de assistência integral a mulheres em situações de violência.

Esses autores estão em concordância com alguns dos objetivos do Serviço Social. Estes buscam ajudar na construção de alternativas com coerência e compromisso social, via parcerias e estratégias para enfrentar os desafios cotidianos na ótica de fortalecimento dos sujeitos sociais, elaborando propostas concretas de intervenção na realidade, sustentadas por um projeto ético-político, comprometido com a democratização das relações na sociedade e a ampliação da cidadania.

Assim, a atuação prestada pelos profissionais de saúde articulados em redes sociais mobilizadas para a estruturação de políticas públicas, é fundamental para que os direitos coletivos da população sejam atendidos. No caso em discussão neste trabalho, são os direitos das mulheres participantes do Esporte Universitário, referentes a uma estrutura de apoio técnico e financeiro adequada, que devem ser atendidos, baseados nesses princípios de direitos e deveres de toda uma sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de qualidade de vida está submetido a múltiplos pontos de vista, variáveis segundo a época e cada cultura, em função de estados emocionais e da ocorrência de eventos cotidianos, sócio-históricos e ecológicos. Sua correta avaliação nem sempre é fácil. Os métodos quantitativos, pela aplicação de questionários, e qualitativos, realizados por meio de entrevistas semi-estruturadas com análise de conteúdo, podem ser complementares e enriquecedores como forma de avaliar a qualidade de vida.

Neste estudo, com mulheres participantes do Esporte Universitário na PUC/RS, nas modalidades voleibol, handebol, futsal e basquetebol, demonstrou-se, mediante o uso do Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL) que elas possuem uma boa percepção de sua qualidade de vida para todos os domínios avaliados (físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e geral), em uma escala de 4 a 20 pontos.

Esses achados foram confirmados pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas com análise de conteúdo, onde mais uma vez foi reforçada, por meio de todos os depoimentos prestados pelas participantes, a importância do esporte como fator de melhoria da qualidade de vida, confirmando os dados já encontrados tanto na literatura nacional como na internacional. Referências verbais quanto à melhora da auto-estima, da saúde, da organização, da ampliação do leque de amizades e da capacidade de trabalhar em grupo são apenas alguns exemplos que serviram para reforçar ainda mais a importância do esporte como fator de promoção da saúde e de inclusão social.

Questões como preconceito em relação às mulheres praticantes de futsal apareceram de forma marcante em todos os seus depoimentos. Ficou claro que existe uma opinião formada na sociedade em geral e reforçada pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”. No âmbito do trabalho, manifestou-se em menos oportunidades de patrocínio em relação aos homens jogadores deste esporte. Esses achados serviram para reforçar a importância da dimensão histórica da submissão feminina e do movimento feminista do ponto de vista do direito, da justiça e da saúde pública.

Contradições entre o discurso e a prática esportiva dentro da universidade também apareceram nos depoimentos das mulheres de todos os esportes praticados, salientando-se as dificuldades para a prática esportiva, como a falta de apoio técnico e financeiro por parte da universidade, ao lado de uma infra-estrutura imponente do Parque Esportivo da PUC/RS.

Esses nós, dentro dessa intrincada relação entre alunos, professores e universidade necessitam ser rompidos para que a valorização do Esporte Universitário possa contribuir, por intermédio da divulgação pela mídia, para a captação de mais alunos, contribuindo para sua formação integral como cidadãos e reafirmando as linhas de gestão da administração da universidade, baseadas na qualidade, na inovação, no empreendedorismo e no relacionamento com a sociedade.

Sugestões, visando a um planejamento e à construção de um modelo de gestão esportiva profissional a longo prazo por parte da universidade, foram dadas nos depoimentos para fornecer esses suportes requeridos pelas entrevistadas.

Reforçando a importância dessas sugestões, todos os dados coletados apontam para a importância do esporte em todos os níveis de escolaridade, sendo que o Esporte Universitário pode ser um celeiro de produção de talentos esportivos que possam servir de modelo aos jovens e possam representar nosso país mundo afora.

Para atingir esses objetivos, são necessárias políticas públicas direcionadas para o esporte como fator de inclusão social e melhoria da qualidade de vida, em que profissionais das áreas de saúde e educação trabalhem em conjunto com o Ministério do Esporte e demais setores da sociedade civil que possam ser mobilizados e conscientizados da importância do esporte.

Além disso, é necessário ampliar e institucionalizar canais de diálogo entre o governo, as entidades esportivas e a sociedade. A gestão democrática é o caminho para o envolvimento da sociedade, aumentando as possibilidades de participação, interação e colaboração. Concentrar esforços e otimizar a utilização dos recursos é um primeiro passo para o alcance dos objetivos pretendidos.

Com essas considerações e dentro da perspectiva de que o esporte é um direito humano, reforçou-se a importância do Serviço Social, que busca por meio de um projeto ético-político, uma sociedade mais justa e igualitária, mediante o acesso a direitos sociais de todos os cidadãos.

Dessa forma, espera-se que os dados coletados com este estudo possam contribuir para esse trabalho tão importante para cada cidadão brasileiro que busca melhorar sua qualidade de vida praticando esportes.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. **The Work of Amazons**: the Construction of Women's identity as Professional Athletes in Brazilian Showjumping. Documento apresentado no The 93rd Annual Meeting of the American Sociological Association, San Francisco, CA, August 1998.

ALMEIDA, J. O. **História da educação física**. Viçosa: UFV/DEF, 1979.

AMERICAN COLLEGE SPORTS MEDICINE POSITION STAND. Exercise and physical activity for older adults. **Med Sci Sports Exerc.** jun, 30(6):992-1008, 1998.

ANDERSON W. F. Preventive aspects of geriatric medicine. **Psychotherapy**, 62:5, 1976.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Coleção Mundo do Trabalho. São Paulo: Bontempo, 1999.

ARAÚJO, A. G. **Placar favorável**. São Paulo: Revista Marketing, fev. 2002.

ARRAES, C. H. Gabarito. **Correio Brasiliense**, p. 5, 13/1, 2006.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. **A Saúde em Debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70/Persona, 1988.

BASSANEZI, C. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BECKER, J. R. **Manual de psicologia del deporte y del ejercicio**. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.

_____; SAMULSKI, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. Porto Alegre: Edelbra, 2002.

BERG, A. *et al.* Current views on the importance of physical activity. **MMW Fortschr Med**, jul 8; 146(27-28): 27-30, 2004.

BERLINGUER, G. A Mulher e a Saúde. **Jornalivro série: Cadernos da mulher**. São Paulo: Cebes, 1980.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropiação feminista de Foucault In: JAGGAR, A.; BORDO, S. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997a.

_____. **Twilight Zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to O. J. Berkeley**: University of California Press, 1997b.

BOUCHARD, C. *et al.* **Exercise, fitness and health: a consensus of current knowledge**. USA: Human Kinetics publisher, 1990.

BOWLING A. Health related quality of life: a discussion of the concept, its use and measurement. In: Bowling, A. (ed): **Measuring disease**. A review of Disease-Specific Quality of life Measurement Scales. Buckingham: Philadelphia, Open University. p.1-19, 1995.

BULLINGER, M. *et al.* Developing and evaluating cross-cultural instruments from minimum requirements to optimal models. **Quality Life Res**, 2:451-9, 1993.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1990.

_____. Performative Acts and Gender Constitution. In: CONBOY, K.; MEDINA, N.; STANBURY, S. (Orgs.): **Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory**. New York: Columbia University Press, 1997.

CARMO, A. A. Universidade, educação e capitalismo. In: PASSOS, S. C. E. (Org.): **Educação física e esportes na universidade**. Brasília: UNB, 1988.

CASINO, G. **Organización Internacional del Trabajo**. Disponível em: <http://www.popmail.pop.com.br/webmail/src/read_body.php?mailbox=INBOX7passe_d_id+9>. Acesso em: 1 dez. 2006.

CASTEL, R. **Desigualdade e Questão Social**. São Paulo: Educ, 1997.

CASTELLS, M. **A era da Informação**: economia, sociedade e cultura. O poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. II.

CASTRO, I. J. Considerações sobre a educação física e o esporte na universidade. In: PASSOS, S. C. E.(Org.): **Educação física e esportes na universidade**. Brasília: Editora UNB, p. 157-169, 1988.

CHRISTMAS, C.; ANDERSEN, R. Exercise and older patients: guidelines for the clinician. **J Am Geriatr Soc**, 48: 318-24, 2000.

COBRA, M.; BRAGA, R. **Marketing educacional**: ferramentas de gestão para instituições de ensino. São Paulo: Cobra, 2004.

COELHO, C. C. Gênero e políticas públicas. In: SILVA, A. L.; LAGO, M. C. S.; RAMOS, T. R. O. (Orgs.): **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, p.147-149, 1999.

COELHO, M. T. D.; ALMEIDA-FILHO, N. Conceitos de Saúde em Discursos Contemporâneos de Referência Científica. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, 9(2): 315-333, 2002.

COELHO, S. L. **Alocação de recursos públicos para o esporte**. Palestra proferida em mesa-redonda promovida pelo CENDEC - Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: CCCCBDU, 1984.

COMITÊ Olímpico Brasileiro 2003. **Demonstração de aplicação de recursos financeiros da Lei Agnelo Piva**. Disponível em: <<http://www.co-miteolimpicobrasileiro.com.br/16/10/2003>>. Acesso em: 30 out. 2006.

COMITÊ Olímpico Brasileiro 2006. **Olimpíadas Universitárias**. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/comissoes/ctd/noticia060731-olimpiadasuniversitarias>>. Acesso em: 1 nov. 2006.

COTT, N. F. **The Grounding of Modern Feminism**. New Haven: Yale University Press, 1987.

CRUZ, J. F. **Manual de psicologia do esporte**. Braga: sistemas humanos & organizacionais, 1996.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 2000.

CZERESNIA, D. The concept of health and the difference between prevention and promotion. **Cadernos de Saúde Pública**, 15(4): 701-709, 1999.

DABAS, E. N. **Red de redes**: las prácticas de la intervención en redes sociales. Buenos Aires: Paidós, 1995.

DECRETO nº. **2.574, de 29 de abril de 1998**. (Cap. 2). Disponível em: <<http://www.capoeirado brasil.com.br/decreto2574.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

DECRETO nº. **4.668**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/de-creto/2003/D4668.htm>. Acesso em: 3 nov. 2006.

D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DELPRIORE, M; BASSANEZI, C. (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L.;SCHRAIBER, L. B. Violência de gênero, saúde reprodutiva e serviços. In: GIFFIN, K, COSTA, S. H. (Orgs.): **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

EDITORIAL. **Isto É**. p. 80-82. São Paulo: Ed. Abril, 2004.

ELKAÏM, M. *et al.* **Las practicas de la terapia de red**: salud mental y contexto social. Barcelona: Gedisa, 1995.

EHRMAN, J. K. *et al.* **Clinical Exercise Physiology**. USA: Human Kinetics, 2003.

FALEIROS, V. P. **Estratégias em Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FARQUHAR, M. Elderly people's definitions of quality of life. **Soc Sci. Med**, 10(41):1439-46, 1995.

FEIGENBAURN, M. S.; POLLOCK, M. L. Prescription of resistance training for health and disease. **Med Sci Sports Exerc**, 31:38-45, 1999.

FESTLE, M. J. **Playing Nice**: politics and apologies in Women's Sports. New York: Columbia University Press, 1996.

FLECK, M. *et al.* Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). **Rev. Saúde Pública**, 33(2): 198-205, 1999.

FOX-RUSHBY, J; PARKER, M. Culture and the measurement of health-related quality of life. **Rev Eur Psychol Appl**, 45:257-63, 1995.

FURTADO, C. **Em busca de novo modelo**: reflexões sobre a crise contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIONGO, C. D. **Dissertação de Mestrado** apresentada no Congresso Brasileiro de Serviço Social, Rio de Janeiro, 2001.

GOMES, R. A mulher em situação de violência sob a ótica da saúde. In: MINAYO, M. C S.; SOUZA, E. R (Orgs.): **Violência sob o olhar da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

GROSSI, P. K. **Violência contra a mulher na esfera doméstica**: rompendo o silêncio. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1994.

GRUNDY, E.; SLOGGETT, A. Health inequalities in the older population: the role of personal capital, social resources and socio-economic circumstances. **Soc Sci Med**, 56:935-47, 2003.

HOLAHAN C. K.; SUZUKI R. Adulthood predictors of health promoting behavior in later aging. **Int J Aging Hum Dev.**, 58(4):289-313, 2004.

HUNTER G. R.; McCARTHY J. P.; BAMMAN M. M. Effects of resistance training on older adults. **Sports Med.**, 34(5):329-348, 2004.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2001.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais do ano de 2000**. Disponível em: <http://www.ftp.ibge.gov.br/indicadoressociais/síntese_de_indicadores_sociais_2000/>. Acesso em: 29 nov. 2006.

JETTE, M. *et al.* The functional status questionnaire: reability and validity when used in primary care. **J Gen Intern Med**, 1: 143-149, 1986.

JENKINS, N. R.; GOTTLIEB, N. Empowering Women of Colour. **Feminist Social Work in Clinical Settings**. 199-215, 1991.

KERN, F. A. **As mediações em redes como estratégia metodológica do Serviço Social**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

KIRSHNER B, GUYATT, G. H. A. A methodologic framework for assessing health indices. **J Chron Dis**, 45:1341-45, 1985.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LAFIN, S. H. F., GUIMAMELON, L. F., HILLEBRAND, M. D. **Pelos caminhos da Gerontologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

LEI **Agnelo/Piva 2001**. Disponível em: <http://www.cob.org.br/site/downloads/downloads/lei_agnelo_piva_integra.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2006.

LENSKLYJ, H. **Out of Bounds: women, sport and sexuality**. Toronto: The Women's Press, 1986.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R (Orgs.): **Gênero & saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LUPTON, D. **The Imperative of Health: Public Health and the Regulated Body**. Thousand Oaks, CA.: Sage Publications, 1995.

MARCÍLIO, C. **Dicionário de Pesquisa Clínica**. Salvador: Almeida, 1995.

MARTINELLI, M. L. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social**. São Paulo: PUCSP/NEPI, 1994.

MARTINS, J. S. **A sociedade vista do abismo**: um estudo sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATOS, A. P.; FERREIRA, A. A. Desenvolvimento da escala de apoio social: alguns dados sobre a sua fiabilidade. **Psiquiatria Clínica**, 21 mar. 2000.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS, T. L. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Rev Bras Med Esporte**, 7(1):2-13, jan/fev, 2001.

MÁXIMO, S. J. **O trabalho e o direito da mulher**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF, 1996.

MELO NETO, F. P. **Marketing esportivo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MENEGHEL, S. N. *et al.* Mulheres cuidando de mulheres: um estudo sobre a Casa de Apoio Viva Maria, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de saúde Pública**, 16(3):747-757, 2000.

MINAYO, M. C. S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

_____. **O desafio do Conhecimento**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Tendências da produção científica brasileira sobre violência e acidentes na década de 90. In: MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. (Orgs.): **Violência sob o olhar da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MINISTÉRIO do Esporte, 2006. **Legislação esportiva brasileira**. Disponível em: <<http://www.portal.esporte.gov.br/institucional/legislação/legislaçã/jsp>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

MULLALY, B. **Structural Social Work**: ideology, theory and practice. 2. ed. Ontario: Oxford University Press, 1997.

MURRAY, S., COLE, B. Variance and sample size calculation in quality-of-life-adjusted survival. *Analysys Q-Twist. Biometrica*, 56:173-182, 2000.

MUSSCHENGA, A. W. The relation between concepts of quality of life, health and happiness. *J Med Philos*, (22): 11-29, 1997.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. São Paulo: Midiograf, 2001.

NATIV, A; PUFFER, J. C. Lifestyles and health risks of collegiate athletes. *Journal of Family Practice*, dec: 124-28, 1991.

NOTÍCIAS 2005. **Comitê Olímpico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.bra-sil2002.org.br/site/news_room/noticia.asp?ID=3940>. Acesso em: 01 nov. 2006.

NOVO AURÉLIO: **Dicionário da Língua Portuguesa - século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NUZMAN, C. A. Prefácio. In: TOLEDO, R.: **Gestão do Esporte Universitário**: uma importante estratégia de marketing para as universidades. São Paulo: Aleph, 2006.

PARQUE Esportivo. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/parqueesportivo/apresent.php>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

PASCHOAL, M. P. P. Qualidade de vida na velhice. In: Freitas, E. V. *et al.*, (Org). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, Cap. 8, p. 79-79.

PAÚL, M. C. **Recursos pela velhice**: uma perspectiva ecológica em psicogerontologia. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Porto, Portugal, 1991.

PEREIRA, G. K. **Olimpíadas**. Biblioteca digital. Disponível em: <<http://www.birafitness.com/histasolimpiadas.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

PEREIRA, P. A. P. Sobre a política de assistência social no Brasil. In: BRAVO, M. I. S.; PEREIRA, P. A. P. (Orgs.): **Política Social e democracia**. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

PERRIG-CHIELLO P. *et al.* Wellbeing, health and autonomy in old age: the Basal IDA Study (Interdisciplinary Aging Study). **Z Gerontol Geriatr**, mar-apr, 29(2):95-109, 1996.

PETERSEN, A. Discutindo o uso da categoria gênero. In: STREY, M. (Org); **Gênero por escrito**: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

POLÍTICA Nacional do Esporte. **Ministério do Esporte**. Disponível em: <http://www.portal.esporte.gov.br/destaque/politica_nacional_esporte.jsp>. Acesso em: 09 nov. 2006.

POWELL, K. E. *et al.* The dimensions of health promotion applied to physical activity. **Journal of Public Health Policy**, 12(4): 492-509, 1991.

PRATES, J. C. **Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do Assistente Social**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUCRS, 2003.

PUJAL, M. **El feminisme**. Barcelona: UOC, 2005.

RAJZMAN, B. In: ALMEIDA, C. J. M. *et al.* (Orgs.): **Marketing esportivo ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

RIBEIRO, M. L. **História da educação brasileira**. 5. ed. São Paulo: Moraes, 1984.

RONCAGLIO, C. **Pedidos e recusas**: mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba: Editora Pinha, 1996.

ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

- ROUQUAYROL, M. Z. **Epidemiologia e Saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.
- SANICOLA, L. (Org.) **L'intervento di rete**. Napoli; Liguori, 1994.
- SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Goiânia, 1997.
- SCOTT, J. W. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SOIHET, R. Mulheres em busca de novos espaços: suas implicações nas relações de gênero. **Gênero: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEC**, 1(1):53-56, Niterói: EDUFF, 2000.
- STEWART, A. HAYS, R., WARW, J. Communication the MOS short-form general health survey-reliability and validity in a patient population. **Medical Care**, 26(7):724-32, 1988.
- STEWART, A. *et al.* Functional status and well-being of patients with chronic conditions results from medical outcome study. **Jama**, 262(7):907-13, 1989.
- STREY, M. N. Violência e gênero: um casamento que têm tudo para dar certo. In: GROSSI, P. K.; WERBA, G. C. (Orgs.): **Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- _____. Aprendendo a ser inferior: as hierarquias de gênero In: STREY, M. N.; LYRA, A. V.; XIMENES, L. M. S. (Orgs.): **Gênero e questões culturais: a vida de mulheres e homens na cultura**. Recife: Universitária, 2002.
- TAVLOV, A. L. *et al.* The medical outcome study: an application of methods for monitoring the results of medical care. **Jama**, 262(7):925-30, 1989.
- THE WHOQOL GROUP. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: ORLEY, J., KUYKEN, W. editors. **Quality of life assessment: international perspectives**. Heigelberg: Springer Verlag, 1994.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Position paper from The World Health Organization. **Soc. Sci Med**, 41:1403-9, 1995.

_____. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): development and general psychometric properties. **Soc. Sci Med**, 46:1569-85, 1995.

THOITS, P. A. MATOS, A. P.; FERREIRA, A. A. Desenvolvimento da escala de apoio social: alguns dados sobre a sua fiabilidade. **Psiquiatria Clínica**. (21): mar., 2000.

TOLEDO, R. **Gestão do Esporte Universitário**: uma importante estratégia de marketing para as universidades. São Paulo: Aleph, 2006.

TUBINO, M. J. G. In: ALMEIDA, C. J. M. *et al.* (Orgs.): **Marketing esportivo ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Primeiros Jogos da UFRGS**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/jor81.empauta.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2006.

UNIVERSIDADE NACIONAL DE BRASÍLIA (UNB). Disponível em: <<http://www.unb.br/acs/unbagencia/ago503-12.htm>>. Acesso em: 1 nov. 2006.

VASCONCELLOS, E. M. A proposta do “empowerment ” e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da Saúde Mental. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano XXII, mar. (65): 5-53, 2001.

VIEIRA, L. In: ALMEIDA, C. J. M. *et al.* (Orgs.): **Marketing esportivo ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WERNECK, C. L. G. A construção histórico-social do corpo na cultura clássica. **Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Curitiba, 1995.

WAISSMANN, W. **O trabalho na gênese da doença isquêmica do coração**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1993.

WOOD-DAUPHINEE, S. Assessing quality of life in clinical research: From where have we come and where are we going. **J Clin Epidemiol**, 4(52):355-63, 1999.

WEINBERG, R. S., GOULD, D. **Fundamentos de psicología del deporte y del ejercicio**. Madrid: Ariel Psicología, 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The first ten years of the World Health Organization**. Geneva: WHO, 1958.

APÊNDICES

Apêndice A - Ficha de Avaliação Complementar

I - DADOS SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA

ESPORTE PRATICADO:

QUANDO INICIOU A PRÁTICA:

AONDE:

COMO:

HOVE INCENTIVO DA ESCOLA:

COMO FOI ESTE INCENTIVO:

COMO CHEGOU AO ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA PUC:

TEM PATROCÍNIO:

QUEM PATROCINA: () FAMÍLIA

() CLUBE

() EMPRESA

() OUTROS

OUTRA OCUPAÇÃO:

FAIXA DE RENDA: () 1-3 SALÁRIOS MÍNIMOS

() 4-10

() > 10

COMPOSIÇÃO FAMILIAR:

COMO É FEITO O TREINAMENTO:

- NÚMERO DE HORAS/DIA:
- TIPO DE TREINAMENTO:
- QUEM É (SÃO) O TREINADOR (ES);
- HÁ EQUIPE DE APOIO: () MÉDICO
 - () PSICÓLOGO
 - () NUTRICIONISTA
 - () FISIOTERAPEUTA
 - () ASSISTENTE SOCIAL

PLANO DE SAÚDE:

Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

1. Quais as modificações em sua vida após o início da prática esportiva?

- Pessoal:
- Familiar:
- Financeiro:
- Afetivo:
- Saúde:
- Outros:

2. Objetivos para o futuro com a prática esportiva:

- Planos imediatos:
- Planos a longo prazo:

3. Dificuldades enfrentadas para a prática do esporte:

4. Estratégias de superação das dificuldades:

Apêndice C - Consentimento Livre e Esclarecido

--

(Título do Estudo)

(Nome completo do participante - preencher em letra de forma)	Idade	Sexo

O abaixo assinado e identificado, declara ter recebido uma explicação clara e completa sobre a pesquisa acima mencionada a que submete-se de livre e espontânea vontade, reconhecendo que:

1°) Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

2°) Foram explicados os procedimentos que serão utilizados.

Entendi que se eu participar deste estudo serão feitos os seguintes procedimentos: PRIMEIRA ETAPA: aplicação de Ficha de Informações sobre o respondente, Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL), Ficha Complementar e que poderei participar, mediante seleção aleatória, da SEGUNDA ETAPA, através de entrevista semi-estruturada a ser gravada, transcrita e cujos resultados serão posteriormente avaliados, compilados, apresentados e publicados em artigos, eventos científicos e livros.

3°) Se dúvidas, contatar o Dr.: Marinez D. Hillebrand no telefone: 3337-4979 .

4°) Foi dada garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

5°) Foi dada a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do Estudo.

6°) Foi dada a garantia de não ser identificado e de ser mantido o caráter confidencial de informação em relação à privacidade do participante.

7°) A minha assinatura neste *Consentimento Livre e Esclarecido* dará utorização ao patrocinador do estudo, ao Comitê de Ética e a organização governamental de aúde de utilizarem os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade.

Porto Alegre, _____, _____, _____
(dia) (mês) (ano)

Assinatura do participante: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Nome do Pesquisador responsável: _____

Declaro que este formulário foi lido para
(nome do participante) em ____/____/____ (data) pelo
(nome do pesquisador) enquanto eu estava presente.....
.....

Assinatura da Testemunha
Nome:

Apêndice D - Declaração do Pesquisador Responsável

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

(Resol. 10-196/96, CNS/MS, Cap. VI.2, I, m)

Eu, MARINEZ DOMENEGHINI HILLEBRAND, pesquisador responsável pela pesquisa intitulada: _____, declaro que conheço as normas vigentes expressas na Resolução 10/196 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa e suas complementares, que regulamenta a pesquisa e assumo, neste termo, o compromisso de tornar público os resultados da pesquisa acima citada, sejam eles desfavoráveis ou não, uma vez que não há qualquer cláusula restritiva quanto a divulgação dos resultados expressa no protocolo.

Porto Alegre, ____ / ____ / ____.

Pesquisador Responsável

Apêndice E - Planilha de custos

Especificação	Quantidade	Valor Unitário R\$	Valor Total R\$
1. Papel ofício	3.000	20,00	60,00
2. Xerox	2.500	0,12	300,00
3. Cartucho de tinta	4	49,00	196,00
4. Fita cassete	40	5,00	200,00
5. Pilhas	80	1,00	80,00
6. Canetas	80	0,60	48,00
7. Transporte	80	1,75	136,00
8. Transcrição das fitas	80	10,00	800,00
9. Digitação dos questionários	80		1.000,00
10. Estatística			2.000,00
11, Material apoio/livros			1.000,00
12. Inscrição em Congressos/Eventos			1.000,00
TOTAL			6.820,00

Estes custos serão financiados pela própria pesquisadora responsável pelo estudo.

ANEXOS

Anexo A - Autorização para realização do estudo

Porto Alegre, _____ de _____ de _____

Ao
Comitê de Ética em Pesquisa e Comissão Científica da
Faculdade de Medicina e Hospital São Lucas - PUC/RS

Prezados Senhores:

Eu, Sônia Beatriz da Silva Gomes, Diretora da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto - FEFID/PUCRS, conheço o protocolo de Pesquisa “QUALIDADE DE VIDA DAS MULHERES PARTICIPANTES DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA PUC/RS”, desenvolvido por Marinez Domeneghini Hillebrand.

O início desta pesquisa na FEFID/PUCRS, só poderá ocorrer a partir da apresentação da carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

Atenciosamente,

Prof. Ms. Sônia B. da S. Gomes
Diretora

Anexo B - Ficha de informações sobre o respondente (WHOQOL)

FICHA DE INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE

SEXO Masculino (1)
 Feminino (2)

ETNIA:

IDADE (em anos completos) ___/___

DATA DE NASCIMENTO ___/___/___
 d m a

NÍVEL EDUCACIONAL

Analfabeto (1)
 I grau incompleto (2)
 I grau completo (3)
 II grau incompleto (4)
 II grau completo (5)
 III grau incompleto (6)
 III grau completo (7)
 Pós-Graduação incompleto (8)
 Pós-Graduação completo (9)

ESTADO CIVIL

Solteiro (a) (1)
 Casado (a) (2)
 Vivendo como casado (a) (3)
 Separado (a) (4)
 Divorciado (a) (5)
 Viúvo (a) (6)

RELIGIÃO:

COMO ESTÁ A SUA SAÚDE

muito ruim (1) fraca (2) nem ruim nem boa (3) boa (4) muito boa (5)

FORMA DE ADMINISTRAÇÃO**DO QUESTIONÁRIO**

Auto-administrado (1)
 Assistido pelo entrevistador (2)
 Administrado pelo entrevistador (3)

PROBLEMA DE SAÚDE ATUAL/CONDIÇÃO PRESENTE

(marcar somente uma, que é a mais relevante para a presente busca de um serviço de saúde)

Nenhum problema	00	Problema nervoso crônico ou emocional	10
Problema de coração	01	Problema crônico de pé (joanete, unha encravada)	11
Pressão alta	02	Hemorroidas ou sangramento no ânus	12
Artrite ou reumatismo	03	Doença de Parkinson	13
Câncer	04	Gravidez	14
Enfisema ou bronquite	05	Depressão	15
Diabetes	06	Doença de pele	16
Catarata	07	Queimaduras	17
Derrame	08	Problema de álcool ou drogas	18
Osso quebrado ou fraturado	09	Outros (especificar).....	

DIAGNÓSTICO (CID-10) (preenchido pelo entrevistador)

REGIME DE CUIDADOS DE SAÚDE

- Sem tratamento (1)
- Ambulatório (2)
- Internação (3)

Anexo C - Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida

WHOQOL Versão em Português

Versões para impressão:

* Normal (PDF)

* Ampliada (para pessoas com problemas de leitura) (PDF)

<http://www.adobe.com/prodindex/acrobat/readstep.html><http://www.adobe.com/prodindex/acrobat/readstep.html>**Somente para uso da coordenação**

A pontuação dos escores deverá ser realizada utilizando o programa estatístico SPSS, com a sintaxe do WHOQOL-bref

Instruções					
Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas . Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:					
	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas.

Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3		5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

		muito ruim	Ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.						
		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre quão completamente você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.						
		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.						
		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a)	1	2	3	4	5

	você está consigo mesmo?					
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **com que freqüência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	freqüentemente	muito freqüentemente	sempre
26	Com que freqüência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?

Você tem algum comentário sobre o questionário?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Anexo D - Categorização das falas das participantes

Vôlei universitário**1- Modificações em sua vida após o início da prática esportiva****a - Pessoal:**

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“consegue trabalhar em grupo” (suj. 1)	Trabalho em grupo		
“aceitar e lidar com a diferença do outro” (suj. 1)	Aceitação das diferenças pessoais		
“isso influencia depois, até no teu profissional” (suj. 1)	Influência no trabalho		
“aumentou minha auto-estima” (suj. 1)	Auto-estima		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“melhorou a qualidade de vida” (suj. 2)	Qualidade de vida	Mudanças pessoais	
“mais disposição” (suj. 3)	Disposição		
“convívio bom com as gurias” (suj. 3)	Convívio		
“é um ambiente que me sinto bem” (suj. 3)	Bom ambiente		
“me divirto bastante” (suj. 3)	Diversão		
“cresci bastante aqui” (sujeito 3)	Crescimento pessoal		
“aumentou círculo de amigos” (suj. 4)	Amizade		
“me tornei mais competitiva” (suj. 4)	Competitividade		
“uma pessoa mais segura” (suj. 4)	Segurança		

b - Familiar:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“mãe fica feliz” (suj. 1)	Satisfação familiar com a prática do esporte		
“minha mãe já praticava” (suj. 1)	Prática esportiva na família		
“faço também o que ela fazia” (suj. 1)	”		
“dependia muito dos pais” (suj. 2)	Dependência dos pais		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“criar mais independência” (suj. 2)	Independência dos pais	Mudanças Familiares	
“mãe tem preocupação” (suj. 3)	Preocupação com lesões		
“já torci o tornozelo, rompeu os ligamentos” (suj. 3)	”		
“convívio com família, onde quase todos jogam vôlei” (suj. 4)	Convívio Familiar		

c - Financeiro:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“só gastos com passagem e alimentação” (suj. 1)	Custos para a prática esportiva		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“não teve nenhuma modificação” (suj. 2)		Mudanças Financeiras	
“não tem custo nenhum pra ninguém” (suj. 3)			
“não” (suj. 4)			

d - Afetivo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“amigos” (suj. 1, 2, 3, 4)	Amizade		
“tu começa a se mudar como ser humano” (suj. 1)	Mudança pessoal		
“tu começa a ser mais cauteloso, a não ser tão agressivo” (suj. 1)	Cautela		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“esporte que tem que ser organizado” (suj. 1)	Docilidade		
“aprende a esperar e a confiar no outro” (suj. 1)	Organização	Mudanças afetivas	
“acho que é esse espírito de grupo” (suj. 1)	Paciência		
“fantástico” (suj. 1)	Confiança		
“Mesmo objetivo e qualidade de vida” (suj. 2)	Espírito de grupo		
“ambiente bem bom” (suj. 3)	Satisfação		
“faz bastante festas juntas” (suj. 3, 4)	Objetivos comuns		
	Bom ambiente		
	Convívio social		

e - Saúde

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“problema na lombar” (suj. 1)	Problema de saúde		
“não tive acompanhamento” (suj. 1)	Falta de acompanhamento		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“melhorou bastante a saúde, apesar da asma” (suj. 2)	Melhora da saúde	Mudanças na saúde	
“diminuiu peso” (suj. 2)	Perda de peso		
“comecei a me alimentar melhor” (suj. 2)	Cuidados alimentares		
“tem mais resistência física” (suj. 3, 4)	Condicionamento físico		

2 - Objetivos para o futuro com a prática esportiva

a - Planos imediatos:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“vencer o campeonato municipal de Porto Alegre” (suj. 1, 4)	Vitória		
“montei um time por fora da PUC” (suj. 1, 4)	Estratégia competitiva		Objetivos para o futuro com a prática esportiva
“a PUC não quis nos inscrever” (suj. 1, 4)	Falta de apoio	Planos Imediatos	
“consequimos camisa, fomos a luta” (suj. 1)	Busca de apoio		
“trabalhar como técnica de vôlei” (suj. 2)	Trabalho		
“ficar jogando com as gurias” (suj. 3)	Recreação		
“jogar a Copa Unisinos” (suj. 4)	Participação em eventos		

b - Planos a longo prazo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“só manter” (suj. 1, 3)	Manutenção		
“me dá muito prazer, me dessestessa” (suj. 1)	Prazer		Objetivos para o futuro com a prática esportiva
“é meu lazer total” (suj. 1)	Anti-estresse		
“começa a fazer menos, porque começa a trabalhar” (suj. 1)	Lazer	Planos a longo prazo	
“pegar uma seleção gaúcha, como técnica” (suj. 2)	Falta de tempo para a prática		
“reconhecimento” (suj. 2)	Técnica de vôlei		
“continuar fazendo exercício” (suj. 3)	Reconhecimento		
“conviver com as gurias” (suj. 3)	Exercício		
	Convivência grupal		

3- Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“falta de assistência da Universidade para os Atletas” (suj. 1, 2, 3, 4)	Falta de assistência		
“Universidade não tem ainda mentalidade voltada para o esporte” (suj. 1)	Falta de mentalidade esportiva da PUC		
”eles nem sabem que a nossa equipe existe” (suj. 1)	Desconhecimento da equipe		
“a gente não tem acesso ao grande escalão” (suj. 1)	Falta de comunicação		
“a gente não sabe até que ponto o nosso técnico passa a informação” (suj. 1)	Falta de informação	Falta de apoio técnico, institucional e financeiro	Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva
“o técnico quase não aparece” (suj. 1, 2, 3, 4)	Falta de técnico		
“não tem um treino decente” (suj. 1, 2, 3)	Falta de treino		
“não tem um grande envolvimento do técnico com o time” (suj. 1)	Falta de envolvimento		
“a gente não ficou sabendo do JUBs” (suj. 1)	Falta de informação		
“é uma diferença brusca com a ULBRA, que dá suporte bem maior para as atletas” (suj. 1)	Comparação com outras Universidades		
“a impressão que a gente têm é que eles só querem tirar dinheiro” (suj. 1)	Conflito de interesses		
“preferem tirar a equipe do vôlei pra alugar a quadra” (suj. 1)	Conflito de interesses		

Unidade	Categoria inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“se a gente tivesse um apoio” (suj. 2,4)	Falta de apoio da PUC		
“botar uma pessoa responsável” (suj. 2)	Falta de responsabilidade		
“dar condições pra gente vir treinar” (suj. 2)	Condições de treinamento		
“em muitos lugares o clube tem carro” (suj. 2)	Falta de transporte		
“se surgisse a oportunidade de jogar em outro lugar” (suj. 2)	Busca de oportunidade		
“o difícil é o horário” (suj. 3)	Horários inadequados		
“a gente não tem ritmo” (suj. 3)	Falta de ritmo		
“desmotiva muito não ter treino” (suj. 3)	Falta de motivação		
“a PUC não dá bolsa” (suj. 3, 4)	Falta de bolsa	Falta de apoio técnico, institucional e financeiro	Dificuldades para a prática esportiva
“cada vez tem menos gente” (suj. 3)	Fim do time		
“total falta de incentivo” (suj. 4)			
“troca de técnico a cada ano” (suj. 4)	Troca de técnico		
“nem nos inscrevem em campeonatos” (suj. 4)	Falta de apoio financeiro		
“tivemos que ir para Pelotas e pagar a própria inscrição” (suj. 4)	“		
“uniforme de treino a gente não tem” (suj. 4)	“		
“para nós, não refletiu em nada o investimento deles em esporte” (suj. 4)	Investimento sem retorno		
“isso deixa a gente meio chateada, desmotivada” (suj. 4)	Chateação Desmotivação		
“a gente fez um time paralelo para se inscrever no campeonato” (suj. 4)	Organização de time paralelo		

4- Estratégias de superação de dificuldades

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“mudar a mentalidade da universidade” (suj. 1) ‘dar bolsa para os atletas virem treinar” (suj. 1)	Mudança de mentalidade Fornecimento de bolsa de estudos		
“a Universidade é que tinha que dar um transporte, nos inscrever em campeonatos” (suj. 1, 2, 4) “é o patrocínio, o apoio”(suj. 1,2, 3, 4)	Apoio financeiro Patrocínio		
“botar uma pessoa responsável como técnico” (suj. 1, 2, 3, 4) “condições pra gente vir treinar” (suj. 2) “a PUC tem que divulgar mais o vôlei para os próprios universitários e para a comunidade” (suj. 3)	Contratação de técnico Treinamento adequado Divulgação do Vôlei	Apoio técnico e institucional	Estratégias de superação das dificuldades
“incentivo aos atletas para formar time de ponta” (suj. 4) “esporte como forma de divulgar a Universidade, <i>marketing</i> para a Universidade” (suj. 4)	Formação de time de ponta Marketing Universitário		
“nos inscrever em campeonatos” (suj. 1, 4)	Apoio financeiro		

Futsal universitário

1 - Modificações em sua vida após o início da prática esportiva

a - Pessoal:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“acho que relacionamentos” (suj. 1)	Sociabilidade		
“me senti mais solta” (suj. 1)	Melhora de comportamento		
“mais alegre, disposta, mais disponibilidade, disposição” (suj. 2)	Melhora psicológica e física		
“não consigo ficar um dia sem fazer nada” (suj. 2)	Atividade física prazerosa		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“prazer de praticar” (suj. 2)	“	Mudanças pessoais	
“me convidam para jogar bolinha de gude, eu vou” (suj. 2)	“		
“o esporte pra mim é muito bom” (suj. 3)	“		
“vinha aqui, dava uma aliviada” (suj. 3)	Melhora psicológica		
“muitas amizades, companheirismo” (suj. 3)	Amizade Companheirismo		
“aprender a lidar com o grupo, com as diferenças dentro do grupo” (suj. 4)	Trabalho em grupo		

b - Familiar:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“dificuldade em relação a minha mãe” (suj. 1)	Falta de apoio familiar		
“impedir de eu fazer o esporte” (suj. 1)	“		
“pouco apoio dela, do resto da família também” (suj. 1)	“		
“a minha avó nunca me deu muito incentivo pra fazer esporte” (suj. 2)	“		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“ela acha uma grande palhaçada” (suj. 2)	“	Mudanças familiares	
“incentivo sempre tem, cobrança até: tu não vai jogar” (suj. 3)	Apoio familiar presente		
“saber lidar com as dificuldades da família, já que é um coletivo” (suj. 4)	Convivência familiar		
“eles tiveram que aprender a lidar com o futebol, a fazer uma atividade física” (suj. 4)	Aceitação familiar		

c - Financeiro:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“só gastei, não ganhando nada, só indo na vontade” (suj. 1, 2, 3, 4)	Custos para a prática esportiva		Mudanças na vida após início da prática esportiva
“eu gasto para participar de alguma coisa” (suj. 2)	“	Mudanças financeiras	

d - Afetivo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“melhorei a relação com as pessoas” (suj. 1)	Sociabilidade		
“era muito fechada” (suj. 1)	Mudança de comportamento		
“chegava nos lugares e não falava com ninguém” (suj. 1)	”		
“hoje já sou mais aberta, conheci bastante pessoas” (suj. 2, 3, 4)	Amizades	Mudanças afetivas	Mudanças após o início da prática esportiva
“de tantos amigos que eu fiz” (suj. 2, 3)			
“alguns namorados encontrados em ambientes de jogos” (suj. 2)	Relacionamentos		
“o namorado gosta de tá sempre junto” (suj. 3)	”		
“conheci pessoas de cursos diferentes, então é um acréscimo” (suj. 4)	Contato com pessoas de outros cursos		

e - Saúde

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“me sinto melhor assim” (suj. 1)	Melhora da saúde		
“como eu fumo, diminuiu essa qualidade que eu tinha antes”	Piora da saúde		Mudanças na vida após o início da prática
“se eu não praticasse, pesaria dos 90 kg” (suj. 2)	Controle de peso	Mudanças na saúde	
“quando eu quebrei a perna praticando, quinhentas vezes no mesmo lugar” (suj. 3)	Problemas de saúde		
“é o único momento que eu tenho para fazer atividade física” (suj. 4)	Prática do esporte		
“é meu espaço de lazer” (suj. 4)	Lazer		

2 - Objetivos para o futuro com a prática esportiva

a - Planos imediatos:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
‘conquistar um pouco mais o mercado com a equipe e mostrar mais o meu trabalho’ (suj. 1)	Trabalho		
“pretendo trabalhar dentro dessa área, de preferência com equipes” (suj. 2)	“	Planos imediatos	Objetivos para o futuro com a prática esportiva
“só a copa Unisinos e a copa da PUC” (suj. 3)	Participação em campeonatos		
“conquistar o próximo campeonato universitário, a copa Unisinos” (suj. 4)	“		

b - Planos a longo prazo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“sair daqui e viajar para fora, quando eu terminar a faculdade” (suj. 1)	Busca de melhores oportunidades fora do Brasil		
“nos EUA, nas universidades, eles dão mais chances pras melhores, que aqui” (suj. 2)	“		Objetivos para o futuro com a prática esportiva
“na Espanha é onde tem o melhor mercado” (suj. 2)	“		
“em relação ao futsal, eu não sei dizer especificamente’	Dúvidas em relação ao futuro	Planos a longo prazo(suj. 2)	
“só lazer, enquanto eu puder jogar aqui, eu contínuo” (suj. 3)	Recreação		
“só jogar de brincadeira, com os amigos e amigas, nada além disso” (suj. 4)	“		

3 - Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“o preconceito” (suj. 1, 2, 3, 4) “cada um tem a sua opção” (suj. 1)	Preconceito		
“a família também tem essa dificuldade por causa disso, tipo preconceito, porque quem joga futebol é homem, machona” (suj. 1, 2, 3, 4)	Falta de apoio e Preconceito familiar		
“têm gurias que jogam e a família não gosta” (suj. 3)	“		
“muita guria ainda pensa isso também porque joga futebol” (suj. 2)	Preconceito das próprias atletas	Falta de apoio familiar, técnico, institucional e da sociedade em geral	Dificuldades enfrentadas para a prática
“financeiro: se tu é homem, qualquer time de esquina consegue patrocínio. Já o feminino, não” (suj. 1)	Falta de apoio financeiro		
“te tem que gastar do teu dinheiro pra poder mostrar alguma coisa” (suj. 1)	“		
“aquela história das Olimpíadas com as gurias, chegaram em segundo lugar, sem ajuda e jogando melhor que os homens” (suj. 1)	“		
“tentaram colocar campeonato brasileiro de mulheres, mas não tem” (suj. 1)	Falta de campeonatos femininos		
“vem time da ULBRA, que treina um monte, tem um time mais organizado, é obvio, não tem chance” (suj. 3)	Comparação com outras Universidades		
“eles tentam incentivar, mas ao mesmo tempo não fazem nada” (suj. 1)	“		

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“pouco apoio para a prática do futsal feminino” (suj. 2)	Falta de apoio		
“é difícil encontrar lugares que queiram patrocinar” (suj. 2)	Falta de patrocínio		
“gurias que praticam o futsal, elas mesmas têm que bancar a quadra, o material” (suj. 2)	Gastos com a prática esportiva		
“é difícil reunir um grupo para jogar” (suj. 3)	Falta de comprometimento das próprias atletas		
“foi sempre o meu problema: foi reunir o grupo, porque sempre uma vai e uma não vai” (suj. 3)	“	Falta de apoio familiar, técnico, institucional e da sociedade em geral	Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva
“sempre que tu combina, sempre alguém tem alguma coisa para fazer e não vai” (suj. 3)	“		
“o masculino tem mais incentivo aqui na PUC” (suj. 3)	Discriminação		
“é tudo mais demorado no feminino aqui dentro da PUC” (suj. 3)	“		
“não ter com quem jogar ou não conhecer estas pessoas” (suj. 4)	Falta de mulheres jogadoras de futsal		
“eles não tavam ali a disposição” (suj. 4)	“		
“são muitas atletas que fazem futsal, mas só agora estão aparecendo” (suj. 4)			
“tá tendo espaço para que haja essa organização, agora abriu espaço” (suj. 4)	Oportunidade para jogar		

4 - Estratégias de superação de dificuldades

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“Tem que ter respeito, que não é porque mulher joga futebol” (suj. 2)	Respeito		
“mostrar a qualidade do futebol feminino” (suj. 1)	Qualidade do jogo		
“a gente trabalho com seriedade” (suj. 1) “a garra, a vontade” (suj. 1)	Seriedade		
“nunca dei bola para esses preconceitos” (suj. 2)	Preconceito	Apoio técnico, institucional e da sociedade	Estratégias de superação das dificuldades
“tô em dois clubes que dão bastante incentivo” (suj. 2)	Incentivo e apoio técnico		
“proporcionam uma baita estrutura: traumatologia, fisioterapia, se eu precisar” (suj. 2)	“		
“incentivar mais” (suj. 3)	Incentivo		
“não tem bolsa, incentivo na mensalidade” (suj. 3)	Bolsa de estudos		
“mobilização pra que haja mais espaço para a prática do futsal feminino” (suj. 4)	Mobilização		
“mostrar que apesar do futsal ser um esporte de muito contato físico, nem todas as atletas têm gostos masculinos, tem as duas coisas” (suj. 4)	Vencer os preconceitos em relação ao futsal		

Handebol universitário**1- Modificações em sua vida após o início da prática esportiva****a - Pessoal:**

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“ter mais paciência com os outros” (suj. 1)	Paciência		
“melhorou muito a relação com as pessoas” (suj. 1)	Relacionamento		
“lidar melhor com conflitos no grupo” (suj. 2)	Lidar com conflitos		
“trabalhar melhor em equipe” (suj. 2)	Trabalho em grupo		
“respeitar as pessoas e amadurecimento” (suj. 2)	Respeito Amadurecimento		Mudanças na vida após o início prática esportiva
“aprender a ter mais diplomacia” (suj. 2)	Diplomacia	Mudanças pessoais	
“não teve muita modificação” (suj. 3)	Pouca modificação		
“eu só entrei no handebol, que foi uma coisa diferente” (suj. 3)	Busca pelo diferente		
“bem-estar comigo mesma” (suj. 4)	Bem-estar		
“toda uma qualidade de vida” (suj. 4)	Qualidade de vida		
“tu fica mais ativa” (suj. 4)	Atividade		
“resultado em tudo: psicologicamente e fisicamente” (suj. 4)	Resultado físico e psicológico		
“tu relaxa e ajuda a ter um equilíbrio melhor” (suj. 4)	Equilíbrio		
“não afeta outras atividades” (suj. 1)	Organização		
“concentrar mais e estudar legal” (suj. 1)	Concentração Estudo		

b- Familiar:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“paciência ajuda no campo familiar” (suj. 1)	Paciência		
“trabalhar a disciplina” (suj. 1)	Disciplina		
“lidar com situações familiares” (suj. 1)	Lidar com família		
“mais diplomacia com eles” (suj. 2)	Diplomacia		
“segurar a barra dos problemas” (suj. 2)	Lidar com problemas		Mudanças na vida
“a família também é um grupo” (suj. 2)	Família como grupo	Mudanças familiares	após o início da prática
gente consegui segurar junto as vitórias e os (suj. 2)	Convivência familiar		problemas”
“não fez muita diferença” (suj. 3)	Pouca diferença		
“grande incentivo familiar” (suj. 4)	Incentivo familiar		
“mãe psicóloga, vê esporte como uma alternativa pra tirar de caminho ruim”(suj.4)	Esporte como fator de prevenção		

c - Financeiro:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“nada, absolutamente nada” (suj. 1, 3)	Sem modificações		Mudanças na vida
‘eu é que banco” (suj. 2)	Ajuda à família	Mudanças financeiras	o início prática
“comecei a ajudar minha família bastante” (suj. 2)			esportiva
“tive que bancar os campeonatos” (suj. 4)	Custos para a prática esportiva		

d - Afetivo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“tem mais jogo de cintura” (suj. 1)	Diplomacia		
“mais paciência” (suj. 1)	Paciência		
“quando não jogo, fico de mau humor” (suj. 1)			Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“leque de amigos, de relacionamentos” (suj. 2, 4)	Amizades	Mudanças afetivas	
“diplomacia para mediar os problemas” (suj. 2)	Mediação de problemas		
“difícil manter um vínculo” (suj. 3)	Dificuldade de integração		
“difícil manter uma integração” (suj. 3)			
“construi laços de amizade, muito sinceros” (suj. 4)	Amizades sinceras		

e - Saúde

Unidade	Categoria inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“se eu não jogasse, teria menos preparo físico” (suj. 1)	Preparo físico		
“resistência física” (suj. 1)	Resistência física		
“mais ativa, tu te torna mais ativa, a memória muscular, voltando ao ritmo, depois de parar um tempo” (suj. 2)	Atividade Memória muscular		Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“notei alguma melhora no semestre passado, quando tinha treinamento físico” (suj. 3)	Pouca melhora sem treinamento físico	Mudanças na saúde	
“se não fizesse esporte, minha forma física ia ser pior” (suj. 4)	Melhora da forma física		
“meu colesterol ruim é alto, só que o bom é muito alto, então equilibra” (suj. 4)	Melhora da saúde		

2 - Objetivos para o futuro com a prática esportiva

a - Planos imediatos:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
‘pretendo continuar jogando handebol’ (suj. 1) “manter condicionamento físico” (suj. 1) “jogar os Jogos Universitários Brasileiros” (suj. 2, 4) “fechar com chave de ouro (suj. 2) “uma das minhas motivações era conseguir uma bolsa, pra poder me dedicar bem ao esporte e à Medicina (suj. 3) “lazer, integração, diversão” (suj. 4) “ver o resultado do que a gente tá fazendo” (suj. 4)	Continuação da prática esportiva Condicionamento físico Participação em campeonatos Vitória Obtenção de bolsa de estudos Atividade prazerosa Verificação de resultados	Planos imediatos com a	Objetivos para o futuro este ano” prática

b - Planos a longo prazo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“ continuar jogando, não para competir” (suj. 1, 4) “arrumar um tempo para continuar jogando” (suj. 2) “fazer alguma atividade física” (suj. 2) “tivesse uma bolsa que contribuísse mais com a parte financeira” (suj. 3) “nunca pretendi seguir como profissional do handebol, sempre tive outros enfoques” (suj. 4)	Continuação da prática de esportes Obtenção de bolsa de estudos Outros enfoques	Planos a longo prazo	Objetivos para o futuro com a prática esportiva

3 - Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“organizar os nossos horários” (suj. 1, 3)	Horário		
“eu faço duas faculdades e ainda venho treinar” (suj. 1)	Sobrecarga de atividades		
“então tem muita coisa” (suj. 1)			
“horário, porque todo mundo trabalha” (suj. 2)	Trabalho		
“tempo de treino: o ideal seria três vezes por semana” (suj. 2)	Tempo de treino		
“número que é pequeno” (suj. 2)	Número pequeno		
“a gente pega outros times super bem estruturados, elas tão muito além da gente” (suj. 2)	Falta de estrutura		
“Tu não tem uma afinidade com todas do grupo” (suj. 2)	Falta de afinidade		
“o time não tem aquela percepção de jogo, causando um certo desequilíbrio” (suj. 2)	Falta de percepção de jogo		
“difícil organizar um horário que todo mundo possa sempre estar aqui, inclusive nos períodos de prova” (suj. 3)	Horário fixo	Falta de organização de horários e entrosamento das atletas	Dificuldades encontrada para a prática esportiva
		Falta de apoio técnico e institucional	
“a gente se lesiona bastante jogando” (suj. 3)	Lesões		
“são mulheres diferentes, e as vezes é meio complicado” (suj. 3)	Dificuldade de relacionamento		
“pra min vir treinar é complicado: eu atravesso a cidade” (suj. 4)	Distância		
“as vezes eu tenho um pouco de falta de ar, por não ter mantido um treinamento, estar meio fora de forma” (suj. 4)	Treinamento irregular		

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“não esperar mais tanto os resultados: se eu errava eu tinha crises e aí eu não conseguia fazer mais nada” (suj. 4)	Cobrança de resultados		
“não quero mais aquela coisa obcecada” (suj. 4)	“		
“se a PUC incentivasse de verdade, eu estaria disposta a treinar pra valer” (suj. 4)	Falta de incentivo da PUC		
“a alternativa que tem na nossa idade é sair da cidade” (suj. 4)	Falta de alternativa na cidade		
“não posso ficar parada, sem trabalhar, só em função do handebol, parando tudo ao redor” (suj. 4)	Necessidade de trabalhar	Falta de apoio técnico e institucional	Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva
“treinando, mas não ganhando nada, eu tenho que ter resultados na minha faculdade, nas minhas coisas” (suj. 4)	e de ter resultados na profissão		
“eu vou começar a fazer estágio” (suj. 4)	Busca de estágio		
“a PUC não sabe utilizar a estrutura, acaba não disponibilizando para as atletas” (suj. 4)	Uso inadequado do parque esportivo		
a gente não vai nem para campeonato” (suj. 4)	Falta de participação em campeonatos		
“é tudo uma função, uma burocracia” (suj. 4)	Burocracia		
“o nosso esporte está passando por muitas necessidades financeiras e de estrutura” (suj. 2)	Necessidade financeira e de estrutura		

4 - Estratégias de superação de dificuldades

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“Planejamento das atividades que eu vou fazer” (suj. 1)	Planejamento		
“a Universidade poderia dar uma bolsa, até uma meia-bolsa para as alunas” (suj. 2,4)	Fornecimento de bolsa de estudos		
“nós temos que divulgar a imagem da Universidade” (suj. 2)	Divulgação da Universidade		
“eles oferecessem outra estrutura, tipo musculação, nutrição, trabalho de preparação física, fisioterapia” (suj. 2, 3)	Apoio técnico	Apoio técnico e institucional com ênfase no planejamento	Estratégias para superação de dificuldades
“seria “ necessário uma espécie de contrato entre jogadoras, o treinador, aquela coisa de presença” (suj. 3)	Estabelecimento de contrato		
“encarar como uma espécie de trabalho”(suj. 3)	Esporte como trabalho		
“a preparação física” (suj. 3)	Preparação física		
“um atendimento meio psicológico” (suj. 3)	Atendimento psicológico		
“no momento que houver um incentivo da PUC e quiser levar a sério, vou ter que me concentrar, estabelecer metas, sabendo que não posso baixar a cabeça com os obstáculos!” Suj. 4)	Estabelecimento de metas		

Basquetebol universitário

1 - Modificações em sua vida após o início da prática esportiva

a - Pessoal:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“eu entender um pouco mais de min: minhas capacidades, meus limites” (suj. 1)	Compreensão		
“eu me sinto muito bem praticando esportes” (suj. 2)	Bem-estar		
um período que fiquei parada e achava muito ruim” (suj. 3)	Falta do esporte		
“como se tivesse faltando alguma coisa na vida”(suj. 3)			
“quando eu voltei para o esporte, foi como se eu tivesse nascido de novo” (suj. 3)	Sentido à vida		
“dá disciplina, mais sentido, alguma coisa pra esperar” após o	Disciplina	Mudanças pessoais	Mudanças na vida (suj. 3)
“Sempre me ajudou muito nas relações com amigos e fisicamente, também” (suj. 4)	Relações pessoais Físico		início da prática esportiva
“é muito importante em todos os sentidos: pessoal, mental, físico”(suj. 5)	Ganhos		
“me ajudou tanto em relação aos estudos, me relacionar com as pessoas, isso, ajuda no convívio e ao teu organismo” (suj. 5)	Ajuda nos estudos Convívio		
“quando tu para um tempo, tu já sente na pele a diferença “(suj. 5)	Importância do esporte		

b - Familiar:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“sempre incentivaram bastante: meu pai levava para tudo que é lugar” (suj. 1)	Apoio familiar		
“meus pais reclamam que eu não fico em casa” (suj. 2)	Falta da filha	Mudanças familiares	Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“meus pais já estão acostumados comigo treinando”(suj. 3)	Sem alterações		
“os pais estão sempre juntos nas competições” (suj. 4)	União familiar		
“tenha maior contato entre pais e filhos, por eles incentivarem” (suj. 5)	Convivência familiar		

c - Financeiro:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“não, nenhuma (suj. 1, 2) Modificações	Sem modificações		
‘não porque a PUC não dá bolsa” (suj. 3)	Falta de ajuda financeira	Mudanças financeiras	Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“a gente tem que investir pra poder ter retorno do esporte” (suj. 4)	Necessidade de investimento		
“certos esportes não são pra qualquer um: tem que ter condições financeiras, não existe muito patrocínio” (suj. 5)	Elitização do esporte		
	Falta de patrocínio		

d - Afetivo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“ampliar um pouco mais as amizades”(suj. 1)	Amizade		
“fazer um grupo de amigos maior”(suj. 2)	“		
“conhecer mais gente”(suj. 3)	Novas relações		
“relação de amizade, união, companheirismo, de garra, de incentivo, com amigos, treinador, parceiro”(suj. 4)	Espírito de grupo	Mudanças afetivas	Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“se relaciona muito melhor”(suj. 5)			
“fica mais unido, incentiva, ajuda os outros”(suj. 5)	Espírito de união		
“pensar no todo, e não só no individual”(suj. 5)			

e - Saúde

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“começando a fazer uma reeducação alimentar”(suj. 1)	Reeducação alimentar		
“melhorou meu desempenho físico”(suj. 2)	Desempenho físico		
“a resistência aumentou”(suj. 3)	Resistência	Mudanças físicas	Mudanças na vida após o início da prática esportiva
“tu ta exercitando, mexendo teus músculos, a cabeça, teu espírito”(suj. 4)	Movimento		
“quando eu era pequenina, eu sempre ficava gripada. Minha mãe me botou pra Fazer esporte e eu nunca Mais fiquei gripada”(suj. 5)	Melhora da saúde		

2 - Objetivos para o futuro com a prática esportiva

a - Planos imediatos:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“ir para campeonatos” (suj. 1, 3”. 5)	Participação em campeonatos		
“nada de planos, eu pratico o basquete porque gosto” (suj. 2)	Sem planos Jogar por prazer	Planos Imediatos	Objetivos para o futuro com a praticando e
“e simplesmente continuar disputar as da prática copas que as universidades oferecem” (suj. 4)	Continuação esportiva	prática	esportiva
“ir para o Rio de Janeiro de novo” (suj. 5)	Viajar		

b - Planos a longo prazo:

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“ praticar basquete toda minha vida, como lazer” (suj. 1”, 2)	Lazer		
“participar de mais campeonatos”(suj. 2)	Participação em campeonatos		
“conhecer pessoas”(suj. 3)	Conhecer pessoas	Planos a longo prazo	Objetivos para o futuro com a Prática esportiva
“continuar praticando, basquete ou qualquer outra atividade física, sempre tendo que investir para ter algum retorno”(suj. 4)”	Esporte como investimento		
“ continuar praticando basquete, mas não sendo uma atleta e também continuar praticando natação “ (suj. 5)	Continuação a prática esportiva		

3 - Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“praticar um esporte é bem caro” (suj. 1)	Custos		
“o número de meninas que fazem: a gente não encontra dois times”(suj. 2)	Poucas meninas		
“os meninos são mais interessados. Têm um monte vindo” (suj. 2)	Falta de interesse		
“por falta de divulgação, muitas mulheres não vêm fazer” (suj. 2)	Falta de divulgação		
“a minha altura: eu sou baixinha e ninguém acredita” (suj. 2)	Pouca altura		
“os horários dos treinos, por causa dos estágios: tem que sair mais cedo pra não faltar o treino”(suj. 3, 4)	Horários inadequados	Falta de apoio técnico e institucional	Dificuldades enfrentadas para a prática esportiva
“têm colegas minhas faltando treino, porque não dá tem estágio nessa hora”(suj. 3)	“		
“estamos decepcionadas, porque a PUC não nos levou para o JUBs, nos avisou encima da hora e no tivemos opção de tentar até pagar” (suj. 1,3)	Falta de apoio da PUC		
“o basquete parece ser um jogo muito agressivo, mais que o handebol, mas não é. É menos agressivo que o futebol” (suj. 3)	Jogo agressivo		
“por isso que não é um jogo muito feminino” (suj. 3)	Jogo masculino		
“locomoção”(suj. 4)	Locomoção		
“falta de incentivo da PUC, um desconto” (suj. 4)	Falta de bolsa de estudos		

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“não tem copas”(suj. 4)	Falta de campeonatos		
“não tem retorno por ela estar vindo jogar aqui porque ela está perdendo tempo. Conheço muitas meninas que jogam maravilhosamente bem, que fariam um time maravilhoso, mas não vêm porque simplesmente vão perder tempo vindo aqui” (suj. 4)	Falta de retorno		
“poderiam estar fazendo outras coisas mais úteis, seriam melhor para o futuro delas”(suj. 4)	Perda de tempo		
“falta de patrocínio” (suj. 5)	Prática de atividades mais úteis	Falta de apoio técnico, institucional e financeiro	Dificuldades para a prática do esporte
“as equipes esportivas estão começando aqui na PUC. Está um pouquinho devagar” (suj. 5)	Falta de patrocínio		
“poderiam fazer mais campeonatos, incentivar mais”(suj. 5)	Equipes em estruturação		
os patrocinadores tentam dar um incentivo, mas logo desistem, porque os resultados não são imediatos”(suj. 5)	Falta de incentivo		
‘há bastante dificuldade em relação a todos os esportes no Brasil” (suj. 5)	Falta de patrocinadores persistentes		
“ta entrando aos poucos na mídia: o vôlei foi entrando, entrou o tênis com o Guga” (suj. 5)	Dificuldade da prática esportiva no Brasil		
‘o técnico foi me catar lá na faculdade”(suj. 1, 2, 5)	Falta de divulgação na mídia		

4 - Estratégias de superação de dificuldades

Unidade	Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Categoria Final
“incentivo é a maior das superações”(suj. 1)	Incentivo		
“divulgar mais o esporte na universidade” (suj. 1,2)	Divulgação		
“podiam ter um time efetivo da PUC para participar de campeonatos” (suj. 1)	Time permanente da PUC		
“fazer tipo faculdade americana: esporte como prática intensiva na faculdade”(suj. 1)	Copiar o modelo americano		
“treinar bastante e explorar minha agilidade”(suj. 2)	Treinar mais	Apoio técnico e institucional, com ênfase ao patrocínio e a divulgação	Estratégias de superação das dificuldades
vir mais meninas jogar” (suj. 2)			
“Patrocínio” (suj. 3, 5)	Patrocínio		
“Bolsa de estudos” (suj. 3)	Bolsa de estudos		
“Desconto na matrícula ou no semestre, pra ter um incentivo”(suj. 4)	Desconto no pagamento		
“Incentivo ao esporte” (suj. 4)	Incentivo aos esportes em geral		
“incentivar o esporte vai ocupar as mentes das pessoas menos favorecidas e melhorar a saúde delas também”(suj. 3, 5)	Esporte como fator de inclusão social		
“Incentivo da mídia” (suj. 5)			

Anexo E - Política Nacional do Esporte

Abaixo se encontram trechos importantes transcritos e resumidos da Política Nacional do Esporte de 27/04/2005, atualizado com o Plano de Ação para os anos de 2005/2006, acessados diretamente do site do ME e que podem ser consultados por qualquer interessado (Política Nacional do Esporte, 2006).

Mais do que um preceito constitucional, o acesso ao esporte é um direito a ser garantido ao cidadão brasileiro, conforme a Política Nacional do Esporte de 27/04/2005 (Ministério do Esporte, 2006). Embora a evolução da legislação esportiva, a proposição de políticas anteriores e o desenvolvimento de ações efetivas ao longo dos anos tenham trazido avanços significativos nesta área, o esporte está longe de ser um direito de todos. No texto a seguir, estarão descritas as principais medidas que foram e/ou estão sendo implantadas pelo ME, visando a obtenção de um salto qualitativo e quantitativo na prática esportiva em nosso país.

O “desporto” brasileiro, apresentado pelo Decreto 2.574/98, abrange práticas formais e não formais e obedece às normas gerais da Lei 9.615/98. Pela legislação vigente, o “desporto” pode ser reconhecido nas seguintes manifestações:

- I. Desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;
- II. Desporto de participação, praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente; e
- III. Desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais da Lei nº 9.615, de 24 de março 1998, e das regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Além da necessária atualização da legislação esportiva, não só em relação à própria definição do esporte e suas manifestações, entre outras questões defasadas, se faz urgente a reorganização e a articulação das ações dos governos e da sociedade, de forma a traçar metas coerentes com as necessidades do País.

A dificuldade de acesso ao esporte está diretamente relacionada às questões sócio-econômicas, e portanto, calcada nas desigualdades sociais presentes na população brasileira.

O Esporte brasileiro tem hoje projeção internacional pelos resultados que tem obtido nos eventos esportivos (modalidades olímpicas, paraolímpicas e não olímpicas). É importante que se possa oferecer condições cada vez melhores aos atletas e para-atletas que compõem as diversas equipes de alto rendimento, mas é fundamental que se ofereça possibilidade de acesso à prática esportiva a toda a população brasileira.

Os organismos internacionais vêm reforçando a importância do esporte no desenvolvimento humano sustentável. O relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz, divulgado em 2003, coloca o esporte em uma posição estratégica para o alcance das “Metas de Desenvolvimento do Milênio” estabelecidas pela ONU. Entendendo o esporte como direito humano, reafirma seu potencial no desenvolvimento econômico e social de uma nação, especialmente nas áreas de saúde, educação, meio-ambiente e inclusão.

A UNESCO também tem valorizado a importância do esporte no desenvolvimento dos povos, reafirmando a convicção de que o esporte e a educação física têm papel fundamental na sociedade nas questões de saúde, de bem estar, na diminuição de desigualdades, no resgate de valores e de princípios, entre outras. A Declaração da IV Conferência Internacional de Ministros, Altos Funcionários e Responsáveis pela Educação Física e Esporte, realizada em Atenas em 2004, apresenta questões prioritárias e faz uma série de recomendações aos governos para que sejam implementadas nos países, favorecendo o desenvolvimento social por meio de políticas de prática esportiva.

O Brasil, por meio de iniciativas governamentais e da sociedade em geral, já iniciou essa caminhada. A potencialização desses esforços, articulados em uma política consistente, pode ser o passaporte para a garantia do direito ao esporte a todos os cidadãos brasileiros.

Não existe diagnóstico atualizado e preciso da situação do esporte no País, como o número de praticantes, instalações esportivas, profissionais atuantes, programas em desenvolvimento, relação custo/benefício, entre outros. O último

diagnóstico data de 1971, realizado pelo antigo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura.

Em 2004, uma iniciativa importante foi a publicação do “Atlas do Esporte no Brasil”. O Atlas é uma obra social que tem por objetivo criar um sistema de informação gerencial para o esporte brasileiro e integrar informações relativas ao Esporte, à Educação Física, e às Atividades Físicas de Saúde e de Lazer.

Entre outros estudos, o Ministério está desenvolvendo o Diagnóstico Esportivo Nacional, em parceria com o IBGE, com o objetivo de obter dados fidedignos e representativos da real estrutura esportiva e da prática das diferentes manifestações esportivas, a partir de pesquisa realizada junto às 5562 prefeituras do país.

Com isso obter-se-á um mapeamento nacional da infra-estrutura e da prática esportiva no país que serão complementados com estudos qualitativos referentes à participação das esferas de governo (União, Estados e Municípios); dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); das entidades de prática esportiva e de administração esportiva; da iniciativa privada; e do terceiro setor; ou seja, de toda a sociedade no esporte nacional, bem como estudos relativos à cadeia produtiva do esporte que possibilitarão a identificação do impacto do esporte no PIB brasileiro.

Uma proposta consistente de política pública deve se pautar em informações relevantes e em fontes seguras. A 1ª Conferência Nacional do Esporte indicou as Potencialidades e Dificuldades do Esporte Nacional, aprovou os referenciais da nova Política Nacional do Esporte, a criação do Sistema Nacional do Esporte e do Lazer e ainda as Propostas de Ação para cada um dos eixos temáticos que integram o Documento Final da Conferência.

Este material, somado aos resultados do Diagnóstico Esportivo Nacional, aos demais estudos propostos, e em consulta à legislação esportiva, traduzem-se no cenário básico para a proposição de Políticas Públicas. Este cenário sustenta a base da nova Política Nacional do Esporte, construída em parceria com a comunidade esportiva; gestores das esferas municipal, estadual e federal; universidades; entidades de classe; sindicatos; associações; movimentos sociais, e a sociedade em geral.

Os principais objetivos com esta nova Política Nacional do Esporte são:

1. Promover a cidadania esportiva e de lazer, na sua dimensão científica, política e tecnológica, com ênfase nas pesquisas referenciadas socialmente;

2. Democratizar e universalizar o acesso ao esporte e ao lazer, na perspectiva da melhoria da qualidade de vida da população brasileira;
3. Descentralizar a gestão das políticas públicas de esporte e de lazer;
4. Detectar e desenvolver talentos esportivos em potencial e aprimorar o desempenho de atletas e paraatletas de rendimento;
5. Fomentar a prática do esporte educacional e de participação, para toda a população, e o fortalecimento da identidade cultural esportiva a partir de políticas e ações integradas com outros segmentos.

Estes objetivos estão baseados nos princípios de um projeto histórico de sociedade, comprometido com a reversão do quadro de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social, ao qual se submete grande parcela da nossa sociedade; no reconhecimento do esporte e do lazer como direitos sociais; na inclusão social compreendida como a garantia do acesso aos direitos sociais do esporte e do lazer a todos os segmentos, sem nenhuma forma de discriminação, seja de classe, etnia, religião, gênero, nível socioeconômico, faixa etária e condição de necessidade especial de qualquer espécie e na gestão democrática e participativa, com ênfase na transparência do gerenciamento dos recursos.

As diretrizes que sustentam estes objetivos são:

1. Universalização do acesso: o esporte é um direito de todos, assim considerado pela UNESCO desde 1978, a partir da Carta de Educação Física e do Esporte. A prática esportiva é condição essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo, à medida em que promove a melhoria da saúde e do bem estar, auxilia na aquisição dos valores necessários à formação da cidadania, desenvolve as habilidades motoras e intelectuais e favorece o relacionamento interpessoal, fundamental para a vida em sociedade, além de criar igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade. A convivência esportiva é considerada a escola ideal para a vida.
2. Desenvolvimento humano e Promoção da inclusão social: as capacidades humanas básicas para o alcance do desenvolvimento humano sustentável são: conduzir vidas longas e saudáveis, ter acesso ao conhecimento, ter acesso aos recursos necessários para manter um padrão de vida decente e poder participar na vida da comunidade. Segundo a conclusão do documento da ONU, Esporte para o Desenvolvimento e a Paz, divulgado

em 2003, o esporte pode ser o caminho para a construção dessas capacidades. Além dos benefícios físicos significativos que traz à saúde, a prática esportiva orientada oferece também benefícios psicossociais, contribuindo para a educação do homem, não só desenvolvendo seu potencial intelectual, mas aumentando sua consciência em relação ao respeito a si mesmo, ao outro, e ao meio-ambiente e contribuindo para sua inclusão social.

3. Promoção da saúde: Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES mostrou que a grande maioria da população brasileira não pratica qualquer tipo de esporte. Faltam ações de sensibilização e conscientização sobre a importância da prática esportiva. Os programas de esporte servem como uma ferramenta eficaz para a mobilização social, prestando apoio a atividades da saúde tais como campanhas de educação e imunização. É também um ambiente-chave e uma atração natural para a participação de voluntários. Além disso, a prática de esporte apóia a preservação de um meio ambiente limpo e saudável.
5. Desenvolvimento da nação: o respeito às regras, à cooperação, a solidariedade, o espírito de equipe, o estímulo à superação, a luta pelos ideais, entre outros valores desenvolvidos no cotidiano da prática esportiva, são vitais para a convivência harmoniosa de um povo. Além disso, a popularidade do esporte transforma os atletas campeões em verdadeiros ídolos, que passam a ser exemplos de vida para nossas crianças e jovens. A vivência no esporte valoriza a auto-estima e remete os cidadãos a um forte espírito patriótico, fortalecendo a brasilidade. A capacidade de mobilização social das causas e dos eventos esportivos pode e deve ser direcionada para o desenvolvimento social da nação, estimulando a sociedade a alcançar coesão e estabilidade, inclusive por meio de ações voluntárias.

Um outro fator importante que merece destaque é o potencial das competições internacionais, em especial os Jogos Olímpicos e Para-Olímpicos, que têm sido um poderoso instrumento de aproximação dos povos e de fortalecimento das relações de paz.

6. Desenvolvimento Econômico: Apesar de pouco valorizado no Brasil, o esporte tem um enorme potencial econômico, seja na fabricação e comercialização de produtos esportivos; na construção ou reabilitação de instalações esportivas, na venda de serviços ou na promoção de eventos, o esporte gera empregos e muita renda. Tem a seu favor ainda os efeitos suplementares dos espectadores, patrocinadores, vendedores e da mídia nacional e internacional, além da indústria do turismo que gira em torno das grandes competições. Faz-se necessário explorar mais esse potencial, estimulando o crescimento econômico do país, por meio da captação de eventos e da valorização da indústria esportiva nacional. É preciso reverter os benefícios dessa cadeia produtiva ao desenvolvimento do próprio esporte no país, investindo em programas sociais para todas as camadas da população brasileira.
7. Gestão democrática e participativa, e controle social: uma política pública carece de racionalidade, sendo que a racionalidade das ações e o controle social podem multiplicar seus efeitos. Para transformar o esporte efetivamente em política de governo é imperativo que se aprofundem os vínculos institucionais, de forma a estabelecer uma rede de intervenção. Para tanto, é preciso primeiramente desenvolver ações de colaboração e cooperação entre o Ministério do Esporte e os demais Ministérios; entre a União, os Estados e os Municípios; e entre os entes governamentais, não governamentais e a iniciativa privada, consolidando parcerias, o que permitirá a potencialização das iniciativas, evitando a fragmentação dos recursos e favorecendo a continuidade dos programas.

Além disso, é necessário ampliar e institucionalizar canais de diálogo entre o governo, as entidades esportivas e a sociedade. A gestão democrática é o caminho para o envolvimento da sociedade, aumentando as possibilidades de participação, interação e colaboração. Concentrar esforços e otimizar a utilização dos recursos é um primeiro passo para o alcance dos objetivos pretendidos.

8. Descentralização da política esportiva e de lazer: ao mesmo tempo em que é necessário integrar as instituições, deve-se ter como meta desenvolver a política de forma descentralizada, priorizando a transferência de competências aos órgãos federativos e inclusive à iniciativa privada, quando for o caso, aos quais a população envolvida

tenha acesso direto. Para obter resultados na implementação de uma Política de Esporte, é fundamental que os cidadãos interessados possam influir nas decisões e fiscalizar a forma com que são realizadas as ações. Isso só é possível se os órgãos envolvidos estiverem devidamente comprometidos e com as suas competências claramente estabelecidas.

Para a implantação desta política, as seguintes estratégias devem ser seguidas:

- Democratização do acesso à informação;
- Capacitação de gestores;
- Planejamento estratégico;
- Financiamento: de acordo com a Constituição Federal, art 217, inciso II, os recursos públicos devem ser destinados prioritariamente ao “desporto” educacional e
- Acompanhamento e avaliação

Com base nos princípios e diretrizes da Política Nacional, e, considerando a realidade atual do Esporte brasileiro, as ações previstas deverão atender aos seguintes propósitos:

- Consolidação do esporte como uma questão nacional;
- Fortalecimento das instituições governamentais e não governamentais que atuam na área do esporte por meio da revisão do ordenamento legal e do financiamento;
- Consolidação das relações com organismos internacionais;
- Ampliação do acesso ao esporte com vistas a atingir todas as camadas da população em cada região do país;
- Melhoria da qualidade de vida da população a partir da oferta regular de atividades esportivas e de lazer;
- Reorganização do esporte brasileiro por meio da definição das competências da União, Estados e Municípios e das competências das entidades do esporte institucionalizado (COB, CPB, Confederações, Federações, Associações, CBC, Clubes e Ligas), e também por meio da profissionalização do esporte;
- Modernização das entidades de administração do esporte com vistas à democratização das entidades e à profissionalização da gestão;

- Desenvolvimento acadêmico e científico através da formação de Recursos Humanos, desenvolvimento de pesquisas e investimento nos laboratórios de ciência do esporte;
- Desenvolvimento do Sistema Esportivo através da capacitação de Recursos Humanos, da organização da sociedade, do desenvolvimento de lideranças e da melhoria e ampliação da infra-estrutura.

O Ministério do Esporte tem como referência a tese que Esporte e Lazer são dimensões constitutivas e imprescindíveis do Desenvolvimento Humano; expressa este compromisso em seus Programas e Ações a partir da articulação de três conceitos fundamentais: Cidadania, Diversidade e Inclusão.

Cidadania entendida como a garantia de um conjunto de Direitos, dos quais o Esporte e o Lazer associam-se à educação, à saúde, ao trabalho, à moradia, a segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância, e à assistência aos desamparados, para que venhamos garantir por meio de Políticas Públicas a perspectiva emancipadora e múltipla da mesma;

Diversidade expressa por uma concepção concreta e dinâmica na relação humana, na qual a diferença é um importante elemento de conhecimento, devendo ser explicitada e enaltecida, e por outro lado as mazelas da desigualdade que devem ser permanentemente denunciadas e combatidas;

Inclusão, compreendida pelo impreterível desvelar do modelo societário hegemônico e suas contradições internas, bem como a necessária superação dos indicadores sociais existentes com vistas à construção de uma vida plena e digna.

A conquista pelo conjunto da sociedade do Estado Democrático de Direito, impõe a presença do poder público como protagonista de Políticas Públicas Sociais que afirmem a equidade e a inalienável condição humana como sentido ontológico destas políticas.

O ME, por meio de seus Programas e Projetos, estabelece relações de trabalho com crianças, jovens, adolescentes, adultos, idosos, bem como com pessoas com deficiência e aquelas com necessidades educativas especiais, e estabelece ainda, o vínculo com o sistema educacional brasileiro, orientado aos diferentes níveis de ensino: pré-escolar, escolar e universitário.

O reconhecimento do Esporte como construção humana de grande relevância na contemporaneidade, e do Lazer como tempo/espço conquistado nas lutas históricas dos trabalhadores institui as condições para que na diversidade presente

na sociedade brasileira, possamos articular distintas vertentes do fenômeno esportivo, sem hierarquizá-los internamente, seja na dimensão educacional, seja na de recreação e lazer, de rendimento ou na dimensão de trabalho/ negócio.

A inclusão social pelo esporte dá-se por meio das possibilidades de garantia do acesso, a partir de duas lógicas:

- 1) da democratização do esporte
- 2) da instrumentalização do esporte.

A materialização da lógica da inclusão social pelo esporte, seja ampliando o acesso, seja instrumentalizando os diversos atores que atuam no Esporte Nacional visando a obtenção das condições necessárias à prática esportiva de qualidade, confirma-se nos projetos sociais esportivos em desenvolvimento no ME, que buscam atender desde a criança até o idoso, oferecendo atividades diferenciadas e integradas e abrangendo todas as manifestações esportivas, sempre tendo como princípio fundamental a cidadania, a diversidade e a inclusão.

Plano de Ação 2005/2006

Em função do eixo articulador, dos princípios e diretrizes da política e das especificidades apresentadas, o Ministério propôs o desenvolvimento do Plano de Ação 2005/2006:

O ano de 2005 foi marcado pela consolidação da Política Nacional de Esporte, e pela definição das políticas setoriais. Também foi estruturado o Sistema Nacional de Esporte e Lazer, ação recomendada pela 1ª Conferência Nacional do Esporte. Para isso o Ministério desenvolveu estudos quantitativos e qualitativos para subsidiar a efetiva implantação da Política Nacional do Esporte e para estruturar o Sistema Nacional do Esporte de forma responsável, conhecendo e articulando as esferas de governo (União, Estados e Municípios); os poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); as entidades de prática esportiva e de administração esportiva; e a sociedade, de forma que todos tenham suas funções definidas e trabalhem em torno de objetivos comuns.

Em 2006 foi realizada a 2ª Conferência Nacional do Esporte, momento em que governos, comunidade esportiva e sociedade refletiram sobre o acúmulo da 1ª Conferência e avançar nas estratégias de implementação e na avaliação da Política Nacional do Esporte.

O Plano de Ação tem as seguintes ações previstas:

1. Esporte escolar: Nos anos de 2005 e 2006, implantar o Esporte Escolar junto a todas as Secretarias de Educação e Esporte dos Estados da Federação e municípios que demonstrarem interesse no mesmo; atender, pelo menos 10% da população escolar do ensino básico nos anos de 2005 e 2006 com ações de esporte escolar.

Para garantir esta implementação, o ME, em consonância e parceria com a política Educacional do país, por meio da parceria estabelecida com o Ministério da Educação e da articulação de ações multissetoriais, vem trabalhando no sentido de contribuir para: garantir a obrigatoriedade da existência de instalações e materiais esportivos de qualidade para a prática esportiva nas escolas públicas; garantir o acesso à prática esportiva de todos, ampliar o período de utilização do espaço físico escolar, pelos alunos e pela comunidade, por meio da oferta das condições mínimas necessárias, inclusive, aos fins de semana; estudar e incluir os programas e ações de esporte educacional no Projeto político-pedagógico da escola; ampliar o quadro

de profissionais capacitados, bem como ações articuladas com entidades responsáveis pelo processo de formação profissional, em especial, as instituições de Ensino Superior, em busca da valorização dos profissionais da área; repensar os objetivos e revitalizar os jogos escolares e apoiar ações estaduais e municipais de desenvolvimento do esporte educacional.

O Esporte como meio de educação concretiza-se legalmente no Brasil a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que, em seu artigo 217, apresenta como dever do Estado o fomento de práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada uma, e prioriza a destinação dos recursos públicos para o esporte educacional.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Título II, art.2º), inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, sendo dever da família e do Estado;

O esporte educacional, cuja interpretação nasce de uma vivência lúdica e pedagógica, é considerado um instrumento do processo de desenvolvimento integral do aluno e formação da cidadania. Referenciado, em princípios sócio-educativos, como inclusão, participação, cooperação e formação, objetiva o desenvolvimento do Esporte na Escola, não como um grupo de modalidades, mas como um meio de educação, fundamentado nestes princípios.

2. Esporte na promoção da saúde: o ME entende que o esporte, quando orientado, é considerado fator de promoção da saúde e de desenvolvimento da qualidade de vida de cada indivíduo que o pratica.

Em conjunto com o Ministério da Saúde, o ME elaborou política específica para o esporte e lazer como Promoção da Saúde. Essa política envolve vários setores do governo e implica uma estratégia de ampla mobilização social, de modo a envolver grande número de entidades que possam atuar no mesmo sentido. Campanhas de publicidade/marketing nos meios de comunicação e capacitação de profissionais são os dois eixos básicos da sua implementação.

3. Esporte de alto rendimento: O esporte de alto rendimento é praticado de acordo com as regras e códigos das entidades internacionais, e tem como finalidade a obtenção de resultados expressivos, vitórias, superação de limites e recordes; tudo dentro de um referencial ético expresso na

formação do espírito esportivo de seus praticantes. Visa resultados, sem, contudo perder de vista a integração de pessoas e comunidades do País, e estas com as de outras nações, e ainda a possibilidade de ser uma ferramenta de inclusão social, à medida que oferece a oportunidade de acesso e de ascensão na carreira esportiva.

As diversas linhas de ação do Ministério nesta área estão sendo consolidadas na Política de Esporte de Alto Rendimento. Nela, estão definidas as atividades, incluindo desde o Programa de Descoberta de Talentos, até a implantação de mais dois centros regionais de treinamento. O primeiro já foi inaugurado na região Norte, em Manaus. Define, também, a criação dos Núcleos de Alto Rendimento e a aplicação dos recursos da Lei de Incentivo à Formação e da Bolsa-Atleta.

A concepção da política pública setorial para o Esporte de Alto Rendimento enseja a participação das entidades públicas e privadas, sob a orientação do ME, promovendo, assim, o desenvolvimento continuado dos programas e projetos delimitados no tempo e no espaço, objetivando a implementação de ações ditadas pelo planejamento a médio e longo prazo.

4. Programa de esporte e lazer da cidade: o ME tem a compreensão que o papel ocupado pelo Esporte e o Lazer no mundo contemporâneo, não pode ser outro que não o de instância de emancipação e desenvolvimento humano. Imperioso se faz, portanto, dar às políticas públicas esportivas e de lazer as condições necessárias para que tais objetivos sejam impreterivelmente alcançados. Esse é o compromisso do Programa Esporte e Lazer da Cidade, que visa dentre outras ações, suprir a carência de políticas públicas e sociais que atendam às crescentes necessidades e demandas da população por esporte recreativo e lazer, sobretudo em situações de vulnerabilidade social e econômica, as quais reforçam a condição de injustiça e exclusão social a que estão submetidas significativas parcelas da população brasileira.
5. Inserção social pela produção de material esportivo: o Programa de Inserção Social pela Produção de Material Esportivo é desenvolvido em parceria com 27 Secretarias de Justiça ou Esporte de cada Estado da Federação e com Entidades Privadas (ONGs) com o objetivo de produzir materiais esportivos a custos reduzidos, utilizando a mão-de-obra de detentos, de adolescentes em conflitos com a lei e de pessoas de

comunidades carentes. Conta com 67 Unidades de Produção de material esportivo, que é todo doado para escolas públicas, entidades filantrópicas que aderiram aos Programas de Governo, como o Segundo-Tempo, Esporte e lazer da Cidade e eventos esportivos, supervisionados pelo Ministério do Esporte.

A participação no Programa proporciona a redução da pena em um dia para três dias trabalhados. Os presos que participam do Programa, têm tido o nível de reincidência fortemente reduzido, passando em média de 80% para pouco mais de 30%. Promove, também, a inclusão social de pessoas carentes em risco social através de parcerias com Entidades Privadas (ONGs), para implantação de Unidades de Produção de materiais esportivos.

6. Jogos Panamericanos de 2007: o País assumiu a responsabilidade de organização do evento esportivo mais importante das Américas - os XV Jogos Pan-americanos e I Jogos Parapanamericanos, em 2007 no Rio de Janeiro. Para isso, o Governo Federal criou uma Secretaria Especial e vem implementando ações descentralizadas, por meio da realização de convênios para o repasse dos recursos financeiros necessários às obras de infra-estrutura esportiva e o estabelecimento de parcerias com as entidades que compõem o Sistema Nacional do Esporte, órgãos e entidades federais, estaduais e municipais que administram diretamente as ações das áreas de educação e esportes.

O desafio de realizar com competência os próximos jogos Pan-Americanos será o passaporte para o Brasil ser considerado candidato em potencial para sediar outros importantes eventos internacionais, o que pode ampliar e qualificar nossa infra-estrutura esportiva, bem como trazer divisas para o país.

7. Futebol: No momento, duas frentes estão abertas com relação ao tema Futebol. A que está mais em evidência, porque em fase conclusiva, é o pacote conhecido como Medidas para o Futebol que pode ser dividido em duas partes: a *Timemania* e a Proteção ao Clube Formador.

Também tem sido uma prioridade olhar o futebol como segmento importante da economia, motor da maior cadeia produtiva do esporte no país e significativa, inclusive, se considerarmos a economia como um todo. É preciso também criar as condições para que seja repensado em bases reais o atual modelo de negócio do futebol profissional no país, colaborando também na criação de programas de

formação e capacitação profissional do setor, no sentido da organização administrativa, financeira e de marketing.

Neste contexto de atuação permanente para o segmento futebol, não podemos deixar de incluir uma reorganização da modalidade nos segmentos não profissionais de ligas amadoras, universitárias e secundárias, colaborando para uma melhor estrutura para a formação de atletas e evolução da modalidade como negócio viável.

8. Outras frentes de atuação: em atendimento às Metas Presidenciais para o Milênio: o ME visa atender com ênfase, por meio de campanhas de sensibilização, produção e distribuição de material didático algumas instâncias:

1. Programa de Ginástica Laboral: Em parceria com o Sesi, e outras entidades, serão apoiados projetos de incentivo à prática da atividade física no universo das empresas, por meio de Campanhas.
2. Academias de Ginástica: Em parceria com entidades que congregam academias de ginástica está sendo formatado um programa que assegure o acesso gratuitamente a pessoas de baixa renda.
3. Leitura nos Estádios: Ação consolidada em parceria com a Unesco. Um primeiro livreto, com textos de Armando Nogueira, teve tiragem de 100 mil exemplares. O segundo volume, já se encontra em andamento com texto também gentilmente cedido pelo autor Luiz Fernando Veríssimo.
4. Calendário Esportivo Brasileiro: Pelo segundo ano consecutivo, está sendo publicado o Calendário Esportivo Brasileiro, com datas de todos os eventos e informações sobre os mais diversos aspectos da vida esportiva.
5. Esportes de Aventura e Esportes Radicais: os esportes de aventura têm um forte apelo considerando os locais e a forma como são praticados, principalmente em relação ao turismo e às questões do meio ambiente. Em função das demandas serem diferenciadas dos demais esportes, pretende-se desenvolver um programa específico para estes esportes.

Outras iniciativas contribuintes na concretização da Política Nacional do Esporte:

1. Estabelecimento de cooperação internacional: em parceria com o Ministério de Relações Exteriores, é oferecido apoio técnico e material para implantação de programas nos moldes do Segundo Tempo em outros países.
 - a) Cuba: Consolida-se este ano o acordo firmando com Cuba, que prevê apoio técnico cubano para o Alto Rendimento no Brasil, e do Brasil para o futebol cubano.
 - b) Moçambique e Angola: estão sendo implantadas fábricas do Projeto Pintando a Liberdade. A de Moçambique está mais avançada e produzirá 7 mil bolas por ano e empregará 400 pessoas.
 - c) Rússia, Canadá e China: Também com esses países estão sendo implementados acordos similares ao de Cuba.
 - d) Uruguai e Paraguai: Com tecnologia brasileira estão sendo implantadas fábricas de materiais esportivos também nestes dois países.
 - e) Jogos da Amizade pela Paz: Já houve o das seleções do Haiti e Brasil e estão previstos das seleções do Mercosul e união européia.
2. Fundo de incentivo a projetos esportivos sociais - CONANDA: esta ação, que faz parte do Programa Segundo Tempo, visa atender melhor a demanda esportiva social do país, através de incentivos fiscais legais previstos no Art. 260 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse benefício é fruto da parceria firmada entre o ME e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA/Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, e tem como objetivo principal a inclusão social de crianças e adolescentes , por meio da prática esportiva no País.

A essência da Ação Projetos Esportivos Sociais é ampliar de forma indireta os recursos para o esporte desenvolvido com fim social, conforme prevêem os organismos internacionais e o governo atual, no que diz respeito à proteção dos direitos humanos da criança e do adolescente.

3. Lei de incentivo à formação de atletas: o programa foi criado para incentivar as entidades formadoras e financiar a base do esporte de rendimento, mediante a apresentação de projetos. Estão previstos recursos, no orçamento do ME, para esta finalidade específica, o que certamente irá promover um impacto significativo no esporte nacional. Identificou-se a carência de investimentos no Esporte de Base e na Formação Esportiva, que são os pilares do Esporte de Alto Rendimento.
4. Comissão de estudos jurídicos esportivos: a Comissão de Estudos Jurídicos Esportivos surgiu no âmbito do Conselho Nacional do Esporte - CNE com a demanda de contribuir com a atualização da legislação esportiva brasileira - CNE. Em 2004, elaborou o primeiro Código Brasileiro de Justiça Esportiva, homologado pelo CNE em 22 de dezembro de 2004, trazendo a atualização de mais de 15 anos nos códigos existentes.
5. Comissão de combate ao doping: o Ministro do Esporte, em 2003, determinou a criação da Comissão de Combate ao Doping no âmbito do Conselho Nacional do Esporte - CNE, com a tarefa de zelar pelo cumprimento do Código Mundial Antidoping da Agência Mundial Antidoping - AMA, do qual o Brasil é signatário, e cumprir os demais protocolos e compromissos assumidos pelo País. Em abril em 2004, a Comissão apresentou ao CNE um conjunto de normas com o objetivo de adaptar a legislação nacional às regras internacionais emanadas da Agência Mundial Antidoping e estabelecer e divulgar a lista de substâncias e métodos proibidos na prática do esporte. O trabalho da Comissão foi homologado pelo CNE e publicado como Resolução nº 02 em 5 maio de 2004. Já atualizada, em dezembro de 2004, pela Resolução nº 03, trazendo a nova lista de medicamentos e métodos proibidos para o ano de 2005.
6. Comissão permanente dos clubes esportivos sociais: criada com a finalidade de promover estudos e propor ações voltadas para a revitalização dos Clubes, direcionadas à formação e ao desenvolvimento de atletas e à utilização de seus esforços esportivos em programas sociais, com incentivo da prática do esporte de participação e do lazer.
7. Participação da sociedade: feita através de:

8. Conselho Nacional de Esportes - CNE: Órgão Colegiado Consultivo, que delibera, normatiza e assessora o Ministério do Esporte. O Conselho é composto de representantes das entidades nacionais de administração e de prática esportiva, dos gestores estaduais e municipais do esporte, de atletas e dirigentes esportivos, da sociedade civil organizada, e de representantes de áreas de conhecimento relacionadas ao esporte.

Comissão Nacional de Atletas - CNA: Foi criada pela Portaria nº 127 de 17 de Outubro de 2000, para representar os interesses da classe junto ao Governo Federal. É formada por esportivas e paradesportistas de destaque no cenário internacional, nomeados pelo Ministro, e está trabalhando para elevar o nível do esporte no Brasil, apoiando ações e encaminhando propostas que objetivem resgatar o potencial máximo em termos de desenvolvimento desportivo. As normas e regras da Comissão estão estabelecidas em um regimento interno, criado e aprovado pelos próprios participantes, que também têm autonomia para escolher e convidar novos atletas para integrá-la.

Conferência Nacional do Esporte: Realizada pela primeira vez em 2004, mobilizou 83 mil pessoas em todo o País. Por portaria do ministro do Esporte, foi criado grupo de trabalho para a partir dos resultados estruturar o Sistema Nacional de Esporte, conforme decisão da Plenária Final, constante da Carta de Brasília. A periodicidade da conferência é bianual e sua instituição garantiu um importante canal de interlocução com a sociedade.

Ouvidoria: A Ouvidoria é a unidade responsável por receber, registrar, conduzir internamente, responder e/ou solucionar as manifestações (reclamações, sugestões, elogios, denúncias e solicitação de informação) de cidadãos-usuários, internos ou externos, e de instituições acerca das atividades e serviços de competência do Ministério do Esporte, com o intuito de aprimorar ou corrigir os serviços prestados.